

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS CURSO DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
MESTRADO**



Dissertação

**Do nomadismo ao sedentarismo: transformações da identidade
e da cultura Romani na região de Rio Grande e Pelotas.**

Mabielle Pedra Fanti

PELOTAS 08/2021

Mabielle Pedra Fanti

Do nomadismo ao sedentarismo: transformações da identidade e da cultura Romani, na região de Rio Grande e Pelotas.

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinícius Spolle.

Coorientador: Prof. Dr. Rodrigo Marques Leistner.

Pelotas, 2021.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

F111d Fanti, Mabielle Pedra

Do nomadismo ao sedentarismo : transformações da identidade e da cultura romani na região de Rio Grande e Pelotas / Mabielle Pedra Fanti ; Marcus Vinícius Spolle, orientador ; Rodrigo Marques Leistner, coorientador. — Pelotas, 2021.

139 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. Romani. 2. Cultura. 3. Identidade. 4. Nomadismo. 5. Sedentarismo. I. Spolle, Marcus Vinícius, orient. II. Leistner, Rodrigo Marques, coorient. III. Título.

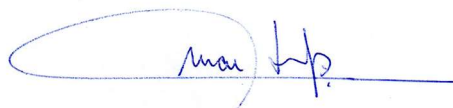
Elaborada por Leda Cristina Peres Lopes CRB: 10/2064

Mabielle Pedra Fanti

Do nomadismo ao sedentarismo: transformação da identidade e da cultura Romani na região de Rio Grande e Pelotas.

Data da defesa: 27 de agosto de 2021.

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Marcus Vinicius Spolle (Orientador). Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)



Prof. Dr. Rodrigo Marques Leistner (co-orientador). Doutor em Ciências Sociais pela Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS).



Prof. Dra. Maria Patrícia Lopes Goldfarb. Doutora pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).



Prof. Dr. Cleiton Machado Maia. Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a minha família que sempre esteve ao meu lado me apoiando ao longo de toda a minha trajetória. A minha mãe pela dedicação, por acreditar em mim e me apoiar em tudo na vida. Ao meu pai em sua memória, agradeço pelos ensinamentos da vida.

Ao meu avô, que infelizmente foi vitimado pelo COVID-19 e está entre as mais de quinhentas mil vidas cerceadas por esse vírus, mas ele sempre acreditou em mim e foi o maior incentivador. A minha vó pela educação, apoio e confiança.

Ao meu irmão e afilhado Ygor, que por ele faço tudo, por estar ao meu lado e por me fazer ter certeza de que tudo vale a pena e seguir em frente.

Ao meu namorado Bruno, que acima de tudo é um grande amigo, sempre presente nas ocasiões difíceis com uma palavra de estímulo e amor. A Isa, pela alegria e descontração, quando estava nos momentos mais difíceis da dissertação ela conseguia fazer os meus dias mais felizes e leves.

Agradeço ao meu orientador Dr. Marcus Spolle por aceitar conduzir o meu trabalho de pesquisa, e me ajudar desde o início do curso. Ao meu Coorientador Dr. Rodrigo Leistner pelo auxílio, amizade e apoio de sempre, obrigada pela ajuda de todas às vezes.

Aproveito para agradecer a todas e todos os interlocutores por aceitarem dividir um pouco de suas trajetórias e de seu tempo.

A todos os meus Professores e Professoras do curso de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas e a Universidade pela excelência e qualidade do ensino.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), código de financiamento 001, pela bolsa concedida durante o último ano da pesquisa.

Aos meus amigos pela amizade e paciência de aceitar a minha ausência na construção da pesquisa.

Aos meus colegas de curso, do mestrado, doutorado e grupos de pesquisa e extensão pelas trocas de ideias e conhecimento.

Obrigada!

Dedico, *in memorium*, este estudo ao meu avô e pai Paulo Pedra, que sempre esteve comigo em todos os momentos da minha vida, me apoiando, incentivando e sempre acreditando em mim. Mesmo quando eu achava que não conseguiria, ele me motivava, aconselhava e me ajudava a superar os medos e adversidades. O perdi para esse vírus e não há um dia, que eu não sinta a sua falta; a tua presença era o meu sol de todos os dias. Te amo eternamente, saudades!

Resumo

FANTI, Mabielle Pedra. **Do nomadismo ao sedentarismo: transformações da identidade e da cultura Romani, na região de Rio Grande e Pelotas**. Orientador: Dr. Marcus Vinicius Spolle. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

A presente pesquisa buscou cooperar para as ciências sociais, no sentido de entender a ressignificação da identidade e da cultura a partir dos processos de transição do nomadismo para o sedentarismo. Considerando a relevância social da temática, tendo em vista que versa sobre grupos historicamente fragilizados, com enfrentamento de políticas anticiganas, perseguições e anticiganismo. Assim, o objetivo geral gira em torno das transformações da cultura e da identidade Romani, com o processo de sedentarização e a partir de contextos urbanos específicos (Rio Grande e Pelotas). Quanto aos objetivos específicos, propõe-se a análise da identidade a partir dos novos significados que os sujeitos vão construindo nessas realidades e sociabilidades que passam a partilhar; observando como os sujeitos vão criando e recriando sua teia de representações e significados culturais; não apenas nos espaços urbanos sinalizados, mas ainda em espaços virtuais que surgem na pesquisa como campo privilegiado no qual os sujeitos vão se ressignificando ou reafirmando suas práticas, culturas e identitárias. Do ponto de vista teórico, para tratar das questões do processo de sedentarização com apoio em Deleuze e Mafessoli e Said, para entender a construção e as transformações da identidade e da cultura, utilizou-se da teoria pós-colonial de Hall, Gilroy e Bhabha, assim como o viés antropológico de Geertz, Wagner e Oliveira; pensando o Ciberespaço por Lévy e o entrecruzamento da história, memória e identidade principalmente através de Candau e Halbwachs. Utilizando de metodologia qualitativa, os procedimentos metodológicos utilizados na investigação são a etnografia, entrevistas narrativas, netnografia e em menor escala dados quantitativos (governamentais e não-governamentais).

Palavras-chave: Romani, cultura, identidade, nomadismo e sedentarismo.

Abstract

FANTI, Mabielle Pedra. Advisor: Dr. Marcus Vinicius Spolle. **From nomadism to sedentary lifestyle: transformations of identity and Romani culture in the region of Rio Grande and Pelotas.** Dissertation (Masters in Sociology) – Postgraduate Program in Sociology, Institute of Philosophy, Sociology and Politics, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2021.

This research sought to cooperate with the social sciences, in order to understand the resignification of identity and culture, from the transition processes from nomadism to sedentary lifestyle. Considering the social relevance of the theme, considering that it deals with historically fragile groups, facing anti-Gypsy policies, persecution and anti-Gypsyism. Thus, the general objective revolves around the transformations of Romani culture and identity, with the process of sedentarization and from specific urban contexts (Rio Grande and Pelotas). As for the specific objectives, it is proposed to analyze the identity from the new meanings that the subjects build in these realities and sociability that they start to share; observing how subjects create and recreate their web of cultural representations and meanings; not only in marked urban spaces, but also in virtual spaces that emerge in the research as a privileged field in which subjects re-signify themselves or reaffirm their cultural and identity practices. From a theoretical point of view, to address the issues of the sedentarization process with support from Deleuze and Mafessoli and Said, to understand the construction and transformations of identity and culture, the postcolonial theory of Hall, Gilroy and Bhabha was used, as well as the anthropological bias of Geertz, Wagner and Oliveira; thinking Cyberspace through Lévy and the intersection of history, memory and identity mainly through Candau and Halbwachs. Using a qualitative methodology, the methodological procedures used in the investigation are ethnography, narrative interviews, netnography and, to a lesser extent, quantitative data (governmental and non-governmental).

Keywords: Romani, culture, identity, nomadism and sedentary lifestyle.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Romanis no Brasil (Calons e Rons)	32
Figura 2 - Jornal O Globo - A cigana que deu certo	44
Figura 3 - Jornal Correio RioGrandense	45
Figura 4 - Mapa do Brasil (presença de ciganos)	59
Figura 5 - Mapa entre Rio Grande e Guaíba	61
Figura 6 - Ciganagens entrevista Alice Stom	85
Figura 7 - Professora Espiritual	88
Figura 8 - Chá da vó: o sabor da tradição	90
Figura 9 - Jornal O globo: Tradição e vida moderna	93
Figura 10 - Joga-se Cartas e Búzios	97

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO.....	11
2 – HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE: ENTRECruzAMENTOS.....	29
2.1 - DIÁSPORA ROMA PELO GLOBO	29
2.2 - ETNIAS ROMA: CENSO E RECENSEAMENTO NA HISTÓRIA.....	34
2.3 - HISTÓRIA E MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ROMANI ...	36R
2.4 - POVO ROMANI, ENTRECruzAMENTOS: IDENTIDADE E MEMÓRIA	38
2.5 – PENSANDO A IDENTIDADE E A HISTÓRIA: SOB A MEMÓRIA DOS GADJÊS.	41
3 – DISCUSSÃO TEÓRICA: IDENTIDADE, CULTURA E RESSIGNIFICAÇÃO.	47
3.1 - NOMADISMO E SEDENTARISMO: NO PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO DA IDENTIDADE.	47
3.2 - PENSANDO A IDENTIDADE E A CULTURA	51
3.3 – CIBERESPAÇO: NOMADISMO E CULTURA.....	56
4 – DO NOMADISMO AO SEDENTARISMO: TRANSFORMAÇÕES IDENTITÁRIAS E CULTURAIS.	58
4.1 – DO NOMADISMO AO SEDENTARISMO	59
4.2 - CONTEXTUALIZAÇÃO AGENTES E GRUPOS: DA ITINERÂNCIA A FIXAÇÃO	63
4.3- RELAÇÕES SOCIAIS: ANTICIGANISMO E CONFLITOS	73
4.4 – CATEGORIA DE ANÁLISE: IDENTIDADE E RESSIGNIFICAÇÃO.....	79
4. 5 – CATEGORIA DE ANÁLISE: CULTURA E TRANSFORMAÇÃO	92
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	118
ANEXOS	124

1 - Introdução

Em 8 de abril¹ de 1971 foi realizado o Primeiro Congresso Romani na Inglaterra, momento marcante para os povos Rhoma tendo em vista que foram tratadas questões de lutas jurídicas, de direito sociais, definição e ressignificação de símbolos culturais, tais como definição de sua bandeira² e hino. Mas, também foi um marco para os movimentos romanis que começaram a surgir na Europa³ no pós segunda-guerra mundial, sendo uma ocasião de institucionalização destes movimentos (COSTA, 2015; LIMA, 2014).

Com uma intensificação das demandas identitárias e culturais de ocorrência global; o movimento romani também se refletiu no Brasil, principalmente a partir da década de 1980 com a União Cigana do Brasil, sob a representação de Mio Vacite (GOLDFARB et.al.;2019) e reconhecida pela Internacional Roma Federation (INC) que é afiliada à ONU.

Foi neste primeiro congresso, que firmaram a palavra Rhomá (roma) como forma geral de utilização em detrimento de outras variações, como: cigano⁴. Assim, a categoria romani/roma⁵ será utilizada na presente dissertação, tendo em vista toda sua construção social, história e política. Segundo Goldfarb (idem), quanto as terminologias *Romani* é utilizado como adjetivo, *Rom* como referência a um membro do grupo e *Roma* sua forma plural.

Segundo Toyansk (2012; 2019), os roma são um grupo étnico heterogêneo que têm suas origens indianas, estando divididos em subgrupos com qualidades culturais, sociais e vivencias identitárias diversificadas. Salienta que, frequentemente a identidade romani é associada ao nomadismo, porém aponta que grande parte da população roma mundial é sedentária, considerando o nomadismo como modo de

¹ Que tornou-se o dia mundial dos Povos Romani; no Brasil comemora-se o dia nacional do Cigano em 24 de maio, desde 2007.

² Com duas faixas horizontais de mesmo tamanho, sendo azul em cima verde e embaixo azul. O azul simboliza o céu e o verde a terra, no meio uma roda vermelha como símbolo do nomadismo. Também foi oficializado, o hino Roma "Gelem, Gelem" ou Caminhei, caminhei, que em parte traz alusão ao holocausto, em que mais de 600 mil ciganos foram levados aos campos de concentração e mortos. (COSTA et.al.; 2015).

³ Surgiram em alguns países como Polônia e Romênia.

⁴ Outras variações como: zíngaro e gypsy.

⁵ Haja vista, toda a carga pejorativa e negativa que a palavra "cigano" carrega, o que pode reforçar estereótipos

subterfugio utilizado pelos grupos como tática de sobrevivência.

No entanto, ao discorrer sobre grupos romanis, questões diaspóricas se projetam e se entrelaçam com cultura e identidade destes grupos, com isso, logo se remete a um viver itinerante, sem fixação, em mobilidade (fluxo), por fim deslocamento; como se ser roma fosse análogo a ser nômade. É claro que, ao compulsar a história o nomadismo (em sentido de expulsão compulsória) é parte marcante da sua trajetória pelo globo, tais grupos tendo estado em constantes fluxos, indo e vindo às mais diversas rotas migratórias; o que por muito tempo acompanhou sua identidade, e, também, um de seus elementos culturais acentuados.

Embora o nomadismo não defina o que é ser romani, podendo esta ser uma característica de alguns grupos ou divisões étnicas (Calon, Sinti e Rom)⁶ processos de sedentarização nos quais tais grupos se fixam em territórios urbanos tornam-se cada vez mais frequentes, gerando-se questionamentos sobre as dinâmicas de sua identidade e cultura. É nesse sentido que este trabalho busca investigar os sentidos das transformações identitárias e culturais que envolvem os processos de territorialização de grupos romanis em contextos urbanos específicos. Quando sedentarizados, a cultura espriasse e fragmenta-se, internalizando-se novos elementos culturais desenvolvidos na interação com a sociedade envolvente. Como salienta Geertz (2008), a cultura não é inerte e está em constante transformação a partir das trocas simbólicas e de sua resignificação. Assim, como a cultura é fragmentada a identidade (HALL, 2006) também passa a ser transformada a partir das novas sociabilidades.

Contudo, é necessário chamar atenção ao fato de que, ao refletir sobre as transformações culturais e identitárias de grupos romanis em processos de sedentarização nossa reflexão projeta tais realidades considerando as complexidades que envolvem o dinamismo da produção das identidades em contextos globais, onde o sentido de pertencimento e absorção de elementos oriundos de diferentes culturas passou a ser mais plural, observando-se um hibridismo cultural (Cf. HALL, 2006; BHABHA, 1998), através do qual a própria cultura romani passou a ter visibilidade. Nesses processos, a própria cultura não é mais apenas alvo de atitudes repressivas e perseguições, passando a ter visibilidade e adaptações externas que partem das lógicas de consumo cultural e étnico em que elementos da sua cultura (como a dança,

as práticas divinatórias etc.) passam a ser ressignificadas.

Em vista disso, a identidade não pode partir de um espectro unificado, fundamental e absoluto (GILROY, 2007). Então, a construção da identidade romani, com sua base diaspórica não deixa de existir, mas não é fixa e comporta os processos de identificação que passam a acontecer. Ressignificando-se na alteridade, até porque, quando itinerantes há uma tendência em manterem-se mais fechados, e com esparsos contatos com a exterioridade social (com a passagem ínfima nos locais, os laços eram frágeis), com o sedentarismo o contato e a sociabilidade são ampliados, para além das relações entre os sujeitos do grupo, e passam a conviver mais com outros sujeitos e compartilham do *ethos* do meio que vivem, em uma interlocução cultural e identitária.

Quanto a temática o interesse surgiu no III Simpósio de Sociologia da FURG, no ano de 2017 quando tratado no “Comitê dos Povos e Comunidades Tradicionais dos Pampas”, ocasião que estava presente à romani Rosecler Winter (participante deste Comitê), que tratou sobre os enfrentamentos, conflitos e situações de preconceito experimentadas pelas comunidades romanis, com enfoque no Rio Grande do Sul. O interesse no tema também tem relação com diversas manifestações hostis em relação a um grupo romani que se encontrava na cidade do Rio Grande, não apenas em redes sociais, mas em interações cotidianas dirigidas ao indivíduo romani. Neste sentido, abordei a temática dos grupos romani na sociedade gaúcha atual, no Trabalho de Conclusão de Curso, na Especialização em Sociologia, pela Universidade Federal do Rio Grande, dando-se continuidade no mestrado.

Quando inicie a pesquisa e exploração do campo empírico, para realização da monografia da especialização, algumas lembranças de minha infância voltaram a permear minha mente. Momentos que fizeram rememorar, que próximo da casa que morava com meus pais, durante o ano (mais no verão, lembro que eram dias quentes e ensolarados), assim apareciam barracas grandes e de lonas coloridas abeiravam seus veículos e se alojavam no campo às margens da Avenida Itália. As mulheres romanis estavam lá, com suas saias e roupas coloridas, em sua grande maioria com saias e vestidos com babados, o que acabei por descobrir na exploração empírica, que as mulheres da etnia Calon costumam usar bastante babados em suas roupas. Lembranças vividas de encanto de menina, da minha mãe que adorava os tachos, panelas e adornos de cobre que colocavam em exposição e à venda; porém do mesmo modo inesperado que chegavam, logo seguiam adiante, da noite para o dia, e

isto já são mais de vinte anos da última vez que os avistei naquele espaço.

Com essas lembranças muito vívidas comecei à pesquisa empírica. Percebia que no centro da cidade do Rio Grande, próximo à Catedral de São Pedro, ficava um grupo de mulheres romanis “lendo à sorte”. Como fazia este caminho todos os dias continuamente, passava por elas e as cumprimentava e era cumprimentada, sempre com uma relação respeitável e cordial. No entanto, percebia estavam na cidade, mas não tinha barracas ou acampamento em parte alguma. No parco conhecimento que tinha destes grupos, acreditava que só viviam em constante deslocamento/trânsito, sendo surpreendida ao descobrir que há muitos anos já não viviam em barracas, mas em residências.⁷

Ao adentrar o campo empírico, segundo minhas fontes, a partir da década de 1980⁸ há uma tendência de grupos romanis sedentarizar-se, fixando residência. Não apenas os grupos que fiz inserção etnográfica, mas com a revisão bibliográfica outros autores apontam esta disposição, como no caso dos ROMANIS de Souza/PB, que fixaram residência naquele local desde meados da década de 1980. Essa tendência também é percebida nos estudos de MOONEM (1993-2011), GOLDFARB, (2010), CUNHA (2013) e RÊSES et al. (2018).

Importante definir que, a cidade do Rio Grande é portuária com fluxo de pessoas e transeuntes, tendo o maior porto do Estado do Rio Grande do Sul e que por alguns anos teve o auge da indústria naval do Estado (chamado polo naval de Rio Grande), sendo esse um dos pontos que atraíam as romanis que vinham de Guaíba, para “ler a sorte” dos passantes no centro da cidade (conforme relato etnográfico)⁹. Em síntese, elas relatam que há diferença na cidade de Rio Grande de quando o polo naval estava em plena atividade, apontando que conseguiam captar mais consulentes tanto para leitura de cartas, prática da quiromancia e as vendas de suas ervas de chás (banhos e consumo). Porém, mesmo com a queda do movimento de pessoas na cidade (como elas apontam), continuam retornando e mantendo suas práticas nos espaços públicos.

⁷ Neste imaginário, projeta-se a identidade e cultura cigana como essencialmente nômade, não compartilho desta perspectiva para não essencializar e generalizar tal percepção.

⁸ Importante salientar que, na década de 1980 o Brasil passou pelo processo de redemocratização, tendo em vista o fim da ditadura militar e a Constituição Federal de 1988, que trouxe em seu artigo 5º os direitos e garantias fundamentais, com ênfase nos direitos sociais.

⁹ Conforme relato etnográfico, narrado por Sandra do grupo de Rio Grande, uma das interlocutoras que foi realizado o campo empírico etnográfico.

O município de Pelotas é um expoente socioeconômico na região, contando também com área Portuária e desde o século XIX com desenvolvimento de indústrias e com o processo de fabricação de carnes. Ainda, no município de Pelotas há uma percepção antiga sobre o povo Romani, tendo em vista a crença na “Cigana Terena” personagem que está enterrada no cemitério Ecumênico São Francisco de Paula, sendo um dos túmulos mais visitados e agraciados com flores e homenagens nos dias dois de novembro. Nesse sentido, importante na escolha da realização do campo empírico, haja vista esses entrecruzamentos além de serem municípios vicinais.

O intento de utilizar a ressignificação é para observar que as culturas e identidades tradicionais com a modernidade não desaparecem ou que há um rompimento total destes grupos, mas sim uma transformação. Giddens (1991) aponta como consequência da modernidade a mudança das sociedades mais tradicionais, pois afeta sua rotina e práticas sociais, porém, também alerta, que a tradição não é estática, haja vista que a cada geração é reinventada a partir da herança cultural anterior.

Em síntese, com base no exposto, é possível definir o objeto desta investigação a partir da análise dos processos de ressignificação da cultura e identidade roma a partir da sedentarização dos grupos romanis em contextos urbanos específicos (Rio Grande e Pelotas), bem como no ciberespaço (dimensão que se demonstrou relevante no contexto estudado), mas considerando o nomadismo como elemento subjetivo que faz parte da trajetória de vida destes sujeitos. Ou seja, trata-se de um contexto de transição de grupos nômades que passam pelo processo de sedentarização, considerando as negociações do processo de alteridade que vai construindo e reconstruindo as dinâmicas identitárias e culturais, seja em contextos específicos (espaço território), mas também, no ciberespaço. O ciberespaço vai se edificando e fundamentando como um novo espaço de possibilidade para estas dinâmicas identitárias e culturais. Assim, configurando-se estas mudanças em espaços urbanos, mas, também em espaços virtuais.

Do mesmo modo, a partir das questões anteriormente levantadas e em observância ao objeto de pesquisa com o contato com o universo empírico, surge um fenômeno a ser pesquisado, nesta linha o problema que norteará a pesquisa é o seguinte: A mudança (configuração espacial, tendência de sedentarização) que vem ocorrendo desde a década 1980 (como observa-se nas pesquisas levantadas) no Brasil com os grupos romanis a cultura e a identidade se transformam. Quais as

transformações e ressignificações da cultura e da identidade roma? De que forma está ocorrendo?

Assim, a partir dessas questões o objetivo geral é compreender o processo de sedentarização/nomadismo de grupos romanis em contextos urbanos específicos (Rio Grande e Pelotas), e assim buscar entender de que forma a identidade e a cultura romani se transformam e se (re)significam a partir destes novos contextos e realidade.

Já os objetivos específicos, que alicerçam esta pesquisa são: a) analisar a identidade a partir da ressignificação e nos processos de alteridade, com maior contato com a sociedade envolvente, haja vista os processos de sedentarização dos grupos Romani; b) registrar qual a importância da história e da memória na construção da identidade e das subjetividades dos sujeitos Romani; c) observar de que forma a cultura vai se transformando e (re)criando seus significados, considerando o anticiganismo como uma variante que atuou (causa ou influência) nesse processo; d) verificar se o acesso e a socialização no ciberespaço pode ser instrumento presente na ressignificação, ou atuando como forma de reafirmação identitária e cultural.

Quanto ao surgimento da hipótese é que o processo de transição do nomadismo para o sedentarismo pode transformar e ressignificar a identidade e a cultura desses coletivos, mas, por outra via pode servir como mecanismo de diferenciação em que os grupos Romani reforçam suas lógicas culturais e identitária mais tradicionais.

Importante frisar, que a pesquisa vem sendo constituída desde 2017, primeiramente na construção da monografia da especialização, após continuou a inserção etnográfica com entrevistas, relatos no caderno de campo e a etnografia propriamente. Muito embora, com os percalços que todos estamos passando, por conta da pandemia do vírus COVID-19, momento social e histórico de repercussão mundial, que afeta todos e todas, e neste passo todas as pesquisas em andamento, ainda mais quando tratamentos de etnografia e comunidades tradicionais, caso dos romanis. O que, motivou também, o olhar para o ciberespaço e como as interações sociais desses grupos passam a se estabelecer.

O processo de transição do nomadismo ao sedentarismo de grupos Romani ainda é pouco abordado, as pesquisas não trazem como enfoque este processo, fazendo algumas menções, tratando em segundo plano, mas não como objeto de estudo propriamente; ainda, as pesquisas não tratam da ressignificação, ou até mesmo, das transformações da identidade e da cultura roma a partir da fixação destes

grupos. Haja vista que a pesquisa não se dispõe em pensar a cultura e a identidade romani no sentido essencializador destes aspectos, mas propõe observar a ressignificação e a possibilidade de transformação de suas lógicas e códigos. Sendo que, este estudo não se trata de uma reprodução da temática, pois os enfoques nas pesquisas realizadas não são esses. Já sendo um dos subsídios importantes para que este trabalho se justificasse.

Ao se pesquisar processos de sedentarização e territorialização cultural estamos lidando com fenômenos opostos às tendências contemporâneas contempladas nos processos culturais atuais, como no caso dos fenômenos de desterritorialização da cultura resultante da interface dos fluxos globais de informação (HANNERZ, 1997). O fenômeno aqui estudado permite um olhar contrário sobre lógicas de desterritorialização em voga não apenas na sociedade atual, mas também na antropologia e sociologia hodiernas.

A pesquisa também se justifica com base no contexto geográfico abordado, observando-se que análises sobre diferentes grupos étnicos no Estado do Rio Grande do Sul contrariam a tendência estabelecida no senso comum de não reconhecer a diversidade cultural e identitária presente nesta região brasileira, a qual historicamente enaltece os grupos hegemonicamente brancos (italianos, alemães, entre outros) em detrimento de outras minorias étnicas, tornando-as invisíveis. E, ainda que, haja estudos e pesquisas com o tema Romani no Rio Grande do Sul, são voltadas principalmente, as áreas de antropologia e de história, na metade sul do estado às pesquisas sobre estes grupos são ainda mais parcas, principalmente, no que tange a sociologia.

Partindo da estabilização em determinado espaço, no caso dos Romani é que irá possibilitar que os sujeitos tenham mais contato com outros meios e estabeleçam vínculos duráveis, e com isso mais socialização. Primeiro, seja com a comunidade vicinal, comunidade escolar, espaços comuns com a sociedade adjacente em que passa a ter um contato maior e abrangente, seja por meio das mídias locais (jornais, televisão, indústria cultural), ou seja, abre-se um leque de possibilidades.

Neste sentido, o espaço virtual também estaria presente na constituição das identidades e nas dinâmicas de alteração das estruturas da cultura, não somente no sentido do contato direto com a comunidade adjacente, mas também no ciberespaço, principalmente mídias sociais como o Facebook, que expande suas redes neste não espaço virtual, verificando certa dinâmica de movimento neste meio, fazendo parte

deste processo de socialização múltipla demonstrando a aproximação com o contexto urbano.

Torna-se necessário recuperar alguns estudos que desenvolveram ideias sobre temáticas similares a nosso objeto de pesquisa, sobretudo aqueles que se propuseram interpretações sobre os processos de sedentarização de comunidades romanis. Trata-se aqui de recuperar, ainda que de forma breve, a literatura especializada que ajuda a balizar nossa investigação. Importante esclarecer que esse espaço não se limita e exauri todas as produções bibliográficas e pesquisas desenvolvidas que tratam de sedentarização, nomadismo, identidade e cultura romani ou os mais diferentes enfoques que versam sobre a temática romani, mas disponibiliza de forma mais ampla o que foi estudado e pesquisado dentro do tema no âmbito brasileiro, mas também em outras partes do mundo.

Trabalhos relevantes que tratam da historicização das etnias Romani, como Pereira (2009) que se dedica a temática desde a década de 1980, que inicia seu trabalho com uma abordagem da vida e os enfrentamentos de grupos romanis no Brasil, refletindo sobre aspectos históricos percorridos ao longo dos séculos. Nesta mesma linha, Andrade (2013) aborda as questões históricas no Brasil que levaram o processo de exclusão dos roma, por meio de pesquisa bibliográfica e documental aponta a normatização do preconceito que era legitimado pelo Estado, que identificava os roma como indivíduos inferiores e desnecessários, quando trata das condições atuais vivenciadas por grupos romanis.

No livro “Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa”, que faz um mapeamento de grupos no pampa gaúcho, dentre os coletivos estão as etnias Romani, o processo de sedentarização de grupos roma é observado, mesmo que de maneira tímida, pois identifica que algumas famílias romanis decidem fixar residência, ainda que mantenham as características e formas de organização interna similares ao ambiente dos tradicionais acampamentos e barracas (MAZURANA, 2017). No mesmo sentido, Andrade (2013) aponta que há muitos grupos roma sedentarizando-se e que, com isso, acabam por perder sua característica de estar em movimento. Este autor argumenta que, ao longo da história, em específico no Brasil, a sedentarização talvez tenha sido inviabilizada através de leis que peremptoriamente condicionavam esses grupos a itinerância¹⁰. Em outro exemplo, em entrevista ao

¹⁰ Nesse mesmo estudo, o autor identificou que os grupos nos quais foram realizados os estudos empíricos tratava-se de grupos seminômades ou semisedentários, que vivem no Estado do Rio

programa *Provocações*, na TV Cultura, realizada no ano de 2011 Marcia Yaskara Guelpa disse que, na atualidade, a maioria dos roma está se estabelecendo e fixando-se territorialmente, apontando que no Brasil é mais fácil mapear os roma nômades do que os sedentarizados¹¹.

Em contexto fora do território brasileiro, em 1997 foi realizada pesquisa sobre etnicidade roma, exclusão social e racismo na cidade do Porto, em Portugal, identificou-se que em 1995 já existiam no norte do país grupos romanis sedentarizados, nesta pesquisa conclui-se que a partir da década de 1940 com a industrialização o processo de sedentarização passou a crescer consideravelmente naquele país, as atividades econômicas desenvolvidas por romanis sendo remanejadas e os mesmos se inserindo em novos contextos de atividades produtivas (MENDES, 1997). Em outro trabalho, internacional, por meio da teoria da identidade social foi desenvolvida pesquisa no sentido de analisar a construção do estereótipo romani no imaginário de determinado grupo rural, constituído por mulheres não romanis. Trata do medo como um dos principais aspectos que mantém a exclusão dos roma da sociedade, definindo que o medo pode formar barreiras entre os grupos sociais e ampara a constituição dos estereótipos. Assinala que, o preconceito e a discriminação dispendida aos roma estão intimamente ligados ao medo, à formação nômade e a aparência de forasteiro – de indivíduo estranho ao meio social estabelecido -, contribui para essa realidade (BONOMO et.al., 2011). Dialogando com a questão do nomadismo romani, que nesta pesquisa surge como elemento que provoca medo aos demais grupos.

De modo panorâmico, no Brasil a temática romani é estudada e pesquisada, tanto pela perspectiva da identidade, estigma, preconceito e cultura, mas até mesmo na história e na literatura, por vários autores como: Moraes Filho (1885;1886), Karpowicz (2014;2018), Rezende (2000; 2006), Ferrari (2002; 2006; 2010), Pereira (2009); Moonen (1993-2011; 2011; 2013), este último trabalhou cultura, identidade, preconceito e políticas públicas romani, ainda, com estudo sobre os ranchos romani em Sousa/ PB, fixados neste município há mais de 30 anos; com pesquisa neste mesmo campo empírico Goldfarb (2010) trata da sedentarização deste grupo com

Grande do Norte, na região do Seridó Potiguar, semiárido nordestino.

¹¹ GUELPA, Marcia Yaskara. Entrevista concedida a Antonio Abujamra. *Provocações*, TV Cultura, 22 de Abril de 2011. Disponível em: http://tvcultura.com.br/videos/12512_provocacoes-entrevista-a-cigana-marcia-yaskara-guelpa-bloco-1.html

reflexões sobre a memória, como ponto de partida as lógicas de fixação a partir do intercâmbio político com líderes locais, mas o cerne da pesquisa está na edificação da identificação coletiva.

Importante salientar, que apesar de toda a contribuição dos estudos e pesquisas de Moonen para a temática romani, este acaba por essencializar os grupos e torna-se muito culturalista e determinista, pois em sua pesquisa acaba por recair no que é ser “*um verdadeiro cigano*” e de alguma forma tenta “*definir o que é ser cigano*” (2001, p.15), no que tange o que é ou não ser roma. Já Goldfarb, que começa suas pesquisas após Moonem, seu estudo aborda o mesmo campo empírico, não segue esta linha, mas contribui mais fluidamente para os processos identitários e por meio da memória traz o nomadismo; ainda aborda outros estudos como a educação das crianças calon e como são as representações dos roma no ciberespaço.

Em outro estudo realizado na comunidade romani de Souza/PB, Batista e Medeiros (2015), apontam que desde a década de 1980 há um crescimento da população romani na naquela região e trazem uma reflexão sobre nomadismo e diáspora, considerando questões diaspóricas judaicas para a discussão. Apontando que, há uma reconfiguração dos modos de existência que o passado e a memória se apresentam no tempo presente destes grupos romani, como na formatação e disposição dos seus espaços e organização familiar. Este ponto é bem próximo do vivenciado e constatado durante o campo empírico com o grupo Kalderash de Pelotas, que demonstram em seu ambiente o passado e a memória mesmo morando em “casas”. O “morar em casas” se mostra como uma atualização de um modo de viver, neste sentido apontam as autoras que, o nomadismo gira em torno do passado, mas está no discurso do presente e estes grupos utilizam como artifício de construção de suas identidades.

O Estado da Paraíba, por meio de estudos realizados por pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba, principalmente do Programa de Pós-graduação em Antropologia, uma concentração de grupos ciganos neste estado, além do Rancho na cidade de Souza, foram mapeadas famílias e grupos roma nas cidades de Campina Grande e Patos, que mesmo de forma secundária demonstram a fixação destes grupos nestes locais desde a década de 1980. Fixação levada por conflitos entre grupos romani ou por questões arraigadas no preconceito, e celemas com a sociedade envolvente.

Outra pesquisa que suscitou a hipótese do estranhamento entre a sociedade

adjacente e os grupos e/ou indivíduos roma, que pode sustentar interações conflituosas e reforçar estereótipos foi realizada nos Estados de Sergipe e Alagoas, a referida pesquisa quantitativa em que foram realizadas entrevistas estruturadas para analisar as representações sociais e crenças coletivas sobre índios e roma. Os estudos realizados serviram para analisar “*o papel da distância e da proximidade (indicadores de contato) em relação a índios e ciganos, a fim de avaliar como operam estereótipos desumanizadores frente a esses grupos*” (LIMA, et.al, 2015, p.221). Em sede de conclusão desvendaram que, a imagem constituída pelos entrevistados em relação aos romani é mais pejorativa, deslegitimadora e de exclusão moral, ainda observaram que morar perto de ciganos não diminui está imagem, pelo contrário, pode até piorar.

Tratando de grupos Romanis sedentarizados e o Estado do Rio Grande do Sul, na cidade de Pelotas/RS, Peripolli (2013) abordou em sua pesquisa uma visão do cotidiano do grupo, em evidência as questões de gênero, do feminino, de como é ser mulher e romani (construção da identidade e a relação cultural), com pesquisa qualitativa e utilizando-se da etnografia e de entrevistas narrativas. No início de sua dissertação já aponta a tendência da sedentarização dos grupos, manteve contato com os grupos de 2009 até 2013, neste período identificou esta tendência: “*Uma característica comum a todas as famílias entrevistadas é a diminuição gradual das viagens e uma grande tendência à sedentarização*” (p. 55). Ao tratar das interações dos roma de seu campo empírico em relação com outros indivíduos (não romanis) na cidade de Pelotas/RS, as interações são “*medidas pelo imaginário popular em torno de um ‘cigano genérico’ que seria nômade, viajante, conhecido culturalmente como moradores temporários, ainda que muitas famílias tenham se tornado fixas em suas residências na cidade*” (p. 39-40). Importante salientar, que a sedentarização não é abordada no eixo da pesquisa, muito embora esteja presente, mas não foi explorada esta questão.

Em retrospectiva as pesquisas desenvolvidas sobre a temática romani no Rio Grande do Sul, nas cidades de Gravataí e Porto Alegre foi desenvolvida pesquisa que analisou como se desenvolve a identidade romani, por meio da perspectiva cultural dos grupos e os métodos utilizados foram observação participante e entrevistas semiestruturadas. Karpowicz (2014) analisou as diferenças culturais e tradicionais de grupos já sedentarizados, nas referidas cidades gaúchas. Ainda abordou questões identitárias de como os roma se consideram (um olhar de si), mas, também, de que

forma a sociedade adjacente os distinguem ao longo da história.

O pesquisador Shimura (2017), traz relevante saber na construção da identidade e cultura romani, pois como pesquisador e romani coloca e compara sua situação sedentarizada e a formação de sua identidade a partir dos seus laços sanguíneos, por outro lado estuda um grupo itinerante que ele aponta como aqueles que vivenciam a ciganidade (estado de ser romani), e nestes aspectos contrastivos acaba por definir aspectos culturais que os distanciam, como o diferente estilo de vida, comportamentos e visão de mundo. Nas questões, teórica na construção do conceito de ciganidade, voltada para aspectos da identidade dos atores, utiliza-se de três perspectivas: “do senso comum”, “identidade cigana” e “a identidade cigana global”. Nesta construção, serve-se de Goffman, quando trata da perspectiva “do senso comum”, conceitua estigma e como se apresenta na identidade e constrói a identidade do ator (neste sentido a identidade social estigmatizada) e a relação entre atributo e estereótipo. Para este pesquisador, o estado de ser romani configura-se no nomadismo como *ethos*, de forma generalizante.

Então, as pesquisas, trabalhos e autores/as acima elencados são alguns dos textos empregados na composição do estado da arte desta dissertação, sendo aqueles textos que suscitam e evidenciaram possibilidades de auxílio, embasamento e de arcabouço para o curso do presente trabalho.

Quanto a metodologia para realização da pesquisa, a escolha teórico-metodológica desse trabalho tem como principal base a análise qualitativa, que tem um caráter exploratório, com enfoque mais subjetivo sobre o objeto em análise, para entender melhor as experiências, comportamentos e condutas. Segundo Bauer (2002), a pesquisa qualitativa trabalha com interpretações da realidade social, sendo importante para conduzir a apreciação dos dados coletados e basear a interpretação com observações mais minuciosas. Utilizou-se também, de arrolamento de bibliografia (artigos, pesquisas e estudos), reportagens jornalísticas em acervo digital de imprensa (jornal O Globo, Jornal Correio Rio Grandense, Estadão, revista Isto) e dados quantitativos em menor escala, para que os objetivos estipulados fossem atingidos.

Primeiramente, a pesquisa explorou dados históricos obtidos em revisão bibliográfica com objetivo de promover uma retrospectiva da historicidade dos grupos ciganos de forma mais generalista, entre suas diásporas, situações de itinerância, anticiganismo e a relação com a sociedade adjacente ao longo do tempo, variantes que podem ter incidido sobre o nomadismo cigano. Assim, importante para o objeto

de pesquisa, pois é possível verificar situações que levaram o nomadismo Romani ao longo do tempo, até chegar ao momento de processo de sedentarismo dos grupos, o que é o enfoque aqui abordado. Esta perspectiva histórica dos grupos ciganos, realizada por meio de revisão bibliográfica é relevante para a compreensão da realidade empírica pesquisada e com o entrelaçamento da história, memória e da identidade.

A pesquisa empírica propriamente dita estava sendo feita desde 2017, a partir dos primeiros contatos com grupos Romani e informantes individuais, assim destinando-se a atender o objeto principal de investigação que baseasse na etnografia¹² e na entrevista narrativa, que são duas técnicas de coleta de dados aplicadas, sendo indispensáveis para atingir o objetivo geral e os específicos que norteiam a investigação. Para compreensão do objeto de pesquisa e entendimento dos sujeitos do campo empírico, foram utilizados os seguintes métodos de coleta de dados: etnografia, netnografia, entrevistas narrativas e informais.

Importante a etnografia, pois o grupo Romani de Rio Grande não aceita gravações e fotos, desta forma somente os relatos e registros etnográficos do caderno de campo tornaram possível manter a relação entre pesquisadora e o campo, o que ocorreu desde final de 2017. Ainda, os grupos mantêm a tradição de transmissão oral¹³, nos relatos de campo tanto na história de suas experiências, memórias e ao pontuarem as alterações culturais e identitárias, todos os interlocutores (Grupo de Rio Grande, Pelotas e informante individual) sentiam-se mais à vontade para narrar quando não estavam sendo gravados. Nesse sentido, possibilitando uma maior abertura do campo para tratar da questão do processo de transição do nomadismo e ao sedentarismo, o que foi importante a visão de Deleuze do nomadismo como um elemento subjetivo, que interfere na construção da identidade Romani, na cosmologia do espaço e convindo/convívio para compreender o vínculo entre memória e identidade.

Igualmente, utilizando-se de entrevistas narrativas e conversas informais tanto

¹² *A etnografia baseia suas conclusões nas descrições do real cultural que lhe interessa para tirar delas os significados que têm para as pessoas que pertencem a essa realidade. Isto obriga os sujeitos e o investigador a uma participação ativa onde se compartilham modus operandi (tipos de refeições, formas de fazer, etc.)*. (TRIVIÑOS, 1987, p.121).

¹³ *A tradição oral foi definida como um testemunho transmitido oralmente de uma geração a outra. Suas características particulares são o verbalismo e sua maneira de transmissão, na qual difere das fontes escritas*” (KI- ZERBO, 2010, p.140).

para a reconstrução da memória, para também perceber as transformações e ressignificações identitárias e culturais, por meio das trajetórias de vida e seus atravessamentos. Foram realizadas oito entrevistas narrativas (apenas uma foi feita com homem, Gerson) com o grupo Romani de Pelotas/RS, duas entrevistas com a informante individual de São Leopoldo/RS. As conversas informais não foram gravadas, mas estão nas anotações do caderno de campo. Importante abordar que as entrevistas utilizadas haviam sido realizadas antes da pandemia do COVID-19, bem como as anotações etnográficas que haviam começado em 2017/2018, o que possibilitou a continuidade da pesquisa mesmo no momento pandêmico, porém não consegui realizar entrevistas com os integrantes de mais duas famílias Romani que residem no bairro Fragata em Pelotas. Em 2020 comecei contato com outro grupo Romani, no todo eram três famílias divididas em três casas, sedentarizados há mais ou menos quinze anos na cidade Bagé/RS vivendo no bairro Jardim do Castelo, porém com a pandemia não consegui dar seguimento.

Salienta-se que as entrevistas, desde 2018 são coletadas e arquivadas, as perguntas são mais fluídas, pois causava certa animosidade para os integrantes dos grupos Romani quando a pergunta era determinada e dirigida; momento de cuidado para o não fechamento do campo. Tendo em vista, que nos primeiros contatos com o grupo causa certa desconfiança e que aos poucos está barreira vai se rompendo, então passam a conversar mais mostrar fotos, roupas e comidas que consideram de suas práticas sociais, sendo assim um momento de alteridade que demarcam sua identidade pelo: *“isso é cigano e não de vocês brasileiros”*¹⁴.

Após, a coleta dos dados sua organização e ordenação observou-se a partir dos objetivos específicos e das questões problematizadoras, o conteúdo dos dados e diretrizes com base na teoria aplicada (teoria pós-colonial e estudos culturais) para formulação das categorias analíticas, duas divisões *a priori*: 1) identidade e ressignificação; 2) cultura e transformações.

Como a pesquisa gira em torno dos processos de ressignificação da cultura e identidade cigana, a partir da transformação do sentido de nomadismo quando fixados/sedentarizados, com uma perspectiva qualitativa para entender estas subjetividades. Quanto ao campo empírico, o grupo Romani da cidade de Pelotas/RS, mora no bairro Fragata e estão sedentarizados há mais de 35 anos, fixaram residência

¹⁴ Relato etnográfico.

na referida cidade na metade da década de 80. Mantive contato com 11 pessoas da família e com outros sujeitos (as interações foram esporádicas) que se autodesignam Kalderash¹⁵, subgrupo da etnia Rom. Também foram realizadas observações com um grupo de Rio Grande/RS, suas partícipes (em torno de oito mulheres ciganas) se autodesignam Calón, mas se declaram simplesmente: “ciganas”. Contam que são de Guaíba/RS, mas lá fica a maior parte do grupo e que vão para cidade de Rio Grande e permanecem por alguns meses.

De forma secundária, também foram realizadas entrevista narrativas e informais com Rose Winter. Segundo Zaluar (2004), ao longo da pesquisa atores sociais importantes vão surgindo, seja para intermediar a inserção no grupo, ou surgem como informantes por ter vínculo estreito com a categoria que está sendo pesquisada. Assim, trazem na sua narrativa perspectivas de acontecimentos sociais importantes para o entendimento do objeto de pesquisa. Neste aspecto, a Cigana Rose é ativista cigana, sedentarizada, residente na cidade de São Leopoldo/RS e membro da etnia Sinti. Tem um papel de informante e de mediadora com os grupos Romani do Estado do Rio Grande Sul e outros estados brasileiros como Paraná e Paraíba.

Além de analisar as categorias que surgiram na pesquisa empírica, em fase de conclusão e em decorrência do período de distanciamento social (pandemia do COVID-19) foram coletados dados no ciberespaço, neste caso voltando-se para a netnografia. Verificou-se quando realizadas as entrevistas e na observação etnográfica (com registros no caderno de campo), a utilização das mídias sociais pelos grupos, nesse sentido a internet aparece como elemento comum entre os sujeitos, principalmente o Facebook. Observou-se que, sejam adultos ou adolescentes dos grupos têm acesso a essas redes e interagem nesse espaço. Com isso, importante como esta dimensão virtual está presente nas reconstruções das identidades e da cultura romani, que está se configurando no contexto contemporâneo e a internet é central nesta dinâmica atual.

Assim, partindo que a internet de modo geral está no acesso do dia a dia da

¹⁵ Ou Calderash. Entre os Roms podem ocorrer mudanças e variações na língua, dependendo dos subgrupos (MAZURANA et. al., 2017). Segundo Pereira (2009, p. 45), “*Kalderash – são caldeireiros e circenses, e muitos ascenderam economicamente, tornando-se industriais (...). Eles mesmo se denominam rom foresco (sedentário) e rom dromesco (nômade). Entre eles, há também o seminômade, que “ora mora em residência fixa, ora viaja e acampa”.*

vida das pessoas, sendo um elemento contemporâneo e pós-moderno. Quando tratamos de ciganos, ressignificação e sedentarização a internet torna-se um ponto importante nesta tríade, até para entender a socialização entre ciganos, entre ciganos e não ciganos, suas articulações e forma de vivência neste não espaço (não delimitado), como experienciando certa itinerância neste meio virtual. Nessa questão, para Zanini (2016) o ciberespaço, apresenta-se como um novo espaço de convivência humana, onde conexões e relações são criadas e são capazes de fundar um espaço de sociabilidades. Ela também aponta que a cultura está em constante transformação, sendo transformada pelo sistema tecnológico e conforme este sistema avança a cultura também muda, haja vista a centralidade da internet no cotidiano.

Desta forma, o ciberespaço torna-se um espaço de inúmeras possibilidades, de encontros e intercâmbios culturais, por meio da comunicação - mesmo que virtual - temos a difusão de elementos entre os grupos quando em contato contínuo, momento que pode ocorrer os processos de transformações e ressignificações culturais e identitárias, por isso, importante este olhar para o espaço virtual. Para coleta dos dados netnográficos, para observação das trocas simbólicas, articulações e interações as mídias sociais utilizadas foram o Instagram e o Facebook.

Desta forma, no Instagram acompanhou-se a página Ciganagens, na apresentação consta que se trata de narrativas Romani's por Romani's, um grupo que se autodetermina como de resistência cultural. Esta página originou-se no Brasil, a partir da participação que estes sujeitos começaram com outra página pensada, idealizada e concretizada por outro coletivo romani, a página do Instagram: Orgulho Romani, conforme relatos dos idealizadores e principais interlocutores da página. Os quatro organizadores¹⁶ da página são: Dan, Calon, artista plástico e visual, sua página profissional @ateliocalo; Roy Rogeres, Calon, jornalista, ator, artevista; Sara Macêdo, Calon, advogada, pesquisadora, dançarina, ativista romani e Marcilânia, Calon, pedagoga, professora da educação básica e professora de dança.

Nessa linha, durante um ano foram acompanhadas as postagens da página, mais precisamente de maio de 2020 até 24 de maio de 2021, até essa data haviam 1204 seguidores e 87 publicações, além de textos que tratam sobre cultura, tradição, costumes e resistência; foram realizadas lives (transmissão ao vivo de áudio e vídeo

¹⁶ Costumam tratar-se por primos, primas e primes quando em interlocução com sujeitos romanis ou em chamadas pontuais (específicas aos Roma) nas postagens, também utilizam o termo ciganes; isso como forma integradora de gêneros.

nas redes sociais) a primeira em 21 de janeiro de 2021, com o tema: Pertencimento e Ancestralidade (Live1- de estreia do coletivo) com a participação dos fundadores da página Dan e Roy Rogeres, a segunda live foi em 21 de janeiro de 2021 também, seguindo a mesma temática, mas com a participação das outras duas fundadoras Sara e Marcilania. A primeira live com 492 visualizações e 16 comentários e duração de 67:17 minutos, a segunda com 804 visualizações e 13 comentários, com duração de 57:59 minutos.

Além da live, utilizou-se de entrevistas com duas interlocutoras com apresentação de áudio e vídeo e outras em formato de textos em postagens. A primeira foi em 31 de agosto de 2020, em forma de texto, primeira edição “Romani’s da nova era”, entrevistada a Alice Storm, de 20 anos, da etnia calón, estudante universitária e professora de canto, com 21 comentários e 102 curtidas. Os integrantes da página realizaram duas entrevistas da série Depoimento Ciganes¹⁷, ambas no dia 19 de setembro de 2020 tratando da vida dos Romani’s no Circo. A primeira a romani foi Irismar, da etnia calón e circense em sua narrativa apontou que cantava, dançava e era trapezista, que seus irmãos ainda continuam com a vida circense, mas ela já não vive o nomadismo e mora na cidade há cerca de 40 anos; o vídeo tem duração de 2:12 minutos, 398 visualizações e 10 comentários. A segunda entrevista foi com a romani Agda Fernades, da etnia Calón, circense, relatou que era trapezista, mas seus filhos e irmãos ainda são circenses, porém, ela já está sedentarizada; o vídeo tem 1:26 minutos, 476 visualizações e 6 comentários.

Na outra rede social, Facebook acompanhou-se a página Caravana Esmeralda Cigana que trata sobre música e dança romani, a referida página é gerenciada pela Rose Winter. Na página, além de apresentação da dança romani, também acaba por ser um espaço de articulação, de fala e divulgação das demandas dos grupos roma, tanto no Rio Grande do Sul como no Brasil. Neste sentido, além de enaltecer questões artísticas (dança e música) culturais, também há pontos de militância. Foi realizado acompanhamento durante um ano das postagens da página, mais precisamente de maio de 2020 até 24 de maio de 2021, até essa data havia 1323 seguidores que curtiram a página e 87 publicações. A Rosecler Winter é a única administradora da página, também é uma das interlocutoras do campo empírico etnográfico. Na página foram postados 10 vídeos, o primeiro com data de 03 de agosto de 2013 e o último

¹⁷ Conforme nomeação dos idealizadores da página Ciganagens.

com data de 24 de junho de 2019, com danças e apresentações do grupo e com vídeos de engajamento (resistência, denúncia e anticiganismo) e cultura regional.

Em síntese, após tecer as considerações sobre as questões teórica e metodológicas que balizam a pesquisa, torna-se importante antecipar o modo como a sequência do trabalho encontra-se organizada, que além desta introdução está dividida em mais três seções. A segunda seção trará o contexto histórico do Povo Romani, suas diásporas, as constantes perseguições sofridas na Europa e no Brasil variantes que cooperaram para o nomadismo, haja vista que estar em constante movimento fazia-se necessário para preservação do grupo e sobrevivência, bem como, articulando a memória e seu entrecruzamento com a identidade, partindo de Halbachws, Candau e Portelli, para discussão e argumento sobre a memória e suas nuances abordando em menor escala a tradição sob o olhar de Hobsbawm.

A terceira seção traz a discussão teórica que baliza a pesquisa empírica, suas abordagens e conceitos norteadores. Utilizando de perspectivas sociológicas filosóficas que versam sobre nomadismo, como Deleuze e Mafessoli; ainda trazendo algumas abordagens antropológicas para pensar a cultura elaborada por autores como Clifford Geertz e Roy Wagner; no pós-estruturalismo de Derridá para tratar a identidade ainda dos estudos culturais sobre identidade e cultura e Stuart Hall, Homi Bhabha e Paul Gilroy. O ciberespaço para análise do meio virtual, com Pierre Levy e Castells.

A quarta seção, apresenta e desenvolve as categorias analíticas a partir dos dados coletados, utilizando-se dos procedimentos de análise da realidade empírica pesquisada, em conformidade com os objetivos estipulados, bem como, com os conceitos e teorias sociais que fundamentam a pesquisa.

Por fim, as considerações finais retomam os principais fundamentos e discussões que foi dialogado no decorrer da dissertação, assim repisando as questões transcorridas, a análise para finalizar a problemática e a conclusão sobre os dados coletados.

2 – História, memória e identidade: entrecruzamentos

A construção histórica das etnias romanis (Rom, Calon e Sinti) constituem-se na oralidade, naquilo que é passado de geração para geração desta forma oral e com raízes nas lembranças construídas a partir das trajetórias vivenciadas. Neste sentido, demonstrando que a memória se edifica como elemento relevante, na formação das identidades tanto coletivas como individuais. Nesta retrospectiva, utiliza-se do arcabouço teórico de Halbachws, principalmente no conceito de memória coletiva, ainda, embasando-se também em Candau e os tipos de memória por ele diferenciados, bem como no desenvolvimento do enlace entre memória e identidade, de forma mais diminuta utiliza outros autores na sustentação e argumentos teóricos.

Importante o presente capítulo, quando falamos de processos de transição do nomadismo para o sedentarismo de povos Romani, questões de sua historicidade servem de ponto de partida para pensar a construção do nomadismo. Haja vista que, são populações que sofreram perseguições, escravização, quase extermínio, processos eugênicos e xenofobia o que os levavam a constantes fugas e permanência ínfima por onde passavam. Sendo esses elementos a serem considerados para pensar a constituição do processo nômade desses povos.

No entanto, que a história, a memória e a identidade se entrecruzam a historicização vai trazer o impacto que essas culturas e identidades sofreram ao longo do tempo, seja com a estereotipagem (HALL, 2016), constantes evasões e trânsito e através do contato com as negociações e comercialização (animais e produtos) que realizavam quando em convívio com as comunidades confinantes. A memória como fator de reconstrução (CANDAU, 2012) da cultura e das identidades que remontam as tradições e costumes, de que forma se articulam hoje para manter seus sistemas de representação na oralidade, mas também para entender as alterações nesses sistemas e como se transforma no contexto multicultural.

2.1 - Diáspora Roma pelo globo

Os roma são agrafos, sua língua não tem representação escrita; então a história e sua cultura se baseiam na oralidade. Assim, em grande parte origem e

histórico do povo roma são escritos por *gadjês*¹⁸, sendo uma pequena minoria que se dedicou à criação de trabalhos¹⁹ que revelassem um pouco de sua história e cultura. A língua Romani⁴, não tem representação escrita, geralmente falada pelas etnias Calon, Sinti e Rom, no entanto, há variações de dialetos²⁰. A etnia Sinti, presentes principalmente na Alemanha, Itália e França, a variação do dialeto é chamada de Sintó. A etnia Calon ou Kalé, encontram-se principalmente na península ibérica. A etnia Rom, predominantemente dos países balcânicos, Itália e Europa Central, estão divididos em subgrupos, sendo os principais: Kalderash, Matchuara, Lovara e Tchuara (PERPÉTUO et. al.,2018; MOONEM, 2011).

No decorrer do estreitamente das relações sociais, com a chegada de grupos romanis à Europa, por volta do século XIV, em um primeiro momento, foram aceitos por suas danças e músicas, enfim suas artes que naquele momento fascinou, mas este contato mais amistoso não perdurou por muito tempo. Para Moonem (2011) os roma chegaram apresentando-se como Condes, Duques, nobres advindos do Pequeno Egito como não tinham terras e estavam de passagem, acreditava-se que fossem peregrinos. No entanto, como suas estadias não eram tão ínfimas e ficavam nas localidades por um longo período – não apenas de passagem – começaram a ser vistos como ameaças à concorrência econômica e política.

Nesta linha, importante estabelecer aqui a questão nômade, tendo em vista que a conjuntura de itinerância de grupos roma estava entrelaçada com as constantes expulsões, eram obrigados a retirarem-se dos locais³ em que chegavam, assim não era possível se estabelecer ou estender a estadia. Havia cartas de apresentação encaminhadas por nobres aos roma, nas quais lhes outorgava títulos de nobreza, o que pode estar ligada ao intuito de afastar os que apareciam em suas localidades. As atividades exercidas pelos roma, também, eram pontos de concurso econômico, por serem exímios comerciantes de cavalos e de objetos, ainda desempenhando atividades urbanas da época, como ferreiros, caldeireiros e artesãos. Também, por serem ilustres artistas, músicos e dançarinos tornaram-se ameaças aos artistas locais. Faziam frente até mesmo aos mendigos, que também os rejeitavam, pois os viam

¹⁸ Não roma.

¹⁹ No Brasil, podemos citar Ingrid Ramanush, Nicolas Ramanush e Paula Soria.

²⁰ Embora, a língua romani mantenha a tradição da oralidade, em 2009 e 2014 (Palavras Ciganas-vocabulário e gramática Romani-sinte/ Guia prático Romani Português, frases-vocabulário-conjugação verbal da língua cigana) o cigano Nicolas Ramanush lançou estes dois livros sobre vocabulário e gramática romani, com enfoque no dialeto da etnia sinti.

como ameaça aos espaços centrais e de circulam nas cidades (MOONEM, 2011).

Os roma só saiam dos locais quando obrigados a fazer, sendo-lhes provido sustento, de modo que representam forte ameaça política à classe dominante, que os queria o mais longe possível. A xenofobia, o medo, aversão e ódio a estrangeiros, principalmente quando constituem uma suposta ou real ameaça à vida ou ao bem-estar da população parece ser um fenômeno universal, difícil e em muitos casos até impossível de ser combatido, que segundo Moonem (2011) era evidente nos discursos de ódio, revelando-se o medo despertado pelos roma, frisando:

Acrescenta-se a tudo isto ainda a sua cor de pele escura (segundo vários documentos: “preta”), seu aspecto sujo, sua língua incompreensível, sua origem desconhecida, o fato de aparentemente não terem religião, os poderes mágicos das mulheres que sabiam prever o futuro e jogar pragas, tudo isto fatores adicionais que, em qualquer povo e em qualquer época, costumam provocar medo. (MOONEN, 2011, p.131).

As infundáveis perseguições legitimadas e reguladas por leis aprofundaram o nomadismo na cultura romani, pois estavam em constante deslocamento sendo expulsos e não aceitos por onde passavam. Havia uma aversão ao sujeito rom e sua cultura, como pontua Moonen (2011), os roma tendo sido proibidos de usar suas roupas tradicionais. Neste contexto, a Igreja Católica era o bastião no fomento das perseguições realizadas pelas autoridades

Como descreve Scholz (2014), com a passagem do feudalismo para a modernidade, as perseguições aos roma tomaram maior abrangência e intensificação, sendo escorraçados por leis, declarados ladrões, espiões e vagabundos, supostamente incentivadores do ócio. Aqueles que detinham vida itinerante eram vistos como incontroláveis no cenário político e não produtivos economicamente, o que ocasionou as intensas perseguições e coação pelas autoridades. Dessa forma, seu modo de vida era uma forma de resistência ao capitalismo, porque não se sujeitavam as exigências do trabalho assalariado; era um contraponto à percepção de trabalho moderno. Ainda, o nomadismo era visto como um rechaço a formação do Estado, ao Estado /nação, por ser considerada uma prática de vida errante, como valores morais distintos e quase nulo (MOSCOVICI, 2009).

Já no Brasil, a primeira família (João de Torres, sua esposa Angelina seus filhos) em 1574, consta que foram presos pelo fato de serem romanis, eram da etnia Calon e chegaram como degredados de Portugal. No entanto, até hoje não se sabe o

destino desta família, não há documentos que indiquem se continuaram no Brasil ou se voltaram a Portugal (TEIXEIRA, 2008). Abaixo, a dispersão dos povos romani no Brasil (em voga as etnias Calon e Rom) a partir de 1574, com a indicação do espraiamento das etnias pelo território brasileiro, estando presentes a indicação das Etnias Calon e Rons no sul do Brasil:



Figura 1- Romanis no Brasil (Calons e Rons)²¹

Na esfera jurídica no Brasil, ocorreram muitos casos em que romanis foram acusados, julgados e sentenciados a crimes que sequer existiram; ou não tiveram nenhum acesso à defesa ou contraditório, as penas eram sumariamente aplicadas a partir de julgamentos duvidosos e investigação policial (inquéritos) obscuras, com muitos embates e subjugação do policiamento local. Os acampamentos eram queimados e destruídos, as perseguições seguiam sem qualquer sanção a quem as exercia, e a coação policial era constante. Na década de 1960 encontram-se jornais que exigiam a saída e proibição dos romanis em transitar nas localidades, sendo que se justificavam por acreditar que haveria uma iminente ameaça pela presença dos mesmos (ANDRADE, 2013). Podemos perceber que quando chegaram ao Brasil trouxeram uma carga vexatória; a identidade empregada aos roma era marginalizada e deteriorada ²², como podemos perceber nesse trecho:

Os ciganos no Brasil sempre estiveram em dissonância aos ideais de civilização e progresso. São identificados como elementos incivilizáveis, inúteis à sociedade, supersticiosos, corruptores dos

²¹ Disponível em: <http://jornalismojunior.com.br/brasil-cigano-ontem-e-hoje/>. Acessado em: 22 de abril de 2021. Migração dos Romani dentro do território brasileiro ao longo do tempo. (Laura Barrio/Comunicação Visual – Jornalismo Júnior).

²² Segundo Goffman, a identidade deteriorada ela aparece antes mesmo da interação social.

costumes, vândalos, enfim, uma anomalia social e racial. Uma vez vistos desta maneira, as autoridades tentavam controlá-los, sem obterem, no entanto, grande eficácia. Em Minas Gerais, por exemplo, no final do século XIX e início do XX ocorreu o ápice dos confrontos entre a polícia e os ciganos. Foram as 'Correrias de ciganos' que, como veremos mais adiante, eram movimentações destes em fuga, por estarem sendo perseguidos pela polícia. Nessas correrias ocorriam freqüentes tiroteios, que resultaram em mortos de ambos os lados. Na realidade, os documentos contam mais sobre os preconceitos do que propriamente dito sobre a História dos Ciganos no Brasil, que continua praticamente incógnita. E esta ignorância gera inclusive medo, como prova Artur Lobo, ao descrever, em 1901, o encontro de alguns viajantes com um grupo de ciganos: 'Os ciganos! Não foi sem um profundo receio que uma mesma exclamação nos escapou, porque bandos de ciganos que percorriam os sertões em medonhas correrias praticavam impunemente roubos e depredações, fugindo à ação da polícia'. Os ciganos se aproximam e 'se bem que a sua atitude nada tivesse de hostil, nem por isso nos sentimos menos tranquilos e receiosos de uma cilada". Os ciganos gentilmente convidam para ficar um pouco, ensinam o caminho e no final desejam uma boa viagem. "Partimos, sabe Deus com que satisfação e alívio, sem procurar saber por que motivo não nos tinham eles subtraído pelo menos qualquer pequeno objeto de uso; e de longe ainda vimos espalhada pelo campo afora aquela caravana que assim ia errante pelos sertões, numa vida de cruéis aventuras, sem um destino determinado nem paradeiro certo, deixando atrás de si uma sinistra nomeada de rapacidade e mesmo de assassínios. (TEIXEIRA, p.39, 2008).

Ainda, para Scholz (2014), as perseguições, proibições e expulsão dos roma ao longo do tempo na Europa culminaram com o quase extermínio dessa etnia com o nacional-socialismo na Alemanha. A autora aponta que, desde a metade do século XIX os romanis na Alemanha já estavam sendo discriminados por motivos raciais, sendo-lhes reduzido o alcance e garantias de direitos. Nesta mesma época, faziam uma espécie de catalogação de indivíduos romanis no território alemão, uma espécie de registro. Em 1926 vigorava uma lei de combate aos romanis, que estabelecia que qualquer roma que não comprovasse vínculo de trabalho regular poderia ser colocado em um campo de trabalho por até dois anos.

Assim, estavam subordinados a realizar trabalhos forçados, sendo esse o modelo utilizado pelo nacional-socialismo no regulamento dos campos de concentração, que posteriormente determinaria por meio de uma "ciência racial" quem era roma. Acrescenta que a situação das etnias romanis no pós-guerra continuou em seus aspectos discriminatórios, o anticiganismo perdurando nos discursos de ódio. Algumas leis ainda persistiram e mesmo depois de abolidas, os conceitos incrustados

de preconceito, aversão e ódio continuaram. Na Alemanha, os registros de identificação ainda se seguiram até a década de 1990 (SCHOLZ, 2014).

2.2 - Etnias Roma: Censo e recenseamento na história

Segundo Moonen (2011), em 1695 ocorreu o primeiro censo romani no mundo, ou como no argumento do autor: “tentativa de censo” (p.48). Aconteceu na Espanha, em que todo romani deveria declarar seus pertences, sua profissão e seu modo de vida, no prazo de trinta dias, passado o prazo deveriam fixar residência ou sair do território espanhol. Aos roma era terminantemente proibido ir a feiras e mercados, não podiam usar roupas tradicionais e utilizar sua língua própria. Aos espanhóis que intercediam ou ajudavam os romanis, eram punidos com perdas de renda, podendo ser açoitados e degredados. Em 1745 a lei ficou ainda mais severa, elencando que os roma teriam 15 dias para fazer as declarações, quando não cumpridas às normas estabelecidas os mesmos poderiam ser mortos. Já em 1749 ocorreu a fatídica noite “*razia cigana*”, com dimensões nacionais, orquestrada por um Bispo, em que todos os romanis seriam presos, depois colocados em frente de trabalhos forçados e seus bens confiscados e vendidos. Neste interim muitos romanis foram mortos, sendo levantada a possibilidade de deportação para as colônias. Nota-se a tentativa de aculturação, para que negassem e extirpassem sua cultura e identidade, com o intuito de exterminar as diferenças civilizando o que acreditavam ser primitivo e marginal.

Por volta de 1929 foi criado na Alemanha o Serviço de Combate ao que chamavam “à *Praga Cigana*”, um prelúdio e registro para o quase extermínio étnico-racial e holocausto romani na Segunda Guerra Mundial. O referido serviço, órgão nacional, juntou mais de 30 mil informações sobre romanis para os alemães, sendo extinto em parte em 1947, pois perdurou com outra nomenclatura até a década de 1970. Assinalasse que esse serviço não ficou somente na Alemanha, mas que tenha se espalhado por toda a Europa, no qual fomentou o recenseamento desta etnia por vários países europeus, o que serviu para manter sob controle a entrada e saída dos romanis dos territórios nacionais. Com a ascensão nazista de 1933, a maioria dos romanois já constava nos registros, identificados, já tendo sido incluídos nas políticas anticiganas. Porém, as perseguições passaram a se dar por questões raciais, nas quais se buscava embasamento “científico” para manter-se (MOONEN, 2011).

Mais recentemente, em junho de 2018 o Ministro do Interior italiano, Matteo Salvini, solicitou o recenseamento da população romani na Itália, com o intuito de identificar aqueles que são italianos, para que pudesse deportar os que não são, sendo que sua rede social publicou que “os *ciganos italianos, infelizmente, temos de mantê-los aqui*²³.”

Com a notícia veiculada na mídia, nos principais jornais mundiais impressos/digitais e televisivos, tomou-se ciência da situação precária que vivem as comunidades romanis na Itália, que alguns grupos vivem em guetos e em situação de extrema miserabilidade. O referido Ministro acusa as comunidades romanis de serem centros de delinquentes e de que romanis são criminosos patológicos. Justificou que, o levantamento demográfico serviria para retirar as crianças romani do seu meio, pois são ensinadas “*a roubar e a viver na ilegalidade*”²⁴.

Em 29 de junho de 2018, conforme noticiado na mídia internacional²⁵ foi destruído por forças policiais ordenadas pela prefeitura de Roma, um acampamento romani com 450 pessoas, pouco depois do posicionamento de Salvini. Os romanis foram retirados coercitivamente, com o pretexto que a licença para utilização da área já havia expirado, e as famílias romanis não saíram do local. O discurso do Ministro Salvini provocou indignação em alguns, a União Europeia²⁶ se posicionou contrária ao recenseamento, pois expulsar cidadãos comunitários por questões étnicas é ilegal. Importante ressaltar que a carta de direitos fundamentais da União Europeia²⁷ garante a dignidade da pessoa humana sendo inviolável, direito a igualdade (a discriminação étnica é vedada) e a liberdade, trata de assegurar o respeito à diversidade cultural e a proteção ao meio ambiente e o desenvolvimento sustentável.

Os Estados-nação que fazem parte da União Europeia devem cumprir, promover e resguardar os princípios e direitos consignados na carta acima referida.

²³ Publico. Disponível em: <https://twitter.com/Publico/status/1008754201890091013>. Acessado em: 30 de junho de 2018.

²⁴ Ciganos de Roma estão atordoados com ameaças do governo. Disponível em: <https://istoe.com.br/ciganos-de-roma-estao-atordoados-com-ameacas-do-governo/> acessado em: 20 de junho de 2018.

²⁵ GENTILE; Toni. Prefeitura de Roma retira 450 ciganos de campo e destrói casas. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/prefeitura-de-roma-retira-450-ciganos-de-campo-destroi-casas-22835627> . Acessado em: 27 de junho de 2018.

²⁶ REUTRS. **União Europeia critica Itália por propor censo de ciganos**. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,uniao-europeia-critica-italia-por-propor-censo-de-ciganos,70002356456> . Acessado em: 20 de junho de 2018.

²⁷ UNIÃO EUROPEIA. **Carta de direitos fundamentais da União Europeia**. 2000. Acessado em: 20/02/2020, Disponível em: http://www.europarl.europa.eu/charter/pdf/text_pt.pdf

Após, a discordância da União Europeia, o Primeiro-Ministro Italiano rechaçou a proposta de recenseamento. Segundo Miranda (2010), as convenções e tratados internacionais vinculam os Estados-nação que são signatários, o direito internacional atua no ordenamento jurídico nacional e na garantia dos direitos humanos.

Contudo, a partir desta reflexão de recenseamento, mas como uma vertente das expulsões ao longo do tempo que os grupos romanis suportam em sua trajetória, essa uma face contemporânea. Sassen (2016), reverbera sobre a mudança deletéria do que chama do “desdobramento do novo”, que distancia o crescimento da inclusão social e econômica para o cidadão comum e aqueles que vivem em situação de vulnerabilidade, este novo é marcado pelos apagamentos demonstrando que há diversos e particulares modos de expulsões dentro deste limite sistêmico²⁸; assim comunidades locais, com proteção e garantias legais, são obrigados a saírem e deslocarem de seus espaços de socialização e práticas culturais.

2.3 - História e Memória na construção da identidade romani

Uma abordagem sobre a importância da história e da memória na construção da identidade romani, neste sentido a história e oralidade tanto naquilo que é passado pelas lembranças e memórias dos grupos e nas suas representações, para o entendimento do meio social e analisando processos de mudanças sociais no decorrer da história. Podemos apontar a memória como fator importante para os grupos Romani, pois constrói e reconstrói identidades (BOSI, 1994; GILL, 2016), além disso a identidade roma com base nas interações há tensionamentos com a sociedade adjacente, por conta de representações identitárias negativas²⁹, projetada de fora e albergada em construtos históricos.

Apesar deste esforço, as famílias em geral desistem rapidamente em função do preconceito. ‘Nenhuma mãe quer ver seu filho sofrendo ou ser humilhado dentro de uma escola’. O modo de vestir, o assédio para que as crianças leiam a mão e outras formas de violência e constrangimento por parte de colegas, profissionais da educação e comunidade escolar, alimentados pelo imaginário de que o Povo Cigano rouba crianças, criam ambientes de desconforto, medo e insegurança, além de ser uma violação de direitos das famílias ciganas. ‘Isso é uma dificuldade que a gente enfrenta, nesse mundo’.

²⁸ Sassen (2016) em seu diagnóstico sustenta que o limite sistêmico é um espaço de expulsões, em condições planetárias tanto de pessoas, como de espaços vitais e economias.

²⁹ GOFFMAN, 2017.

Encontrar uma escola acolhedora pode ser determinante para definir o local de residência fixa. 'Antigamente, não arrumava vaga pra criança cigana. Aqui foi o único lugar de todos que rodei que trataram meus filhos com carinho. Se todas as escolas fossem como essa daqui, muitos ciganinhos tinham estudo'. (MAZURANA et. al.,2016, p. 136).

Assim, objetiva-se realizar uma breve reflexão sobre a memória na construção da identidade romani, observando o nomadismo um aspecto latente na base da memória, mesmo no caso de romanis sedentarizados; pois pode fazer parte da construção e manutenção da identidade coletiva.

O passado nômade é requerido como elemento identitário, construído através da memória e das narrativas que exploram episódios bíblicos, recurso importantíssimo para a construção da coletividade cigana e do sistema de representações sociais que permite uma visibilidade social, bem como o estabelecimento de suas especificidades culturais frente à sociedade não cigana. (GOLDFARB, 2010, p.171).

Ao tratar de grupos Roma pensar identidade e memória de forma separada é quase que um desafio, pois tanto a formação da identidade coletiva dos grupos, bem como a identidade mais individualizada, entrelaça-se com a memória. Haja vista, que ao tratar de cultura e tradição roma, está se falando em processos de transmissão da história de forma oral e, por meio de lembranças, que vai se vislumbrando de geração em geração.

Assim, a construção da identidade Roma, perpassa pela memória, cultura e tradição, elementos basilares que operam na formação da subjetividade. Em compartilhamento da memória, da herança familiar que solidifica e modifica a cada geração. Neste sentido, por meio das lembranças dos mais velhos vão transmitindo aos mais jovens elementos de sua cultura, elementos estes que compõe a identidade coletiva do grupo. A memória é compartilhada entre os integrantes, reforçando o pertencimento e a construção endógena das identidades, muito embora esteja se tratando de ressignificações da identidade e da cultura, a memória faz parte destas questões. Tendo em vista que conforme Candau (2012), a memória vai se reconstruindo a todo momento, por toda trajetória dos sujeitos e relacionasse diretamente com a identidade, com o sedentarismo desses coletivos a itinerância reside nas lembranças de algo vivido que se transformou e tomou novo significado, assim estando intrínseco na memória e formação destas subjetividades.

2.4 - Povo Romani, entrecruzamentos: identidade e memória

Na visão de Halbwachs (1990), que advém da corrente funcionalista de Durkheim, a memória é coletiva, pois nunca estamos sós, nossas lembranças se relacionam com o outro, aos seus grupos e referência, nesta relação dialógica entre as referências grupais, representações e o entendimento do indivíduo. Sendo assim, importante para melhor entendimento da memória, é ter um olhar sobre os grupos em que o indivíduo está inserido, pois está ligado intrinsecamente a construção da memória, as lembranças (reconhecimento e reconstrução) se edificam no coletivo, por meio das interações sociais.

O grupo de referência é um grupo do qual o indivíduo já fez parte e com o qual estabeleceu uma comunidade de pensamentos, identificou-se e confundiu seu passado. O grupo está presente para o indivíduo não necessariamente, ou mesmo fundamentalmente, pela sua presença física, mas pela possibilidade que o indivíduo tem de retomar os modos de pensamento e a experiência comum próprias do grupo. A vitalidade das relações sociais do grupo dá vitalidade às imagens, que constituem a lembrança. Portanto, a lembrança é sempre fruto de um processo coletivo e está sempre inserida num contexto social preciso (SCHMIDT et. al., p. 288, 1993).

Neste sentido, pensar os grupos de referência que são a base da representação e do reconhecimento que constroem a lembrança, dependem das interações sociais, dos sentimentos e negociações compartilhadas, sendo que é a lembrança que atualiza os quadros sociais da memória (representações coletivas). Importante pensar esta memória coletiva segundo Halbwachs (idem) em relação aos grupos romanis, haja vista que detêm muito latente as representações coletivas, estando em constante manutenção das lembranças, reconstrução e reconhecimento, na coesão como grupo; mas também nas identidades individualizadas, pois o coletivo está presente em cada formação e fragmento do “eu”, do que é ser romani (SCHMIDT et. al., 1993).

Segundo Candau (2012) a memória é uma reconstrução e não um resgate, apontando que uma pessoa que não tem lembranças é aniquilada, haja vista que a memória se expressa na identidade, uma força. Neste sentido aponta que “*a memória é a identidade em ação...*”, assim por meio da memória, seja nas lembranças ou esquecimentos a identidade vai se construindo e reconstruindo por toda a vida.

Ainda, para Candau (2012) há uma diferença nas memórias, assim ele identifica três tipos. A primeira que chama de protomemória, que está incorporada no indivíduo, imperceptível, inconsciente, partilhada pelos membros do grupo, está muito próxima ao conceito de *habitus* do sociólogo Pierre Bourdieu, que é o aprendizado passado que tende a orientar às condutas, disposição para agir de determinada maneira, deste modo o *habitus* não é exterior, mas introjetado, em resumo “modus operandi” incorporado nos processos de socialização. A segunda é a memória propriamente dita ou de alto nível, que está relacionada a recordações, reconhecimento (crenças, sensações, emoções, sentimentos) e saberes e fazeres. A terceira é metamemória, é aquela memória que cada indivíduo detém se sua própria memória (representação).

A memória coletiva para Portelli (2014), diferentemente de Halbwachs (idem), é o que está nos documentos, para ele é memória social que parte das lembranças individuais, porém é social e cada indivíduo terá uma compreensão a partir de suas visões. Refletindo sobre tais relações, ao penetrar o campo empírico na casa dos romani residentes em Pelotas, à distribuição e organização do ambiente atenta para um espaço, sem paredes ou divisórias; a moradia tem uma representatividade das barracas, seja em seu formato ou na forma de compartilhamento do espaço.

A construção da identidade Romani, perpassa pela memória, cultura e tradição, elementos basilares que operam na formação da subjetividade. Ainda, quando Candau (2012) diferencia os três tipos de memória, mais especificamente a protomemória que está ligada ao hábito - em relação também com o conceito de *habitus* de Bourdieu -, que por sua vez identifica-se nos estilos de vida, modos de ser e comportar, este conceito aproxima-se muito do conceito de cultura mais antropológico.

Importante, neste sentido salientar também, o conceito de tradição que para Hobsbawm (1997) é uma invenção, uma criação. Podemos pensar as mulheres romani em relação às práticas divinatórias (quiromancia e cartomancia) como costumes, que fazem parte da construção da cultura e da identidade, sendo que é passado oralmente de avó, mãe e filha em um ciclo sucessivo. Há manutenção de suas práticas culturais e costumes, algumas práticas tradicionais prosseguem e outras se reinventam a partir de novas interações e dinâmicas sociais. Essas transformações se estabelecem a partir de um processo, que atravessa as questões da transição do nomadismo para o sedentarismo, o que acarreta novas sociabilidades e ampliação de

visão de mundo.

A reflexão entre memória e identidade, se faz necessário no estudo e pesquisa de alguns grupos, como no caso dos romanis que tem um forte tecido de memória em reconstrução e reconhecimento de sua cultura e identidade, para manutenção da coesão do grupo, obviamente não se está essencializando, mas identificando peculiaridades. Neste sentido, com a etnografia percebe-se que lembranças são compartilhadas, mesmo entre aqueles que nem a vivenciaram e as contam com certeza e afinco, no intuito de manter a força daquela lembrança entre eles, para que não recai no esquecimento.

Como já evidenciado, de forma geral a sua história e trajetória romani é passada oralmente pelos mais velhos do grupo, neste sentido até mesmo a história do grupo e as suas práticas culturais e tradições precisam reforçar na memória social.

Ainda, estando arraigados a memória familiar, que dificilmente remonta mais que três gerações, o que acabam por articular mecanismo para manter por um longo período as lembranças que construíram aquele espaço. Assim, utilizam a língua Romani desde pequenos, sendo educados e socializados em sua língua mãe.

A fotografia aparece como um elemento de suma importância, para manter a memória do grupo. O grupo Kalderash de Pelotas têm inúmeras fotos que são mostradas a todos, reforçando datas, as roupas que usavam na época, os momentos (casamentos, aniversário, entre outras festividades) e pessoas. Algumas não conheceram pessoalmente, pois são fotos de amigos distantes ou familiares que não tinham contato, porém as fotos estão ali como objeto de recordação e dever de memória³⁰.

Outro ponto, quando tratamos da identidade estereotipada em relação com a memória e a história, não se trata de verificar uma autenticidade de memória coletiva, ou seja, fundadora, mas de certa forma de uma memória histórica (CANDAU, 2012). Porém, no caso dos romanis acaba por entrecruzar com a construção de suas identidades e reconhecimento de sua cultura como essas identidades são reproduzidas e são negociadas a partir das relações com a sociedade adjacente, haja vista que é uma forma de sociabilidade

A memória e a identidade são institutos importantes na relação com grupos romanis, sendo a memória familiar basilar na construção do sujeito romani e do

³⁰ Anotações do caderno de campo.

coletivo. As lembranças remontam trajetórias, mantem costumes, estabelecem tradições e neste jogo do passado e presente está a formação e reconstrução das identidades e suas ressignificações. Sendo elemento importante quando se analisa os processos de transição do nomadismo ao sedentarismo, haja vista que neste momento o nômade parte para uma perspectiva subjetiva e resguardada pela memória. Até porque, mesmo aqueles que não vivenciaram o viver itinerante compartilham da memória de como era antes, o trânsito entre fronteiras e limites territoriais.

2.5 – Pensando a identidade e a história: sob a memória dos gadjês³¹

O anticiganismo no século XVIII começou a ganhar espaço nos livros. Alguns se embasavam em pesquisas sem qualquer fundamento científico, balizando-se em notícias sensacionalistas. Grellman (apud MOONEN, 2011) publicava livros totalmente anticiganos, sua pesquisa sendo de total desconhecimento do objeto empírico e servindo de fomento à violação de direitos e a prática de violência contra os roma, assegurando o aumento do estigma. O mencionado autor publicou um livro em 1783 que afirmava que os romanis eram canibais, alicerçando-se em uma notícia publicada por um jornal de 1782. Por conta disso, 41 romanis foram mortos de forma cruel e violenta (enforcados, decapitados), acusados de terem matado e consumido a carne de 84 pessoas. O livro foi best-seller na época e publicado em diversos países. Após, a imputação dos crimes aos roma e a execução das penas, as supostas vítimas apareceram, indicando a injustiça e a desumanidade aplicada. Grellman indicava os romanis como inferiores, párias, reduzindo à cultura roma a marginalidade, retratando-os como ladrões, ociosos e preguiçosos. Nos livros de Borrow (apud MOONEN, 2011), restava clara a antipatia aos romanis, denunciando-se um suposto caráter criminoso que se espalhou pela Europa Continental através da atividade de ladrão profissional, sendo que serviram de exemplo para os não romanis, ou seja, a culpabilidade mais uma vez foi impetrada aos grupos roma.

No decorrer desta pesquisa não foram eventuais os questionamentos se há veracidade na lenda que os romanis roubam crianças. Esse mito popularizado assombrou crianças durante muito tempo, e até hoje é reproduzido, pois era repetido

³¹ Não-ciganos, em romani.

para que as crianças não se aproximassem e, quiçá, conversassem com um romani; sendo projetada sobre os estes sujeitos certa conduta criminosa e o medo era o elemento utilizado.

Evidentemente, a segregação é bem pior quando essas restrições se exprimem por meio de violências contra seus vilarejos e bairros. O tema emblemático do senso comum, que justifica tais ações, é a proibição do contato. Quaisquer que sejam as razões, trata-se de um interdito arcaico e, sem dúvida, universal (Moscovici, 1988). Por toda parte se colocam obstáculos a aproximações na vida cotidiana, objetivando comportamentos de rejeição, de desagrado ou de medo em relação à minoria. (MOSCOVICI, p.665, 2009).

Quanto à denúncia de que roma roubam crianças, segundo Moonen (2011), foi difundida por Miguel de Cervantes em 1612, na obra *La Gitanilla*, ”, que em seguida prosseguiu sendo citada em outros livros e por diversos autores, neste sentido foi dando seguimento à lenda. Aponta Teixeira (2008, p.74): “Quando Cervantes, no início do século XVII, criou o tema do roubo de crianças pelos ciganos, estava inaugurando um dos maiores filões da literatura ficcional sobre os ciganos. Não sendo muito diferente no Brasil, a continuidade dos tratamentos pejorativos e até criminosos, que eram retratados nos livros e por alguns intelectuais.

Oliveira China dedica pouco mais de quarenta páginas aos ciganos no início do Século XX (isto é, até 1936, ano da publicação de seu livro), tratando Estado por Estado, baseando-se em notícias de jornais e em informações de alguns intelectuais com os quais falou pessoalmente ou manteve correspondência. As notícias de jornais invariavelmente parecem ser tiradas das páginas policiais, nas quais os ciganos são apresentados como criminosos, ladrões, velhacos etc., e as ciganas como “bruxas” e trambiqueiras que enganam o povo praticando a quiromancia, furtando, etc. Mas também os intelectuais entrevistados por Oliveira China não escapam dos preconceitos. (Idem, p. 30).

Para a romani Aristicht (apud MOONEN, 2011), a já referida incriminação se alberga no fato de não romanis observarem a presença de crianças brancas nos acampamentos; asseverando que por muitos séculos os acampamentos roma abrigavam crianças vindas da nobreza que eram entregues à criação por grupos romanis para camuflar indiscrições e atos tidos como desonestos realizados por mulheres nobres, solteiras e adúlteras. Assim, muitos familiares dessas mulheres entregavam as crianças às romanis, que ao contrário do que é falado, não as roubavam, mas zelavam e criavam.

Nessa mesma linha, Pereira (2009) descreve que as nobres entre os séculos XVI e XVIII tinham filhos de relações fora do casamento, durante o período que os

maridos estavam viajando, e acabavam por doar aos romanis as crianças frutos de relações extraconjugais - quando transitavam próximos as localidades e vilarejos -, sendo essa a hipótese do roubo difamante. Outra suposição levantada por Teixeira (2008), está que muitas famílias romanis adotavam crianças, seja porque alguns casais não conseguiam ter filhos por concepção natural ou como forma de fortalecimento do grupo, tendo em vista que uma prole numerosa era entre eles visto como positivo e prospero.

Para Ático Vilas-Boas da Mota (apud PEREIRA, 2009, p.91), a notoriedade de que os roma roubam crianças teria embasamento na Checoslováquia, pois foi difundida uma estória em quadrinhos sob a forma de baralho que retratavam romanis roubando meninos e meninas. No entanto, no final dos quadrinhos, a figura de Nossa Senhora aparecia e restituía as crianças as suas famílias, bem cuidadas e alimentadas. Nota-se que, o mito de roubarem crianças está ligado ao nomadismo, ao fato de estarem em constante transição foi fator irrefutável que serviu como base para que tal narrativa se perpetuasse, sendo esse também um dos desdobramentos do preconceito na diáspora roma.

Segundo Bonono (2017), a partir de sua pesquisa sobre a representação social da mulher romani, entre pessoas não romanis brasileiras e italianas todas universitárias, utilizando-se da análise do processo de ancoragem social conclui que os arquétipos de conotação negativa (ladra, trapaceira, suja, sedutora, mágico-religioso, vidente). Os brasileiros que participaram da pesquisa têm a percepção da mulher roma como ladra, trapaceira e uma visão voltada ao misticismo e até romantizada (quiromantes e videntes), o que a pesquisadora aponta como influências de telenovelas e um ponto até positivo em comparação com o grupo italiano, que tendem a manter uma linha de representação mais negativa, pejorativa e hostilizada, ainda mais na interação escolar com o multiculturalismo e a proximidade.

Nessa linha, exemplificando, no Brasil na década de 1990 foi transmitida em rede nacional a telenovela “Explode Coração”, da escritora Glória Peres, que explorava a temática romani e o acesso à internet, com núcleo de romanis já sedentarizados. A época fora divulgadas matérias jornalísticas, que demonstrava a visão dos gadjês em relação à visão de mundo e as práticas romani. Importante a abordagem de chamada da matéria jornalística: “A cigana que deu certo”³². No

³² Como instrumento para demonstrar a formatação e chamada da matéria jornalística, optei por colocar a página do jornal na íntegra.

decorrer da reportagem, a visão de “deu certo”, aparece como síntese de morar em apartamento na zona sul do Rio de Janeiro/RJ, concluir o bacharelado em Direito e se tornar advogada, ações que lhe conferem capital social e cultural³³, como pode ser observado a seguir:

Sábado, 30 de dezembro de 1995

O GLOBO

ELA•3

A cigana que deu certo

Advogada que inspirou 'Dara' defende virgindade e joga cartas no apartamento da Vieira Souto

Angela Regina Cunha

• Nem novela, nem filme. A vida de Mirian Stanescon Batuli de Siqueira, a cigana que inspirou a Dara de “Explode coração”, vai virar livro. Uma autobiografia em que a “doutora Mirian Cigana”, como é conhecida no Fórum do Rio de Janeiro, explicará as tradições de seu povo e defenderá a evolução dos costumes ciganos. Ela quer ver outras ciganas na universidade, mas é a favor de virgindade até o casamento.

— Sou uma progressista, quero mostrar que evolução não significa perda de tradição — diz.

O livro contará passagens cômicas e dramáticas da infância e adolescência de Mirian e de seu casamento, aos 32 anos, com um empresário gajô (falso cigano). Mirian, de 48 anos, já tem outro livro pronto, a sair em janeiro, “Lila Romani — Método de leitura das cartas ciganas”.

— É a história do meu povo, que ouvi de minha avó. Os escritores inventam coisas, deslegitimando e mistificando nossa imagem — queixa-se Mirian.

Da menina travessa que até os 11 anos viveu em acampamentos na Baixada Fluminense à advogada criminalista que veste tailleur para defender gajós e ciganos, a vida de Mirian parece mesmo um romance. Seu pai achava que uma moça devia concluir o ginásio e arranjar um noivo. Para continuar estudando, ela “tentou o suicídio” tomando 20 comprimidos de Cibalena.

— Mas tomei com leite, para não fazer mal ao estômago. Era só chantagem — conta.

Levada por uma amiga, fez escondido o vestibular de Direito. Passou e levou um soco do pai para quem faculdade era coisa de “mulher da vida”.

— Acho que estudei direito para defender meu povo. Cigano entra em delegacia como vítima e acaba preso — explica Mirian.

Ela conta que, certa vez, uma mulher deu por falta de um cordão e a tia dela, por ser cigana, foi acusada de furto. Na delegacia, descobriu-se que o cordão estava no decote da mulher.

— Tinha revoltou-se e foi presa por desatado à autoridade.

A própria Mirian enfrentou o preconceito. Ainda hoje ela chora ao se lembrar que, aos 11 anos, na escola, uma colega deu por falta de sua Parker 51. Por ser cigana, Mirian tornou-se suspeita e a professora revirou sua pasta procurando a caneta.

— Foi para casa chorando e não podia contar ao meu pai. Ele diria: viu, para que ir à escola?

No dia seguinte, a colega descobriu a caneta em casa.

— Fiquei com tanta raiva que bati nela com a pasta — conta.

— Já formada, ela foi estudar com um advogado amigo da família.



Como meu pai não me deixava estudar, tomei 20 comprimidos de Cibalena. Mas com leite, para não fazer mal ao estômago. Era só chantagem

Mirian Stanescon

MIRIAN APANHOU porque estudou e hoje é conhecida no Fórum como a “doutora cigana”

ra Souto para cumprir uma obrigação de seu povo.

— Para mim seria cômodo virar madame. Mas quero lutar por meu povo — justifica.

Com quatro filhos estudando num colégio católico, Mirian respeta as tradições ciganas. Mas defende suas idéias.

— Mulher tem de fazer faculdade e não pode ser subserviente ao homem.

Ela defende a virgindade sem explicar bem por que.

— É o tabu mais respeitado entre os ciganos. Não vou obrigar minhas filhas a se casarem virgens. Mas se elas transarem antes, não deixo casar de branco.

— Sou uma mulher que deu certo num regime machista. ■

— Comprei um Fuscão a prestação e quando cheguei em casa meu pai quis destruí-lo e golpe de martelo. Ameaçei me matar e ele sossegou — relembra.

O pai, que chegou a construir uma piscina em casa para que Mirian não fosse à praia nem ao clube, morreu orgulhoso da filha doutora. Mirian, que já tinha dispensado três noivos — o último levou um fora ao mandá-la esconder entre a faculdade ou o casamento — sentiu remorsos por

não ter dado ao pai o gosto de vê-la casar-se de véu e grinalda.

— Fiquei muito deprimida. Mãe pensou que eu fosse morrer e pediu à minha prima para me arranjar um namorado — conta.

Na prática, o empresário Luiz Fernando Duarte Siqueira deu em cima dela mas foi desencorajado pelas amigas por se tratar de uma “cigana, virgem e suburbana”.

— Dias depois o Luiz apareceu em Nova Iguaçu, pedindo à mãe para jogar cartas para ele. E

eu me apaixonei — conta.

O namoro foi na sala de casa, controlada de perto por uma babá. Sair, só muito raramente e assim mesmo acompanhada por mãe, tias e primas.

— Mas a babá fazia vista grossa para uns raros beijinhos que trocávamos, sem encontrar um no outro. Eu tinha de empinar a bunda para beijar. Ele brincava dizendo que era um beijinho-tanajura.

Casando-se com um gajô, Mirian estava liberada da prova de

virgindade mas fez questão de seguir a tradição e mostrar o lençol manchado de sangue às ciganas que aguardavam na sala a primeira relação sexual do casal.

— Foi minha bofetada com lava de pelica nos ciganos que debocharam de mim por ter me formado em Direito. Mas hoje eles têm orgulho de mim — diz.

Mirian é advogada de segunda à quinta-feira. As sextas-feiras, joga cartas e tarô num quarto de seu apartamento na avenida Viei-

Figura 2 - Jornal O Globo - A cigana que deu certo³⁴

³³ Conforme Bourdieu (1983;2019).

³⁴ Jornal O Globo. Acervo Digital. Brasil. Reportagem: A cigana que deu certo; de 30 de dezembro de 1995.

Ao longo desse capítulo a relação da identidade com a história foi se entrecruzando, substanciando a visão do gadjês com os grupos Roma, sejam na literatura, em jornais, em livros de intelectuais de sua época, por força da lei, por teorias eugênicas e/ou darwinismo social³⁵ como tentativa de embasamento para políticas anticiganas e perseguições.

8

CORREIO RIOGRANDENSE — 26 de setembro de 1973

OS CIGANOS E SEU DESTINO

Povo nômade, completamente desligado da sociedade, o cigano era até pouco símbolo de pessoa astuta e negociadora. Para outros, elemento perigoso e ameaçador, tanto que, para assustar crianças, a frase era: cuidado que a cigana te pega. Hoje aparece com outra conotação, mais triste ainda. Não é raro em jornais o anúncio de crimes bárbaros praticados por esses velhos andarilhos, mas que já se organizaram em quadrilhas perigosas, talvez porque seu tradicional meio de sustento não mais lhes vale.

Donde vieram eles? Ao certo ninguém sabe. Da Índia talvez. A História fala que já mil anos antes de Cristo andavam pela Pérsia, tendo daí se originado duas correntes, uma em direção à África, outra penetrando pela Europa. Em 1425 estavam acampando sob as pontes de Paris, o que denota a pouca receptividade e superação. No século XVI a Inglaterra não apenas açoita e aprisiona os que eles chamavam de agipios, mas até os que se relacionassem com eles estavam ameaçados de confisco e morte. O ódio de Hitler aos judeus estendeu-se também aos ciganos. Calcula-se que dez por cento dessa raça foi exterminada nos campos de concentração nazista. Ainda em nossos dias a Inglaterra proíbe-os de acampar a menos de 300 metros de qualquer casa, não podem valer-se dos rios e nem acender fogo perto de estradas importantes. Já foram proibidos de vagar a esmo, de falar a própria língua, de habitar em tendas. Tudo falhou. Como também as tentativas de fazê-los assumir empregos fixos. Não possuem organização mundial. São bandos que vão por conta e que ninguém governa. O padrão de vida não é dos melhores, por isso dão-se facilmente ao roubo. Aliás, para eles, só é proibido roubar de quem tem menos ou tirar aquilo de que se não necessita.

Aos falhosos, a pena máxima é a expulsão do grupo.

SEMPRE PERSEGUIDOS

Os ciganos jamais se integraram na civilização. Em consequência disso, sofreram perseguições implacáveis. Por serem considerados imprestáveis foram sucessivamente banidos da Espanha, França e Inglaterra e transferidos para as colônias. Mesmo assim há mais de 4 milhões habitando a Europa e Ásia. São proleiros e 90% analfabetos. Tudo isso dificulta sua assimilação, sobretudo nas sociedades urbanizadas e industrializadas. Como há pres-

tes, estão impondo condições e reivindicações. Querem que as autoridades parem de molestá-los. Exigem áreas adequadas e sanitadas para seus acampamentos. Pedem escolas especiais para seus filhos afim de ficar preservada sua cultura, língua, status de nacionalidade e bandeira.

Três quartas partes dos ciganos europeus estão sob a Cortina de Ferro. Iugoslávia, com 650 mil, Romênia (540 mil), Hungria (480 mil) e União Soviética (414 mil) são os países que abrigam maior contingente. A Iugoslávia já reconheceu sua bandeira. Nos países livres, onde de a intolância para com eles parece ser maior, a Espanha é o país mais "cigano", com 500 mil. A Suécia aparece como o mais ardente defensor dos "bandoleiros". Porém, o Movimento de Libertação Cigano é de inspiração socialista, apesar de sediado em Londres. Ainda hoje a França estabelece amplas discriminações contra os ciganos. A Bélgica impede-lhes o ingresso. Alemanha Ocidental vigia-os severamente e a Inglaterra, li-mita a 50 suas caravanas, que já têm áreas estabelecidas. Suécia e Holanda estão construindo lares permanentes para eles, mas combatem-lhes a língua e a cultura.

Podemos dizer que há em relação a esse povo, que herdou a sina de Cain, coisas interessantes e também coisas tristes. Há poesia e há rancor. Há exigências cívicas e trabalhistas, mas poderia haver muito mais humanismo. Já tivemos ciganos de expressão mundial em violi-

no, dança e piano. Além da música, dedicam-se ao artesanato, fabricação de utensílios de cobre, pentes, panelas e panelas. Não são um povo incapaz, mas instável, isolado, com a velha característica de tribo nômade e parasita.

NO BRASIL

Sua imagem entre nós é de pessoas bizarras, com traços longos e coloridos, com brinços, argolas e tranças rolando pelas costas. Os homens são mais discretos. Andam pelo interior em carroças ou caminhões, entregues ao comércio do artesanato ou negociando animais e carros recuperados e, por incrível que pareça, ainda faturam boas quantias na base do "tirar a sorte". A vida romântica e livre que levam de quando em quando consegue despertar alguma escusa vocação. A história pátria pouco fala deles. A primeira referência é sobre um tal de Joan de Torres gredado para o Brasil, por D. Sebastião em 1574, com mulher e filhos. Seguiram-se levias para a Bahia e Rio de Janeiro, onde fizeram fortuna comerciando escravos e adivinhando a sorte. Nesse período levam vida quase civilizada devido ao comércio da escravidão. No Rio de Janeiro eram muitíssimos. Moravam fora da cidade e, além de suas atividades específicas com escravos e animais, dedicavam-se ao furo e outros mistérios, como soldados e artesãos. Sua religião é um misto de tradição e superstição, com devoção a Santa Ana, a velha ci-



IMAGEM NEGATIVA

gana padroeira. Religiosos por conveniência, para atrair simpatia.

Os que não foram assimilados, devem ter subido em carroças e rumado para o interior e o nomadismo. O Ceará parece ter sido a meca preferida, onde teriam formado a terceira etnia. Em 1718 os ciganos do Reino eram remetidos para Angola e Ceará. Parsifal Barroso, porém, contesta essa afirmação e dá o Nordeste todo como terra querida pelos ciganos, onde, aliás, não atemorizavam como em outras partes.

Todos sabem que para negociar ninguém precisa ensinar a eles estratégias ou artifícios. Alguns até falam em hipnotismo, injeções, açucar e outras mágicas. O casamento dos filhos é ajustado pelos pais e tem um ritual festivo, com música, dança e muita comida. A meia noite os padrinhos arrumam um quarto com lençóis em meio à sala para a consumação do matrimônio. Não sendo virgem, os pais casam a filha com um "strangero".

No interior de nosso Estado, até pouco as famílias não gostavam de deixar a casa vazia ou com uma pessoa só com medo de que a parassem os ciganos, gente perigosa, capaz até de roubar crianças. Apesar de inteligentes, ou por causa disso, a imagem de ladrão e velho sempre viajou com eles. No Sul, de carroça ou caminhão. Pelo Nordeste a lombo de burro, a base de sua economia. Como tratadores de cavalos até o Gengis Khan acompanharam. Mas não participaram das refregas. Forneciam animais ao nordestino, mas não entram na sua fauna. Não há cigano vaqueiro ou cangaço e não domam para os outros. São admirados tal qual os artistas de circo. Ultimamente, porém, estão derapando para a violência e o sangue. Em 1968 o Secretário de Segurança do Ceará expulsou grupos de ciganos por crimes e roubos de vulturo. Um dos grupos expulsos entrou em choque com a polícia do Piauí, ocorrendo uma dezena de mortes. Cenas de sangue ocorreram na Bahia e em Minas. No fundo disso tudo parece estar a decadência e o desespero pela perda de uma atividade exercida há longos anos com exclusividade e lucro. Como o burro e o cavalo foram tragados pelos caminhões e o povo se avivou um pouco mais, o cigano vê-se perdido e sem saber como continuar pacificamente com seu nomadismo. Empobrecidos, apelam para o roubo e a força. Os atritos tornam-se inevitáveis e o cigano, que nada tem a perder e a deixar, passa a dar uma de cangaço ou jagunço: mata, rouba e foge. E lá se vai, forragido, suscitando revolta em vez de compaixão e ajuda.

Povo estranho, misterioso, pouco aceito, merceria, porém, um pouco de crédito a mais. Não é nunca impunemente que se enxota pessoas. Mesmo que o visado seja um personagem enigmático e milenar, um andarilho teimoso e temerário.



Eternos caminhanes, os ciganos são sempre cercados de desconfiança e de temor. Alguns querem filii-los à descendência de Cain, eternamente amaldiçoados. Na prática constituem grupos marginalizados, bons mercadores sem muitos escrúpulos. Os grupos familiares são muito unidos. Portadores de grandes riquezas folclóricas, os ciganos estão sendo varridos pelo progresso. Na foto — um acampamento cigano.

Figura 3 - Jornal Correio RioGrandense ³⁶

³⁵ O darwinismo social aparece como uma teoria de evolução da sociedade, embasado em Darwin e na seleção natural das espécies, assim sustentavam que era possível aplicar a teoria da seleção natural na sociedade humana. Quanto a eugenia fundou-se em um conceito que seria necessário um domínio científico da procriação humana, para atingir a melhoria genética, seria um controle social, em que aqueles considerados inferiores não deveriam procriar, pois sua contribuição genética seria imprópria e desvantajosa para a sociedade, porque se buscava o aprimoramento da raça humana, uma seleção (BOLSANELLO, 1996).

³⁶ Jornal Correio Rio Grandense. Rio Grande do Sul, Porto Alegre/ Caxias do Sul. Os ciganos e seus

A imagem da matéria acima demonstra a representatividade dos acampamentos no formato comunitário das barracas, as mulheres romanis com suas saias e lenços, imagem que ilustra os símbolos de representatividade na década de 1970. Porém, a matéria jornalística reforça estereótipos: *“eternos caminhantes, os ciganos são sempre cercados de desconfiança e de temor”*.

Assim, as representações sociais podem partir ou se construir de processos mnemônicos, a memória poderia ser base das representações, do mesmo modo que Halwbachs formula sua teoria dos quadros sociais da memória que se contextualiza na experiência individual e do grupo, nas tradições, nas diferentes práticas sociais e instituições.

Portanto, após essa abordagem histórica e o entrecruzamento da memória e da identidade, o próximo capítulo trata da discussão teórica que norteiam a presente dissertação. Matizes teóricos, para analisar o processo de transição do nomadismo ao sedentarismo e as transformações identitárias e culturais, a partir da nova realidade e contextos que esses coletivos passam a partilhar.

3 – DISCUSSÃO TEÓRICA: Identidade, cultura e ressignificação

Nesse capítulo será apresentado as principais bases teóricas: pós-estruturalismo, Estudos Culturais e teóricos pós-coloniais, nuances antropológicas da cultura e a sociologia das redes, que nortearam a pesquisa e a presente dissertação. Vertentes teóricas que auxiliam nas reflexões sobre as possíveis dinâmicas culturais e identitárias, decorrentes dos processos de transição do nomadismo ao sedentarismo.

3.1 - Nomadismo e sedentarismo: no processo de ressignificação da identidade

O nomadismo, materialmente tem suas raízes no anticiganismo³⁷, este conceito abarcaria estigma, preconceito e ações repressivas, Scholz (2014) o enuncia como uma forma do racismo moderno, uma variante específica que se fundamenta em estereótipos e representações deslegitimadoras, partindo do paradigma entre capitalismo e o trabalho, para autora o indivíduo romani estaria banido desta relação, pois estaria as margens desta relação e da ética do trabalho. A referida autora, bem como Moonem (2011) dialogam que as políticas anticiganas, as perseguições – enfim o anticiganismo - espalharam-se por todo o território europeu, não sendo diferentes no Brasil estas variantes atuaram para situação de itinerância dos grupos roma ao longo da história, haja vista que não lhes era permitido ficar muito tempo em um local, que logo já eram coibidos a saírem, ou havia legitimidade na lei para as expulsões.

Segundo Shimura (2017), o conceito de nomadismo está ligado à situação de itinerância, os constantes movimentos (fluxos) e a sedentarização voltado a fixação em determinado espaço geográfico (delimitado). Em outro sentido, em foco as teorias pós-modernas, para Karpowicz (2018) sedentarizar não é romper com o nomadismo, pois transpõe as questões objetivas de preencher de forma fixa determinado território, indo além da delimitação geográfica. Nesta linha para Deleuze et. al (1997) ser nômade vai além da “desterritorialização”, está ligado ao pensamento, em sua relação com a terra, em sua subjetividade levando dentro de si o movimento, mesmo que esteja fixado. Com isso, as identidades que se constrói em base nômade.

Para Maffesoli (2001) o nomadismo está além do trânsito territorial, ligado a uma errância do ser humano pós-moderno, podemos indicar a uma não fixação da identidade, sendo o “eu” multifacetado e não único, as cidades como um espaço aberto de possibilidades para viver uma multiplicidade de papéis sociais, transitando de um grupo de amigos, de trabalho, de consumidores e para outro lugar, assim assinala que: “o *habitante das megalópoles, nesse sentido, é bem um nômade de gênero novo*” (p.90).

³⁷ Racismo destinado ao Rom e Sinti (SCHOLZ, 2014).

Nessa questão, para se pensar o nomadismo a partir dos novos espaços que vão se construindo na sociedade, como o ambiente virtual característico da sociedade pós-moderna, que recria tribos e comunidades, que passam a se buscar por afinidades e informações, assim estabelecendo um novo sentido de interação social, que espaços são condensados e reduzidos, tudo parece mais próximo e sem delimitações geográficas, os sujeitos se avizinham. Em ocorrência desses fatores, a aproximação tende a desencadear as influências mútuas entre os sujeitos, com compartilhamentos de visões de mundo e experiências. Com isso, tanto a cultura de um povo como as identidades arraigadas em pertencimentos étnicos passam pelo processo de influência, a mudança por estarem em relação nutrindo e desenvolvendo dinâmicas de trocas simbólicas e representações. Assim recriando e dando novos significados aos seus símbolos de representação, a partir das diferenças étnico-culturais e multiculturais que se criam nestas junções.

Com isso, o nomadismo Romani precisa ser repensado a partir das novas realidades que passam a vivenciar um olhar para um novo constructo do que é ser nômade. De tal modo, importante revisitar e rever o conceito de nomadismo ligado estritamente à situação de itinerância, pois a pós-modernidade trouxe novas possibilidades que devem ser observadas, como no caso dessas coletividades que eram consideradas tradicionalmente nômades, para compreender como o nomadismo está ligado as suas trajetórias de vida e a construção e reconstrução destas identidades. No entanto, outro fator surge como um elemento importante na sociabilidade, atinge, mas também que o ciberespaço se torna uma possibilidade de nomadismo pós-moderno, para todos os sujeitos, na busca de interação e encontros na formação de novas comunidades/tribos (MAFESSOLI, 2012).

A pesquisa realizada por Perpétuo e Rêses (2018) que aborda o processo de escolarização de uma comunidade romani de Sobradinho no Distrito Federal, no transcorrer do texto assinalam a passagem desta comunidade do nomadismo para o sedentarismo, apresentando que ao longo do tempo este grupo vivenciou expulsões e conflitos em vários Estados, mas em 2015 (por intermédio do Ministério Público Federal)³⁸ receberam uma fração de terra da União, momento em que passaram a fixar moradia, mas embora fixados é nas barracas que vivem, não há construção de casas. O sedentarismo se mostrou o meio mais seguro de sobrevivência, muito embora tenham guardado o seu sentido de comunidade, tendo em vista que o formato de convivência que se estabeleceu foi de acampamento e não de estruturas edificadas.

Assim, o espaço social é diverso e heterogêneo, deste modo à lógica ocidental não pode ser aplicada neste caso, pois estar-se-ia recaindo no que Said (1990) tratou sobre orientalismo e ocidente, no sentido deste binarismo discursivo, em que o que é e parece Ocidental é melhor, civilizado, desenvolvido, certo e ovacionado, em contrapartida o orientalismo como uma construção ocidental está relacionado ao não civilizado (ou

³⁸ Este caso, também é relatado no documentário promovido pelo Ministério Público Federal “Ciganos: povoinvisível”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IE7UdY2k2Tk>

pouco), atrasado e selvagem, deste modo só reforçaria o discurso estereotipado. Em outra questão, está na exotização das identidades e da cultura, como ocorre com as etnias romani.

Outras etnias e populações vivenciam em sua trajetória o nomadismo, ou até mesmo sentem e pensam o espaço social de outra maneira, deste modo se partir dos pressupostos modernos eurocêntricos ocidentais de utilização e relação do espaço e território tendemos a replicar ao que Said já chamou atenção e acima discorreremos. Stuart Hall (2016) quando pensa o discurso West/Rest, a polaridade ocidente e o resto, não só na seara do conhecimento, mas, também acaba por definir o que pode ou não ser considerada sociedade moderna, sendo aquelas caracterizadas pelo parâmetro universal ocidental, sendo aquelas sociedades que estão fora deste padrão serão representadas como inacabadas relegadas ao vácuo e incompletude (COSTA, 2006).

Todo mundo sabe que, apesar da lei, os ciganos não têm o direito de se fixar em lugar algum, nem em um trem, nem em uma estação, e que os espaços onde lhes é admitido morar, frequentemente, lhes são reservados em uma cidade, por tempo limitado. (MOSCOVICI, p. 664, 2009).

Nesta seara do nomadismo, podemos apontar que há etnias indígenas que ao longo de sua trajetória histórica entrelaça-se com o nomadismo, sendo os Xavantes conhecidos como povos tradicionalmente nômades, para evadir dos conflitos praticavam a itinerância, mas desde 1940 passaram a manter contato com a sociedade envolvente. O que ocasionou mudanças em sua cultura e tradição passando a viver em um espaço circunscrito nas reservas indígenas (JACINTO, 2018).

Outro meio de utilização e viver social são as favelas, sendo que tem outra lógica de realização e realidades, também de interagir tanto entre os indivíduos como com o ambiente, segundo Motta (2019) estes espaços quando quantificáveis nas produções estatísticas são representados como “*anormais*” ou “*subnormais*”, ameaçadores e problemáticos, mas isto desde seu surgimento. A pesquisa da referida autora objetiva trazer uma reflexão, a partir de dados etnográficos³⁹, documentos do IBGE (censos populacionais) e dados e levantamentos populacionais e geográficos feitos na favela da Maré, assim investigando as produções de realidades.

Importante que Motta (2019) demonstra outras realidades possíveis, pra além da definição de domicílio conforme o IBGE, dispondo que “*no domicílio as relações são exclusivas, as unidades são discretas e estáveis, nessa outra realidade as relações e os elementos se caracterizam pela sua transformação constante e pelo movimento*” (p.81), nas favelas os espaços são preenchidos de forma diferente, as relações familiares são sentidas e vividas de outras formas, pois em uma casa mais de uma família pode coabitar, dividir e perceber a construção daquele ambiente seu e dos demais que compartilha. As casas são constituições de pessoas, de corpos e espaços que fazem parte do viver social, que os dados estatísticos não alcançam. A partir destas reflexões

³⁹ Campo empírico: Comunidade do conjunto de favelas do Complexo do Alemão (zona norte do RJ)

suscita-se outras formas do viver social, maneiras e vínculos que demonstram a heterogeneidade de possibilidades, sociabilidades e construção de subjetividades e intersubjetividades. Ainda, se detivermos o olhar para nomadismo e sedentarização, ao analisar o conceito de domicílio do IBGE, que assim conceitua:

Conceituou-se como domicílio o local de moradia estruturalmente separado e independente, constituído por um ou mais cômodos. A separação fica caracterizada quando o local de moradia é limitado por paredes, muros, cercas, coberto por um teto, e permite que seus moradores se isolem, arcando com parte ou todas as suas despesas de alimentação ou moradia. A independência fica caracterizada quando o local de moradia tem acesso direto, permitindo que seus moradores possam entrar e sair sem passar por local de moradia de outras pessoas. Classificaram-se os domicílios como particulares quando destinados à habitação de uma pessoa ou de um grupo de pessoas cujo relacionamento fosse ditado por laços de parentesco, dependência doméstica ou, ainda, normas de convivência. Como coletivos foram classificados os domicílios destinados à habitação de pessoas em cujo relacionamento prevalecesse o cumprimento de normas administrativas. São exemplos de domicílios coletivos os estabelecimentos destinados a prestar serviços de hospedagem (hotéis, pensões e similares), instituições que possuem locais de residência para pessoas institucionalizadas (orfanatos, asilos, casas de detenção, quartéis, hospitais etc.) e, também, alojamento de trabalhadores em canteiros de obras". (IBGE, 2014, grifo nosso).⁴⁰

Aponta-se, a partir do conceito acima, uma restrição e delimitação ao que pode ou não ser considerado um ambiente domiciliar, que não abarcaria as possibilidades e vivências produzidas por grupos romanis, que tem uma visão de mundo diversa.

Pelo exposto ao longo das questões apontadas acima, com base nos autores e teorias, observa-se a abertura da cultura e da identidade, considerando que os sujeitos se introjetam de valores, costumes, condutas, visão de mundo, *ethos* dos diferentes meios e sujeitos que se relacionam. Essa multiplicidade de possibilidades nos sujeitos romanis é oportunizada quando sedentarizados, ainda que quando vivendo em situação de trânsito era mais fechado em sua comunidade, com a fixação a identidade fragmenta-se possibilitando que mantenham interação com diferentes grupos e espaços e façam parte e integrem esses outros meios de sociabilidade (como: escola, universidade, trabalho, centros religiosos entre outras relações da vida cotidiana), o que Maffesoli (2001) aponta como culminante para o sujeito nômade da pós-modernidade, ou seja, não é uma particularidade Romani, mas uma característica pós-moderna. Ao mesmo tempo, que não olvidam o nomadismo na construção de sua subjetividade, estando presente na cosmologia dos seus espaços de convivência, manutenção da língua e em suas formas de organização e no convívio diário. Categoria do: "eu fragmentado", não é só uma possibilidade e trajetória, mas uma multiplicidade do "eu" entrecruzado a partir dos diferentes círculos sociais⁴¹ que transita e, com isso, o torna mais fragmentado e único.

⁴⁰ IBGE. Amostras de domicílio. Disponível em: http://webcache.googleusercontent.com/Search?q=cache:rEsPykkbEcUJtp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_anual/2014/Volume_Brasil/Notas_Tecnicas_Volume_Brasil_2014.pdf+%cd=2&hl=pt-R&ct=clnk&l=br. Acessado em: novembro de 2019.

⁴¹ Simmel (1983).

Assim, após essas reflexões teóricas acerca do nomadismo e sedentarismo, para entender o processo de transição de grupos que antes eram nômades e que com o tempo vem mudando sua lógica e se sedentarizando. Além disso, para compreender esse processo e sua relação com as alterações e ressignificações da identidade e cultura de grupos Romani. Nesse sentido, importante a discussão teórica que norteia estes conceitos (identidade e cultura), que será abordada a seguir.

3.2 - Pensando a Identidade e a Cultura

Nessa seção serão abordadas as questões teóricas que envolvem a identidade e a cultura nas ciências sociais, principalmente na sociologia e na antropologia. Para que, seja possível arrazoar a partir de seus pensadores e das teorias desenvolvidas. Em um primeiro momento, com uma retrospectiva antropológica para observar que não apenas na sociologia as questões de cultura e identidade são pesquisadas, trabalhadas e teorizadas, tendo na antropologia uma corrente do conhecimento que se dedica a estes temas, que pode servir de arrimo para o pensar sociológico e de tal forma não pode ser olvidada, suscitando que interdisciplinaridade é salutar para o embasamento teórico-metodológico.

Em uma visão antropológica mais contemporânea, na hermenêutica cultural de Clifford Geertz (1980; 2008), a cultura são teias de significado erguidas pelo próprio indivíduo. Assim, ela é interpretativa, a interpretação dos significados, a ação do indivíduo considerando o panorama cultural que ele faz parte. Aborda que, o *ethos* de um povo é o modo pelo qual esse mesmo povo decifra o mundo, seu estilo de vida, suas disposições morais, a síntese dos costumes e das condutas. Já a visão de mundo é o entendimento que determinado grupo tem da realidade. A teia de significados é desenvolvida pelas representações, que são modificáveis e inconstantes, e se estabelecem com arrimo nas interações. Como são alteráveis, a visão de mundo e o *ethos* também são dinâmicos, pois a cultura é fragmentada e não necessariamente fixa.

Em resumo, se a cultura na visão de Geertz é uma cadeia de significados e símbolos interpretados e retratada pelo indivíduo, então pode ser entendida como variável quando em comunicação com novas expressões simbólicas, condutas e inter-relações. Nesse ponto, quando falamos de transição do nomadismo para a sedentarização de grupos Romani, estar-se-ia diante da comunicação de trocas simbólicas, que os sujeitos a partir de suas interpretações quando em relação com outras realidades modificam e recriam suas representações e interpretações de mundo e, assim alteram suas teias de significados. Então, ocasionando há a fragmentação da cultura e a ressignificação de seus signos e significados, oportunizando novos comportamentos/condutas e estilos de vida.

Em Roy Wagner (2010), a cultura é uma invenção, uma constituição que surge da própria vida humana, neste sentido tem um aspecto de metamorfose, um processo de concepção e invenção, para ele a própria interpretação que os sujeitos têm da cultura é uma construção atuante na análise intersubjetiva. Evidente que, não podemos entender

nesse caso, que invenção é sinônimo de artificial, mas deve ser concebido no sentido de estar sempre recriando, reconstruindo e alterando, corroborando com aspecto ativo e argumentativo.

Na antropologia brasileira, Roberto Cardoso de Oliveira (1976) na década de 1970 também começou a pensar sobre questões culturais e identitárias, a partir de seus aspectos contrativos, na diferença, oposição e na relevância do “eu” e do “outro” na conservação e na construção das identidades. Neste sentido, aborda a constituição das identidades de grupos étnicos no decorrer de sua afirmação em confronto com o outro; deste modo a identidade não se forma isoladamente.

No seguimento de pensar a construção da identidade Romani, pela ótica e diferença do “eu” e do “outro”, em um engajamento construtivo, neste mesmo sentido Adolfo (1999, p.19) se coaduna ao Roberto Cardoso de Oliveira (1976) que para ele a identidade que surge por oposição. Ela não se assegura “isoladamente”, ou seja, a identidade de grupos étnicos ou de indivíduos se afirmam na relação com o outro.

o que realmente diferencia os ciganos da sociedade nacional é sobretudo sua língua e seu modo de ser. Os ciganos possuem uma clara noção de serem ciganos, mesmo sem conceito de origem étnica ou passado histórico, como se cada indivíduo nascesse possuidor de uma memória étnica já acoplada. Na verdade, é o processo de socialização que faz dele um cigano com tanta garra e orgulho. Sua educação é feita por contrastes e comparações. Primeiro contrasta-se o cigano com o *gadjê* (não cigano), no intuito de mostrar ao ciganinho o mundo *gadjê* como um mundo desorganizado e caótico, com pessoas sem noção de tradição ou passado histórico e sem uma moral muito definida. (ADOLFO, 1999, p.19).

Contudo, a cultura Romani e sua identidade estão em transformação, se construindo e recriando nessa nova teia de significados e representações, a partir dos diferentes contextos que passam a partilhar. Ainda, com o hibridismo cultural, os sujeitos vão se identificando e introjetando características e aspectos de diferentes culturas, vão aumentando a sociabilidade e ampliando seus círculos de pertencimento. Após, essa breve abordagem antropológica da cultura, passamos a discussão da identidade e da cultura a partir dos Estudos Culturais.

Depois desta breve consideração acima, passamos aos estudos pós- coloniais, que não é filiar-se apenas a uma corrente sociológica (neste caso) com estruturas epistemológicas engessadas e centralizadas no que é produzido nos centros europeus de conhecimento e de produção acadêmica, que acaba por produzir a lógica da relação colonial. Neste sentido trata-se de um olhar ao periférico e a outras realidades, em que conjunturas opressivas são referenciadas e percebidas, estando nos mais diversos recortes, como as questões étnicas e raciais. Para Sérgio Costa (2006), os estudos pós- coloniais realizam uma crítica epistemológica as concepções dominantes da modernidade, desconstruindo os essencialismos.

Para Costa (idem), os estudos pós-coloniais aproximam-se de três correntes contemporâneas, primeiramente no pós-estruturalismo, principalmente em Derridá e Foucault, na relação do caráter discursivo do social. Em segundo, estaria a corrente pós-moderna, no sentido de tratar a pós-modernidade como “*condição isto, como categoria*

empírica que descreve o descentramento das narrativas e dos sujeitos contemporâneo” (p.84). A terceira corrente ligada aos estudos culturais, com relevo na versão britânica.

A partir dos estudos culturais, principalmente em Hall (2006; 2003), quando trata do hibridismo cultural observa como um aspecto característico do indivíduo pós-moderno, pois nesse contexto a socialização é ampliada, fragmentando-se as referências da constituição da identidade, que não são mais estáveis. Os indivíduos, mesmo que temporariamente, acabam se identificando e tomando sentimento de pertença a diferentes sistemas de significação e representação cultural. Deste modo, não há uma unicidade da identidade. Com o pluralismo cultural as identidades vão se construindo e reformando com o tempo. Os indivíduos começam a captar aspectos culturais de diferentes origens e o somatório vai criando e recriando o sujeito: então, a identidade não é inerte, mas dinâmica.

Atualmente, podemos pensar a cultura como múltipla e fragmentada, a identidade também passa a ser multifacetada. A identidade do sujeito pós-moderno não é fixa, é variável, se transforma e não é essencial; ou seja, a identidade é relativa e transitória.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertantes e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p.13).

Ainda, as identidades e sua construção perpassam por diálogos globais e locais, neste sentido se edificam dentro das representações, mediadas pela cultura. Assim, o jogo das identidades étnicas e sociais são discursivas e dialógicas, porém é importante estar claro e ter cuidado para não homogeneizar os sujeitos. Hodiernamente, vivenciamos uma hibridização cultural, assim as culturas se entrecruzam, se classificando neste lugar das transmissões e na construção instável das identidades, que estão sempre se transformando e ressignificando (HALL, 1997).

O mundo contemporâneo é muito fragmentado, de inúmeras experiências possíveis de constituição da subjetividade, tendo em vista que os sujeitos perpassam por tantos contatos e com uma diversidade de grupos ampliando a possibilidades de comunicação com valores e ideias distintas, que com isso vai se fragmentando, o “eu” vai se fragmentando. Assim, quanto mais fragmentada é a identidade, mais específico e singular uma pessoa é.

Neste sentido, ao pensar identidade e cultura romani, a partir de suas transformações e vivência em novos contextos e sociabilidades é importante verificar, as narrativas das mulheres romanis que Peripolli (2013) traz em sua pesquisa, em que elas conseguem observar as mudanças do que antes era o tradicional. A autora em sua narrativa etnográfica, também aponta as transformações e observa que as *“modificações culturais dentro da sociabilidade cigana, as mulheres jovens já não percebem da mesma forma as tradições que as mais maduras deram e dão continuidade”* (p. 101). Deste modo refletindo-se que o indivíduo é atravessado por diversas identificações/identidades

(HALL,2003), não sendo possível essencializar ou naturalizar, pois estaria engessando-se as possibilidades tanto das transformações culturais como identitárias.

[Margarida] Eles gostam mais da gente com a roupa, fica mais bonito, cada vez que eu vou numa festa eu boto esses vestidos rodados bem bonitos. Traz aquele azul ali pra ela ver [ela aponta para seu neto pegar a roupa indicada na mesa ao fundo do cômodo da cozinha]. A gente não usa as roupas que nem as de vocês [—brasileiras!]. Mando fazer tudo bonito assim, sete metros, oito metros, tudo estampado e rodado bonito assim, as blusas bordadas tudo com flores. Traz o vermelho de lá [aponta de novo para o neto trazer do mesmo lugar do anterior], tudo comprido. Coisa mais linda...Fazia tempo que eu não botava esse... Botei esses dias. Eu emagreci...Esse tecido é muito caro. Vai fazer 15 anos que tenho. Agora não, as gurias [não casadas] podem usar calça, essas coisas, blusas normais... **Já têm muita coisa diferente. As roupas de cigano antigo, que não usam mais. Tudo bonito e agora não usam mais... É que todo mundo usava, mas agora não existe mais... Uma saia mais rodada, uma blusa diferente.**

[Azaléia] [A cigana casada] passa a usar mais saia, mais vestido, menos calça. Para de andar tanto com as amigas.

[Acácia] Quando é “brasileira” é “brasileira”, quando é cigana é cigana. É tudo diferente. **Mas agora já tão deixando essa coisa de lado, agora as ciganas tão mais “brasileiras” que cigana.** (PERIPOLLI, 2013, p.89, grifo nosso)⁴²

Se a identidade romani for observada por um viés essencializado, as noções projetadas que acabaram por serem construídas ao longo da história, que levaram ao quase extermínio com o nazismo e a segunda guerra mundial, as constantes ações repressivas que se davam por toda a Europa, conforme chegavam ao continente por volta do século XIV de forma mais massiva (PEREIRA, 2009). Esta identidade essencializada e apontada como absoluta fundamentando-se em marcas corporais: no fenótipo, na cor da pele, mas também na cultura, seja em seus trajes, língua (Romani), enfim através destes signos que os colocam (e às vezes ainda acontece) como diferentes e impõe “o outro” e fomentam uma ideia de incompatibilidade e, ao mesmo tempo de ameaça, sem margem para alteridade, pois como dispõe Gilroy:

Pessoas diferentes são certamente odiadas e temidas, mas a antipatia oportuna contra elas não são nada se comparada com o ódio voltado contra a ameaça maior representada por aquele que é meio-diferente e em parte familiar. Ter-se misturado e ter sido partidário de uma grande traição. Qualquer traição desconcertante de hibridez deve ser amputada das zonas ordenadas e desbranqueadas de uma cultura pura impossível! A segurança da similitude pode ser então recobrada através de uma das duas opções que aparecem regularmente no ponto de desintegração desta lógica deprimente: a separação ou o massacre. (GILROY, 2007, p.132)

As construções hegemônicas e absolutas das identidades, para Bhabha (1998) são delimitadoras e encarceram a cultura impondo fronteiras intransponíveis, duras e estatizantes (COSTA, 2006). Neste sentido, os aspectos referentes à diferença:

[...] não deve ser lida apressadamente como reflexo de traços culturais ou

⁴² Não há data da realização das entrevistas.

étnicos preestabelecidos, inscritos na lapide fixa da tradição. A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, e uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica. (BHABHA, 1998, p 20-21).

Em sua obra, ao tratar de pós-colonial Bhabha (1998) vai trazer o sujeito híbrido que supera o estreitamento das fronteiras e diferenças culturais, o hibridismo para pensar a cultura em um espaço translocal e no deslocamento e descentramentos dos signos de representação, momento de hibridação do signo, e vai além, pois para ele o hibridismo não é uma ação intencional do sujeito já que independe de sua vontade ou interesse (COSTA, 2006).

Para tratar de identidade, na sua formação e transformação a partir dos novos contextos urbanos que passam a vivenciar, importante observar que a identidade é negociada ao longo da vida, os sujeitos passam a se identificar com várias identidades e não há uma só possibilidade, muito embora não esteja inserido como autor pós-colonial, mas é importante salientar o que trata Bauman (2005, p. 17) “o *‘pertencimento’* e a *‘identidade’* não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis”.

Portanto, os principais eixos teóricos, como método de desconstrução do essencialismo, fundamentam-se nos estudos pós-coloniais de Hall (2006; 2003); Gilroy (2001;2007) e Bhabha (1998), para entender a construção e as transformações da identidade e da cultura, como no pós-estruturalismo de Derridá (1968;1995), principalmente na noção de *différance*⁴³, para entender a identidade em seu aspecto desconstrutivista e a relação de signo e significante, para que se irrompa com a ideia de diferença essencial e cristalizada, rompendo com a noção opositora e binária nós/ele, eu/outro (COSTA, 2006).

Neste sentido, pensando a alteridade a partir da *différance*, que não se constitui no binarismo, na oposição e polarização.

Os sujeitos se identificam em uma diversidade de situações e posições ao longo da vida, não havendo uma identidade maciça, sólida e essencial que não se hibridize ou entrecruze nos processos de socialização. Quando tratamos de identidades ou identificações romani, não estamos tratando de um fenômeno diferente, pois mesmo que estejamos abordando identidades que se constituem a partir de culturas tradicionais, os fluxos e intercâmbios culturais e identitários estão acontecendo permanentemente. Os signos e representações estão sempre em processos de resignificação, que, assim perpassa a construção e reconstrução das identidades. Até porque, não só as identidades romanis se hibridizam, outros sujeitos passam a introjetar-se dos signos e significados que constituem estas identidades, o limite, ou melhor, as fronteiras culturais se deslocam.

As identidades não se constroem a partir de essências predeterminadas e engessadas, haja vista a força discursiva de sua constituição, que perpassam relações transversais e alinhamentos diversos e diversificados que vão dar as posições que

⁴³ Neologismo da palavra francesa *différence*.

cercam a construção do sujeito, que também encontrará respaldo nas intersubjetividades e interação a partir da alteridade. Os signos e significados não são rochas imutáveis, ou essenciais, pois estes sofrem um processo variável que ergue e reconstrói realidades.

Quanto aos essencialismos nos estudos subalternos de Spivak (2010) e as consequências no pós-colonial, a forma que se deu tanto a socialização das pessoas, como dos países; para compreender as condições de subalternidade na vida social. Para ela, não há uma história única, da mesma forma que não há um sujeito único, inteiro, puro ou livre de qualquer ingerência e atravessamentos externos. Tanto a história como o sujeito não são ou podem ser essencializados, Spivak(idem) em sua teorização desconstrói uma suposta essencialização, todavia trata de uma multiplicidade do sujeito e de vieses históricos. O sujeito subalterno como aquele que é silenciado, ou seu espaço de fala é inexistente, ou é menosprezado e subjugado.

O sujeito subalterno vai de encontro ao indivíduo completo, autônomo, livre e único desprovido neste sentido de trazer consigo seu tempo histórico e sociabilidades, um sujeito essencial. Para Spivak (2010) o sujeito subalterno é fragmentado, descontínuo e carrega sua localidade, tempo histórico (temporalidade) e sociabilidades. Portanto, há uma variedade de sujeitos e não uma unicidade.

3.3 – Ciberespaço: nomadismo e cultura

Estamos inseridos em uma rotina dinâmica de informações, de inteligência tecnológica, que cria laços e conexões entre máquinas, mas também entre pessoas que se buscam e juntam-se em um espaço sem limite territorial ou fronteiras lineares, o ciberespaço. A internet e as redes sociais apoiam esse espaço, que aproxima e diminui a distância entre lugares e entre pessoas, os sujeitos se buscam por afinidade, por meio de informações devido ao acesso amplo e dinâmico que se estabelece as interações sociais nesse ambiente virtual. E assim, Pierre Lévy (1999) define o conceito de ciberespaço:

É o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (Lévy, 1999. p. 17).

Ainda Lévy (idem) aponta o ciberespaço como um novo ambiente de sociabilidade, assim descrevendo que “*as tecnologias digitais surgiram, então, como a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento*” (1999, p.32).

E a partir do ciberespaço, a cultura também passa a existir nesse ambiente, tendo em vista seu dinamismo, questões que norteiam aspectos do comportamento humano, condutas, visão de mundo, práticas sociais, novas realidades e ressignificações simbólicas da vida dos sujeitos. E nesse sentido, a cultura se organiza a partir dos fluxos

e nas configurações de comunicação, que vai erigindo por meio dos significados que vão sendo ampliados e nessa troca de sinais e códigos de conhecimento. Ainda, a internet passa a ser um local de organização social, que para CASTELLS (2002):

Nossos meios de comunicação são nossas metáforas. Nossas metáforas criam o conteúdo da nossa cultura. Como a cultura é mediada e determinada pela comunicação, as próprias culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais com o passar do tempo. (CASTELLS, 2002, p.414)

Quando falamos de processos de ocupação no ciberespaço, segundo Mafessoli (2017) ingressamos na transição dos individualismos para as comunidades virtuais, que se estabelecem na metáfora do espiral o retorno do que é antigo, mas em outro plano. Para o autor (MAFESSOLI, 2012), o retorno dos tribalismos é um ponto da sociedade pós-moderna, sendo o nomadismo, o hedonismo e o tribalismo um ponto característico do que é vivenciado, típico dessa época. O nomadismo, no dinamismo das relações em espaço virtual, num tom de liberdade naquele não espaço, ao mesmo tempo retoma um senso comunitário, os sujeitos se procuram no espaço virtual buscando suas tribos ou novas possibilidades de construção destas, o nomadismo nesse sentido de reencontro e compartilhamento de um novo espaço de sociabilidade. Em relação aos grupos romanis, o nomadismo, as comunidades e fluxo fazem parte da construção de suas identidades e da cultura, considerando suas tradições e costumes, mas também inseridos nessa sociedade pós-moderna.

Assim, a partir do arcabouço teórico acima evidenciado e partindo dos objetivos e questões expostas, passamos a análise dos dados, propriamente para as categorias e subcategorias analíticas erigidas no capítulo seguinte.

4 – Do nomadismo ao sedentarismo: transformações identitárias e culturais

Neste capítulo será considerada a análise dos dados coletados ao longo da pesquisa. O trabalho de campo ocorre, mais precisamente, desde 2018 com a inserção no campo empírico, utilizando-se dos relatos e anotações do caderno de campo, entrevistas narrativas e informais, e a partir de 2020 passou-se a usar-se a netnografia, com a coleta de dados no espaço virtual, postagens e entrevistas de páginas no Instagram (Ciganagens) e no Facebook (Caravana Esmeralda Cigana), esta última é administrada por uma das interlocutoras

Os dados coletados na investigação serão aqui apresentados com base nas categorias de análise formuladas durante a pesquisa. Primeiramente serão abordadas questões e dados referentes ao processo de transição do nomadismo ao sedentarismo, com dados quantitativos disponibilizados vinculados ao IBGE e a Associação Internacional Maylê Sara Kali para tratar, sobretudo, da situação de grupos nômades (dados de acampamentos). Após partirá para os dados que tratam sobre sedentarismo, principalmente, dos grupos que foi realizado o campo empírico etnográfico e os fatores que apontam esse processo. Depois da explanação dessas questões, que serão apreciados os dados a partir da organização e configuração das categorias de análise, as quais visam responder aos objetivos propostos e de questões problematizadoras articuladas com os objetivos específicos é que surgem as categorias analíticas.

Nesse sentido, pensando a reconstrução e a transformação da identidade e da cultura, a partir destes novos contextos urbanos e virtuais que os Romanis passam a viver e socializar ao sedentarizarem-se. Quanto às questões que giram em torno das transformações identitárias foram articuladas da seguinte maneira: a) O nomadismo é fundamental na construção da identidade romani? b) como a identidade se transforma a partir do contato que estes grupos têm com outras realidades? c) Os sujeitos percebem as transformações? d) Quais os mecanismos de resignificação? Quanto às questões que norteiam as transformações da cultura, compostas da seguinte forma: a) os sujeitos conseguem perceber as transformações culturais? b) O nomadismo ainda está presente no viver e socializar dos grupos romanis? c) quais os principais aspectos que levam os grupos romanis a sedentarizarem-se? d) Há/houve processos de sedentarização por imposição? e) Que elementos indicam que a cultura vem se resignificando? f) O ciberespaço aparece como um não espaço (físico, territorial e delimitado) para ser itinerante para esses grupos?

Destarte, partimos para as considerações sobre o processo de transição do nomadismo ao sedentarismo, como fio condutor para pensar as relações sociais e as tensões nos espaços de sociabilidade, mas também como condutor para observar as questões que norteiam a resignificação da identidade e da cultura.

4.1 – Do nomadismo ao sedentarismo

Para abordar sobre grupos Romani nômades, em análise os dados quantitativos disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) quanto ao perfil dos municípios brasileiros há uma declaração de acampamentos romanis e a quantidade de municípios em que foram identificados espaços disponibilizados para acampamentos destes grupos. Neste caso, trata-se de um breve mapeamento pelo Brasil, ainda com poucas referências, estes dados disponibilizados pelo IBGE traçam referências apenas de acampamentos romanis sem dados daqueles que estejam sedentarizados.

O Estado de Minas Gerais, segundo os dados do IBGE 2011 é apontado como o que mais têm concentração de acampamentos romani no Brasil, com 58 acampamentos, seguido pelo Estado da Bahia com 53 e Goiás com 38. Segundo as informações básicas Municipais (Munic)⁴⁴ do IBGE, em pesquisa mais recente que data do ano de 2011 foram identificados 291 acampamentos romanis no Brasil, em 21 Estados da federação. No entanto, as informações referenciam os acampamentos romanis, o que não abarca os romanis sedentarizados que também estão nestes espaços urbanos e rurais. Já, no ano de 2014, estimou-se que existam cerca de 800 mil romanis (ciganos) no Brasil, sendo o país com a maior população na América Latina (PERPÉTUO, 2018), em 419 municípios, conforme se observa no mapa⁴⁵ abaixo:

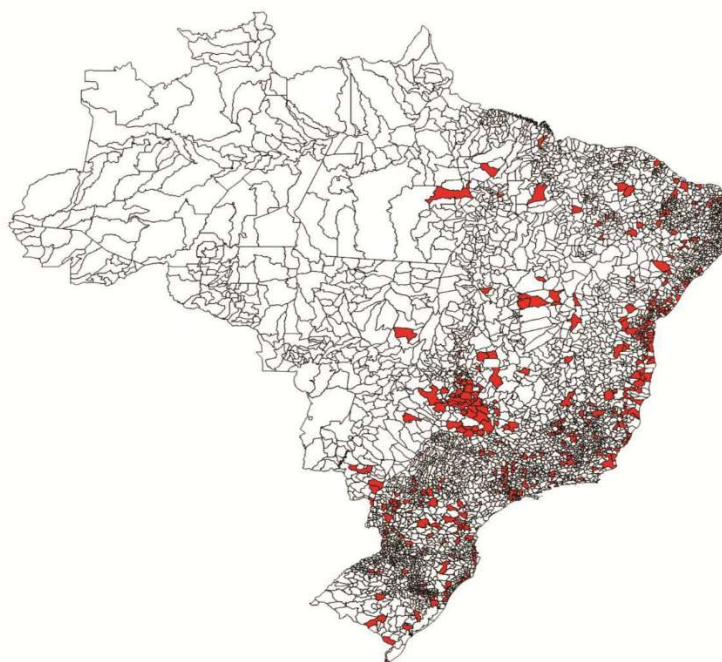


Figura 4 - Mapa do Brasil (presença de ciganos) ⁴⁶

⁴⁴ Disponível em: <<ftp://ftp.ibge.gov.br/Perfil_Municipios/2011/munic2011.pdf>>. Acessado em 06 de novembro de 2019.

⁴⁵ Disponível em: <http://jornalismojunior.com.br/brasil-cigano-ontem-e-hoje/>. Acessado em 22 de abril de 2021. Municípios com presença Romani no território brasileiro, 2014. (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – Ministério da Educação)

⁴⁶ Fonte: Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (SEPPIR), IBGE/2011.

Salienta-se que, a partir de 1998 estes dados são coletados e disponibilizados pelo IBGE, porém somente nos anos de 2009 e 2011 trouxeram estas referências sobre os grupos romanis, conforme tabelas (anexo 1 e 2). No entanto, não há dados disponibilizados que apontam quantos romanis estão sedentarizados ou quantos ainda estão itinerantes, apenas uma estimativa de acampamentos. A Associação Internacional Maylê Sara Kali disponibiliza planilha descritiva por Estado-membro brasileiro identificando as cidades e quantidades de acampamentos em cada uma delas (planilha anexo 3).

Quanto aos grupos romanis no sul do Brasil, no anexo 3 a cidade de Pelotas é descrita como um dos municípios gaúchos com acampamentos romani, também apontado na pesquisa de 2009 e na de 2011 do IBGE, mas o município de Rio Grande não aparece nestes dados. Frisando que, estes dados somente mapeiam acampamentos, não reverenciando grupos e famílias romanis que moram em casas. Porém, se os acampamentos romanis se mantêm nas cidades pode ser um indicativo que este grupo está “arranchado⁴⁷” (como no caso do grupo Calon de Sobradinho no Distrito Federal, a Comunidade Cigana da Rota do Cavalo⁴⁸).

No que concerne ao processo de sedentarização no Rio Grande do Sul, traçamos uma breve exposição dos municípios de Rio Grande e Pelotas que têm seus atravessamentos com grupos Romani ao longo do tempo, sendo também as cidades que o campo etnográfico foi realizado. São municípios vizinhos, situados na região sul do Estado do Rio Grande do Sul, uma distância de 60 km entre eles. Rio Grande é a cidade mais antiga do Estado, com data de fundação em 1737. Por tratar-se de uma cidade Portuária há fluxo de pessoas das mais diversas etnias, porém o centro da cidade, ponto de comércio e lojas torna-se costumeiro a presença de romanis, indígenas, senegaleses (vendedores ambulantes), sendo um campo muito plural e híbrido.

Além desses grupos étnicos há dinâmica de outros grupos neste mesmo espaço, que fica no entorno da Catedral de São Pedro⁴⁹ na cidade do Rio Grande, a moça do merengue que tem certo conflito com as mulheres romanis, o Sr. Do Cafezinho da Bike, as barraquinhas de artesanato e dos artesões de acessórios e pinturas, ainda há apresentações de capoeira, manifestações políticas, manifestações e apresentações religiosas, enfim um ambiente de interações das mais diversas dinâmicas. Geralmente, as romanis estão vendendo unguentos, gel e pomadas caseiras de ervas, chás, leitura de mãos (quiromancia/ “ler a sorte”) e leitura de cartas. Os transeuntes são abordados, para que façam a leituras de mãos ou cartas, seguindo uma tradição das mulheres Romani. Em determinados períodos, ao longo do ano elas voltam e retornam, mas não há um padrão aparecem em todas as estações do ano, principalmente na primavera e no

⁴⁷ Acampamentos em barracas, em que se mantem fixados no local, conforme informação da interlocutora Rose Winter.

⁴⁸ Segundo Perpétuo e Rêses (2018), em pesquisa sobre ciganidade e educação escolar observaram ao entrar no campo empírico, a transição do nomadismo para o sedentarismo. Trata-se de um grupo que se autodesigna Calon que se fixou em Sobradinho – DF, que saiu dos Estados de Minas Gerais e Goiás e pode montar acampamento na região, pois recebeu autorização e em ação balizada pela defesa civil e a SEPPIR receberam barracas para que o grupo pudesse se estabelecer e acolher-se, permanecendo desde então na região e no espaço que foram alocados, agora comunidade cigana da Rota do Cavalo

⁴⁹ A Catedral de São Pedro é a primeira igreja portuguesa construída no RS.

verão.

No município de Pelotas não há a presença destes grupos Romani nos espaços públicos centrais, durante a pesquisa não se identificou a presença durante a realização do campo. O que, também foi apontado pela Vó uma das interlocutoras, quando revelou que há mais de 20 anos que já não praticam a quiromancia em espaços públicos. A cidade de Pelotas, também é um município atrativo economicamente na região desde o século XVIII, com data oficial de fundação em 1812, porém desde 1780 já havia o início das charqueadas na região, que movimentou o “ciclo do charque” no Estado, com utilização de mão de obra escrava e que sustentou o crescimento e a fundação da cidade e, também, o crescimento econômico exponencial na época. Mantendo-se até hoje como um dos polos socioeconômicos do Estado, com instalação portuária, a maior cidade da região (com o maior número de habitantes).

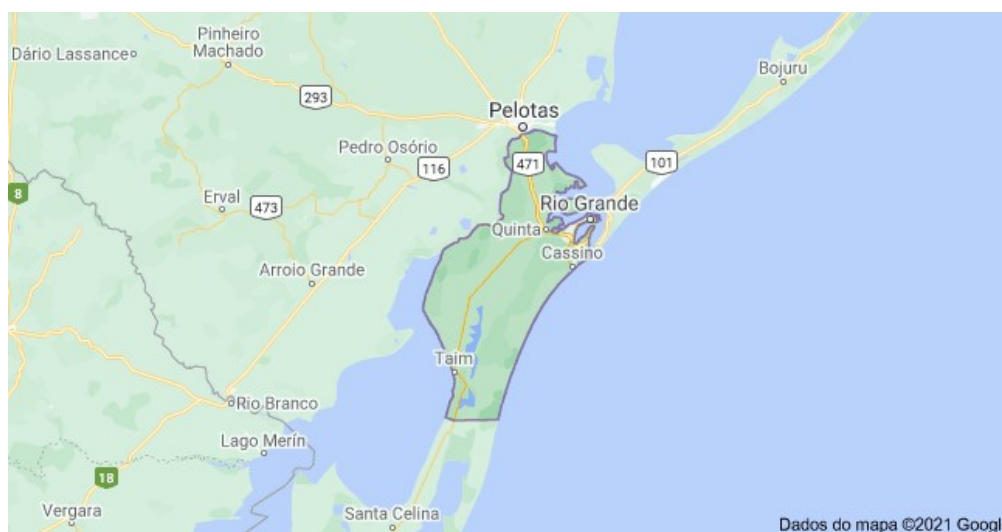


Figura 5 - Mapa entre Rio Grande e Pelotas

Em Pelotas, contam uma percepção antiga sobre a cultura romani a partir de um misticismo local, tendo em vista que há uma crença na chamada Cigana Terena, personagem que está enterrada no cemitério Ecumênico São Francisco de Paula⁵⁰. Embora ainda hoje se tenha essa visão mística e alguns creem que ela conceda milagres, no final do século XIX acreditava-se que a referida “cigana” teria rogado uma praga na cidade para nada prosperar, o que se chama popularmente de “*a maldição da princesa cigana*”.

No fim do ano de 1882 chegou à cidade de Pelotas um grupo roma de mais ou menos 50 pessoas. A passagem do grupo não era bem recebida pelos habitantes da cidade, que os chamavam de “*beduínos*” e referiam que a população deveria manter cuidado, pois gostavam de explorar e ludibriar. Dentre os romanis estava Terena, esposa do chefe do grupo, que veio a falecer em março de 1883, aos cinquenta e cinco anos. Alguns dizem que ela chegou doente à cidade, outros atribuem que os médicos não quiseram prestar-lhe atendimento por tratar-se de uma mulher rom, mas não há

⁵⁰ *Aumenta devoção às ‘milagreira’*. Jornal Correio do Povo. 3 de novembro de 1998. p.16. Disponível em: <http://www.correiodopovo.com.br/jornal/A104/N34/PDF/Fim16.pdf>. Acessado em: 28 de junho de 2018.

comprovação⁵¹. Após, a década de 1950 ocorreu uma reviravolta na crença popular e Terena passou a ser conhecida como “milagreira”, pois algumas pessoas passaram a relatar que ela concedia pedido, então o tumulto ainda é muito visitado e há placas e oferendas que são colocadas em homenagem “as *graças concedidas*”, o que mudou o rumo da trajetória e dos romanis quando passaram por Pelotas naquela época.⁵² Em Rio Grande, não se encontrou fatos históricos que se entrecruzem com a população romani na cidade.

Ainda, os sujeitos que fazem parte do campo empírico etnográfico estão fixados em determinado espaço vivendo em casas nos centros urbanos, mas a relação da memória social (PORTELLI, 2013) destes grupos se estabelece na oralidade (tradição oral de sua história). Assim passam o viver itinerante, como modo de reflexão de sua cultura. Neste sentido, não podemos comparar o modo que se relacionam com o meio, com a visão ocidental tanto de fixação e de preenchimento do espaço.

Quanto a essa dimensão pode ser percebida junto à cosmologia que esses grupos mantêm em sua percepção do espaço, o que percebi no contato com a família romani de Pelotas e no modo como se configura a relação com as casas, habitações, na distribuição e organização do ambiente. Na parte térrea, é bem amplo, sem paredes (ou divisórias), apenas pilares, a entrada é um portão de garagem que está sempre aberto, no mesmo espaço ficam sofás e tapetes e, ao fundo uma cozinha com churrasqueira e mesa ampla (uns doze lugares). Na parte superior não é possível entrar, pois é seletivo aos integrantes da casa, mas pelos relatos ficam os quartos e uma sala para atendimento dos consulentes para o jogo de cartas, sendo que os visitantes sempre permanecem na área comum (no térreo), local que a família passa a maior parte do tempo. A disposição da casa tem uma representatividade das barracas e a forma de relação familiar dos acampamentos.

O passar a morar em casas não é uma ruptura de suas tradições, mas uma forma de resignificação da relação com o meio social. Seguindo Deleuze, a mobilidade é subjetiva e internalizada pelos sujeitos, mesmo naqueles romanis que nunca viveram em acampamentos ou rancho trazem o nomadismo dentro de si. Em relato etnográfico a anciã da família diz “*minha barraca é muito bonita, de lona, armação de ferro, tem mais de 6 metros de frente, muito grande, cabe todo mundo*”, para demonstrar que mesmo estando em residência fixa, à barraca está ali, a qualquer tempo pode ser itinerante, mas, também para demonstrar que sua cultura está em relação com a prática nômade. Entrelaçando o compartilhamento da memória na herança familiar que solidifica e modifica a cada geração, em articulação intersubjetiva da mobilidade.

Gerson: não morei em barraca, quando nasci já tinha essa casa, mas o meu avô pai da minha mãe morou, aí eu passei uns 6 ou 7(sete) meses

⁵¹MONQUELAT, A.F. Terena, a princesa cigana (1/2). Disponível em: <http://pelotasdeontem.blogspot.com/2016/04/terena-princesa-cigana-parte12.html>. Acessado em: 28 de junho de 2018.

⁵² Em entrevista concedida ao jornal Diário Popular, Ricardo Rojas, que trabalhou durante 56 anos no cemitério ecumênico São Francisco de Paula, e antes seu pai. É apontado que Terena Carraro era húngara e teve sete filhos, mas que a tradição local de pedir graça e conceder enfeites ao tumulto da cigana só teria começado na década de 1970, antes tinha-se que não poderia ser ofertado flores. Segundo Rojas, a cigana nasceu em 1833 e morreu em 1883, no momento que lembrou da lápide. (‘Mais de cinco décadas dedicadas ao cemitério’, Jornal Diário Popular. 1 de novembro de 2013. Disponível em <https://www.diariopopular.com.br/geral/mais-de-cinco-decadas-dedicadas-ao-cemiterio-75760/>?)

com ele na barraca. Foi bom, porque cigano já é acostumado a viver em barracas, mas quem já está acostumado com casa não vive em barraca, se bem que se tiver que viver até vive, mas não se acostuma [...] O cigano não tinha casa antigamente, vamos supor há cinquenta, sessenta anos atrás não tinha casa era tudo barraca, os ciganos foram comprar casas depois de muitos anos.⁵³

Atualmente, no município de Pelotas, há algumas famílias romanis que optaram por fixar residência, entre elas à família do bairro Fragata (na “rua dos beduínos”), na qual foram realizados o campo etnográfico e as entrevistas narrativas. Vale frisar que, nesta rua ainda existem pelo menos três casas que moram famílias romanis, mas por conta da pandemia não foi possível o acesso as outras famílias que residem nesta rua.

4.2 - Contextualização agentes e grupos: da itinerância a fixação

Para chegar nos dados aqui apresentados, iniciou-se a pesquisa de campo exploratória, em que foram realizadas as entrevistas narrativas e a etnografia. Esse grupo constitui-se de uma família Romani, localizada na cidade de Pelotas/RS, mais precisamente no bairro Fragata, sedentarizados há mais de 37 anos, sendo que fixaram residência nesta cidade na década de 80. Mas, antes de Pelotas moravam em São Lourenço do Sul, local que também têm casas, mas naquela época ainda mantinham a tradição das barracas, mesmo que acampassem em terreno próprio. O grupo se identifica como Kalderash, subgrupo da etnia Rom. Segundo os relatos dos partícipes, as origens do grupo vêm da Europa, sendo que provavelmente tenham saído da Espanha para a América do Sul, indo para a Argentina e depois Uruguai. Dessa forma, acabaram por chegar ao Rio Grande do Sul, mas são poucas as famílias que permaneceram no estado, a maioria tendo migrado para outros estados brasileiros. Segundo Luiza, em sua narrativa, os Kalderash chegaram por essa rota migratória por volta de 1803. O núcleo familiar é constituído de oito pessoas, sendo cinco adultos (dois são idosos, com mais de 70 anos), dois adolescentes (uma menina e um menino, com idades entre 13 e 15 anos) e duas crianças (um menino de sete anos e outro com dois anos). Segundo Luiza:

Luiza: Porque eles foram de país em país tentando a sorte, tentar o lugar melhor para viver e tudo. Passaram pelo Uruguai para depois vir para o Brasil. Porta de entrada sempre foi o Uruguai. Primeira vez a chegada deles no Brasil ficaram no Herval, porque a minha Bisa morreu no Herval. Eles tiveram que acampar no Herval porque tinha hospital e eles andavam muito pra campanha, assim pra fora, eles não se misturavam muito na cidade, ai tiveram que acampar na cidade porque a Bisa estava muito mal, e ai foi lá que ela faleceu.⁵⁴

Também foram feitas observações complementares com um grupo seminômade. Contam que são de Guaíba/RS (região metropolitana), mas lá fica a maior parte do grupo, que há mais de quinze anos vão de Rio Grande e permanecem por alguns meses. Geralmente, as mulheres permanecem na residência alugada, enquanto os homens transitam pelas cidades da região (Rio Grande, São José do Norte, Pelotas, Canguçu e

⁵³ Entrevista realizada em 23 de janeiro de 2019.

⁵⁴ Entrevista de 12 de dezembro de 2018

Santa Vitória do Palmar) com vendas de utensílios domésticos (panelas, colchas, cama, mesa e banho). A distância entre os municípios de Rio Grande e Guaíba é em torno de 293 km, conforme pode ser vislumbrado no mapa abaixo.

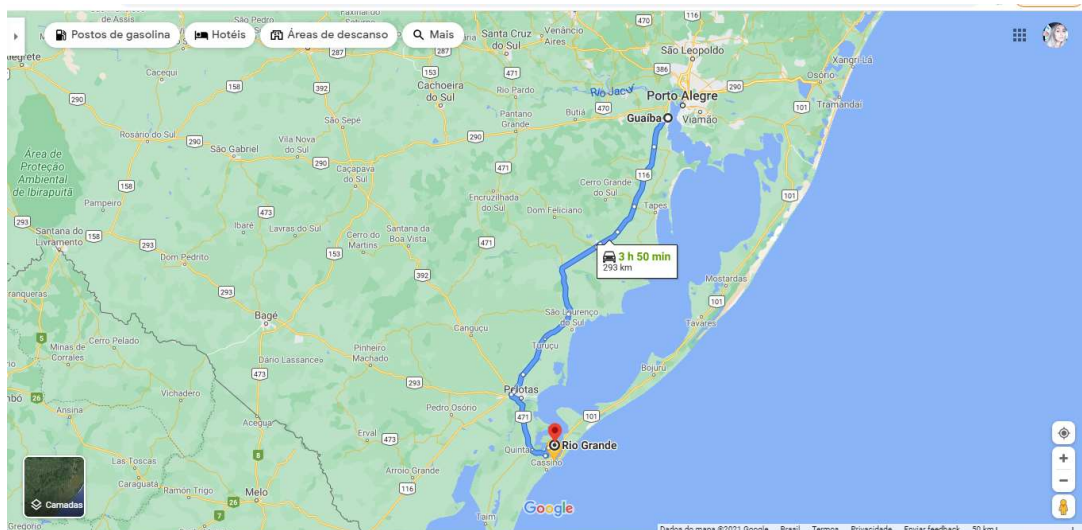


Figura 6 - Mapa entre Guaíba e Rio Grande⁵⁵

O contato realizado foi principalmente com as mulheres – apenas uma vez falei com o marido de Sandra – que nem sempre foram as mesmas. No primeiro contato, conversei com quatro, sendo Sandra a mais velha e depois Jussara. As romani mais jovens não conversam muito, mas ficam chamando os transeuntes para ler a sorte e as cartas. De modo geral estão sempre próximas a catedral de São Pedro no centro da cidade, nunca estão sozinhas, no mínimo ficam em pares. Já as mais velhas fazem a captação dos consulentes e distribuem entre as mais novas, seja para leitura de mãos ou cartas. A dinâmica de aceite e confiança do grupo sempre partiu da romani mais velha, que quando não está presente há certa hesitação das demais, pois como relatado pelas mulheres mais novas deste grupo: *“temos que respeitar a mais velha do grupo”*.

O grupo costuma conversar em Romani, no entanto, quando estive presente, conversam em português. Relata que há bastante tempo não vivem em barracas, e há muito tempo fixaram-se em residências, mesmo que por alguns meses, sentem insegurança em morar em barracas, e já tiveram seus pertences furtados e roubados, relatando casos de acampamentos que foram queimados, temem de que isso aconteça com elas. Em Rio Grande, ficam na Vila da Quinta, bairro mais afastado e próximo de localidades rurais. Gostam do local por não ter conflitos e interações tensas com os moradores, segundo seus relatos.

Sandra: A gente não fica mais em acampamento, porque é muito perigoso nas barracas, temos medo que vão queimar e roubar as nossas coisas, porque isso já aconteceu, já roubaram as nossas coisas e também, já aconteceu com outros que a gente conhece. Quando a gente vem para Rio Grande, ficamos todos em uma casa lá na Quinta, e lá não tem problema com ninguém.⁵⁶

⁵⁵ Google Maps. Disponível em: https://www.google.com.br/maps/dir/Gua%C3%ADba,+RS/Rio+Grande,+Rio+Grande+do+Sul/@-31.0272874,-52.1425784,8z/data=!4m16!4m15!1m5!1m1!1s0x951bd54b43b3fa37:0xdfc631cc6686d6de!2m2!1d-51.3196503!2d-30.1079519!1m5!1m1!1s0x95119c6ccee3f81d:0x_93d00d2f95cfc21d!2m2!1d-2.1016953!2d-32.0407893!2m1!4e4!3e0?hl=pt-BR. Acessado em: maio de 2021.

⁵⁶ Relato etnográfico de 5 de março de 2018.

Ainda promovi contatos com uma informante individual, a Rose Winter. Ao longo da pesquisa atores sociais importantes vão surgindo, seja para intermediar a inserção no grupo, ou surgem como informantes, por ter vínculo estreito com a categoria que está sendo pesquisada (ZALUAR, 2004). Assim, trazem em sua narrativa perspectivas de acontecimentos sociais importantes para o entendimento do objeto de pesquisa. Neste aspecto, Rose é ativista romani, sedentarizada, residente na cidade de São Leopoldo e se autodenomina da etnia Sinti.

A interlocutora Rose, também relata sua trajetória familiar delineada a partir da sedentarização, residente na cidade de São Leopoldo. Tem um papel de informante e de mediadora com os grupos roma no Estado do Rio grande do Sul e em seus relatos demonstra estreita ligação com esses grupos; mas também demonstra engajamento e visibilidade em outros estados do Brasil; em seus relatos evidencia estreita ligação com diversos grupos roma. Narrou, que sua família chegou ao Brasil, pelo transatlântico Kranich⁵⁷, chegando em São Leopoldo em 21 de maio de 1825 trazidos pela sumaca Alexandria. Frisa que, quando chegaram ao Brasil não se identificaram como romanis e foi o ponto de sedentarização da família. Por medo de se identificar como romanis (ciganos), diziam-se colonos alemães. Rose nunca viveu em barracas ou acampamentos, e a maioria de seus familiares não se identifica como romani e não gostam de ser reconhecidos como tal, e vivem totalmente integrados a sociedade envolvente.

Para Rose, que permanece em contato com diversos grupos romanis no Brasil, o processo de sedentarização dos grupos está acontecendo, ela esclarece a partir da sua análise e convivência com os grupos, o seguinte:

Rose: Muitos grupos ciganos estão se sedentarizando, mas com isso, acabam por perder sua identidade cigana. Porque, para se colocar no mercado de trabalho, ser aceito, deixam de se vestir com as roupas tradicionais, e mesmo que a mulher use saia e mantenha um pouco da cultura, não é a mesma coisa. Muitos que estão se sedentarizando, omitem sua origem cigana, com medo do preconceito e de não ser aceito, por ser cigano.⁵⁸

A família romani em que foi realizada a pesquisa etnográfica reside na cidade de Pelotas, no bairro Fragata na conhecida “*Rua dos Beduínos*”, há mais ou menos trinta e sete anos, porém, antes de fixarem-se neste espaço a família morou em São Lourenço do Sul, sendo que já haviam passado por outras cidades do Estado, como: Dom Feliciano e Camaquã, depois que vieram do Uruguai. Em São Lourenço, a família ainda tem imóvel, adquiriram alguns terrenos na cidade e por certo tempo conservaram a tradição de morar em barracas, na forma de acampamento familiar. No entanto, já não mantem situação de

⁵⁷ Segundo o historiador e escritor Rodrigo Trespach, o transatlântico chegou ao Brasil em 15 de janeiro de 1825 trazendo 359 passageiros, transportando colonos e soldados. “Com base nas listas do Hauptstaatsarchiv Hannover, no artigo de Hans Mahrenholtz, publicado pela revista Norddeutsche Familienkunde, no Códice C-333, do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, e no Livros Eclesiásticos de São Leopoldo, no Arquivo Histórico da IECLB, em São Leopoldo, apresentamos a lista de passageiros no Der Kranich. Disponível em> http://www.rodrigo_trespach.com/2017/01/14/lista-de-passageiros-do-navio-der-kranich-viagem-de-1824-25/. Acessado em: 20 de maio de 2020.

⁵⁸ Entrevista realizada no dia 14 de dezembro de 2018.

itinerância. Relatou a Vó⁵⁹ que, antes de realizar a mudança de cidade chegaram a morar em casas em São Lourenço, mas o imóvel era de seu sogro e, após, ficou para o cunhado.

Na década de 1980 (1983 mais ou menos), a família adquiriu os terrenos em Pelotas, no bairro Fragata, na época não existiam muitos habitantes naquele local, sendo eles um dos primeiros a iniciar as construções naquela rua. Descrevem que a edificação da casa com dois pavimentos levou cerca de um ano para ficar pronta. Neste período, viviam nas barracas no terreno ao lado, onde é hoje o estacionamento de seus carros, tendo em vista que trabalham com negociações de veículos (compra e venda de automóveis).⁶⁰

A Vó e o Vô, são Rom Kalderash e seus ascendentes chegaram ao Brasil pelo Uruguai, país em que ainda mantêm negócios, terras e familiares, ainda transitam pelo país seja para cuidar de seus negócios ou para visitação de seus parentes. São os anciões e donos do imóvel que a família mora, têm setenta e quatro anos, casaram-se quando tinham quinze, e viviam inicialmente em barracas, nos acampamentos formados por familiares do marido, sendo nômades. Explicou a Vó que *“a cigana quando casa, vai morar com a família do marido, pertence ali agora. Tem que cuidar da sogra e sogro, da família e da casa”*.⁶¹

Desta relação matrimonial nasceram duas filhas (Letícia e Verônica) e um filho (Iago). As filhas são casadas e já não residem em Pelotas, sendo que uma mora em Passo Fundo/RS e a outra em São Paulo/SP (Verônica continua trabalhando com vendas de roupas de cama, tem uma fábrica de lençóis), as duas fixaram morada nas referidas cidades, não são nômades e, segundo consta, pois, a família não fala muito sobre o assunto, pois elas não se casaram com romanis. Já o filho faleceu em 2013, aos 36 anos, o que é o grande desgosto (quase um constante luto) para a Vó e Vô, mas a nora Luíza e seus quatro filhos (Gerson, Vitor, Betina e Elói)⁶², residem com os anciões. Luíza é a única que tem formação acadêmica, tendo em vista que a Vó é analfabeta e o Vô tem pouco estudo formal (sabendo mais precisamente contas de soma e subtração, segundo relatos etnográficos é necessário à matemática para os homens romanis, pois precisam para as negociações).

A família de Luíza também é Rom Kalderash, sua mãe sendo originária da Rússia e da Itália e seu pai da Arábia Saudita. Sua avó materna mora em uma casa na Rua Juscelino (no Centro), em Pelotas, há mais ou menos trinta e cinco anos. Está com noventa e sete anos, nasceu na Rússia e passou por vários países europeus, como Alemanha, *“tentando a sorte até chegar ao Brasil”* através do Uruguai. Quando chegaram ao Estado do Rio Grande do Sul foram para região de Herval, local em que sua bisavó faleceu. O avô de Luíza migrou da Itália, para casar-se com a irmã de sua avó, porém, ao chegar ao Brasil o casamento não se concretizou, pois, a noiva que se chamava Terena não quis casar e faleceu cerca de dez anos depois. Acredita-se que a causa da

⁵⁹ Relato do caderno de campo.

⁶⁰ Relatos do caderno de campo.

⁶¹Relato etnográfico com data de 12 de dezembro de 2018.

⁶² Os nomes dos interlocutores aqui utilizados são fictícios, para preservá-los.

morte tenha sido leucemia. Narra Luíza: *“Como uma não quis, vou casar com a outra irmã, o que era um pouco dessa ignorância da época, para não sair com a viagem perdida, acabou casando com a vó”*.⁶³

Explica Luíza que, antes de morar em casa (estrutura edificada) a família materna comprou um terreno em Pelotas (na década de 80) também e fixaram-se no local, mas conviviam em barracas, que só após alguns anos é que foram viver na casa. Contudo, o terreno desocupado que havia atrás do imóvel, usavam para armar as barracas e, também, receber outros romanis que estavam de passagem, mas agora, os terrenos antes desocupados no entorno já foram vendidos e construções nasceram, não sendo mais um ponto de alusão onde ficavam os roma itinerantes, Luíza narra que:

Pode perguntar, que ali na Juscelino com Bento Gonçalves, vão te informar que sempre teve barraca ali, porque o pessoal quando vinha acampava ali e ela (sua avó materna) também montava a barraca dela ali, porque era mais confortável, mesmo tendo casa. Mas agora, ela tem uma casa bem bonita, e os terrenos que tinham construíram casas em cima, então não acampam mais ali. Mas, a vó ainda acampa, leva a barraca para o Cassino⁶⁴ e outros lugares, mas ela senta e dá as ordens de como é para acampar. Ela gosta, relembra a vida dela, a casa é muito confortável, mas como ela fala: não faz ela se sentir no ambiente, se sente presa dentro da casa, se sente fechada⁶⁵.

Conta Luíza que seu pai é da Arábia Saudita e chegou ao Brasil aos doze anos, em 1962. Veio acompanhado por um tio e aos poucos seus avós paternos e familiares foram migrando para o Brasil. Os pais de Luíza até 1986 mantiveram a tradição nômade, ela e seus irmãos eram crianças, mas lembra-se dos acampamentos e das dificuldades de viver em barracas, mas todos eram mais próximos e integrados. Relata que seus filhos nunca viveram em barracas, assim jamais habituaram-se ao nomadismo, o acampamento ocorrendo de forma esporádica quando vão a alguma festa ou casamento romani.

O filho mais velho de Luíza, Gerson, tem vinte anos e é casado há três anos com Jessica, que tem dezenove. O casal já tem um filho de dois anos. A família de Jessica também é Kalderash, mora no Estado do Paraná em residência, e os constantes deslocamentos não são mais praticados por sua família há mais de dez anos, pois fixaram moradia quando Jessica tinha oito anos de idade. Descreve Jessica que tem duas irmãs e que as famílias dessas também moram em casas, que só a família do marido de uma de suas irmãs *“tenta manter a cultura de continuar em barracas, são daquela tradição mais antiga”*. Como trabalham com a venda de produtos de cama, mesa e banho, ficam em trânsito, deste modo levando suas barracas para os lugares; mas o acampamento costuma ser feito em *camping* ou, muitas vezes, preferem alugar casas nas cidades pelas quais se deslocam. Salaria que, mesmo tendo que permanecer sob deslocamentos adquiriram casas que consideram como lar.

Nas inserções no campo empírico, conheci também Tia Lala e seu marido

⁶³ Entrevista realizada dia 21 de fevereiro de 2019.

⁶⁴ Praia no sul do Rio Grande do Sul, localizada na cidade de Rio Grande, município vizinho de Pelotas.

⁶⁵ Entrevista realizada dia 21 de fevereiro de 2019.

“Viajante” como é chamado, “os *andarilhos*” modo como são tratados pela família. São romanis Kalderash, familiares que residem na cidade de Bagé há oito anos, mas sempre tiveram casas e há muitos anos já não vivem em barracas (provavelmente, mais de 30 anos), são muito sorridentes, gentis e gostam de interagir, mantém muito forte a forma de expressão da língua Romani. Relata Tia Lalá que “*casa sempre teve, Montenegro, Novo Hamburgo, Criciúma, em todo lugar nós tínhamos casa, mas vivia de barraca para trabalhar, mas voltava para a casa*”.⁶⁶

O casal conta que estão juntos há sessenta anos e casaram-se quando tinham quinze anos, orgulham-se em dizer que tiveram os filhos gêmeos e criaram uma menina, são apaixonados por seus netos e gostam muito de viajar, qualquer oportunidade que tenham em rever os netos vão para a estrada. Mostram nostalgia em viver nos acampamentos, gostam muito de viajar, brincam que “*o passaporte não tem mais espaço*”, apontam que conhecem todos os estados-membros brasileiros e grande parte dos países da América Latina, “*Uruguai, Bolívia, Venezuela, Colômbia, Peru, as Guianas, esses que são pertinho e mais um monte*”. Agora, costumam viajar de avião, mas gostam de ir de carro quando o destino é mais próximo. O casal risonho e alegre diz que há muito tempo já não moram mais em barracas, que antes de se estabelecerem em Bagé já tiveram imóveis em São Lourenço, São Gabriel e outras cidades do Estado, e que seus filhos também fixaram residência em São Paulo/SP e Mato Grosso, o que para o casal os filhos morando em outros locais é um incentivo para continuar suas viagens, para visitá-los e manter contato com seus netinhos.

Nas narrativas dos interlocutores há a trajetória do viver itinerante até o sedentarismo. O fato de começarem a habitação naquela rua em Pelotas, de serem os primeiros moradores é um fator de confiança e respeito naquele espaço, mas também de pertencimento por antiguidade e delimitação que aquele espaço é dos roma, o que para eles aparece como um elemento que evita celeumas e aproximação com os não romanis. Como pode ser observado, nos seguintes trechos:

Vó: nunca tive problema com vizinho aqui, fomos um dos primeiros. Eu e o vô somos até padrinhos do filho de um vizinho, e nunca tive problema.⁶⁷

Luíza: aqui no bairro que nós moramos somos uns dos primeiros moradores a construir as casas aqui, loteamento foi comprado praticamente todo por ciganos, dos moradores daqui trinta por cento deles é que não ciganos, o resto tudo é cigano. Então, quem veio primeiro o ovo ou a galinha? **A maioria respeita, porque é conhecido aqui o bairro dos ciganos, eles é que vieram morar no lugar, se não está bom que se mude.** Esse do lado aqui (vizinho confrontante do lado esquerdo) incomodava muito, porque a gente fala alto, porque é muito carro na calçada, só que esse terreno era meu e vendemos pra ele, aliás, nem foi pra ele foi para uma outra pessoa, que era um doce, que vendeu pra ele. Mandei ele botar preço na casa, se está tão incomodado, bota preço, põe preço na casa que eu vou pagar e você vai para outro lugar. Acabou a *incomodação*, terminou. Até se tinha lixo na minha lixeira ele incomodava, dizia: vocês comem demais, vocês botam lixo demais. Ora, se tenho para gastar para comer, se você não tem o problema é seu, se te incomoda vai

⁶⁶ Relato etnográfico com data de 21 de fevereiro de 2019.

⁶⁷ Relatos etnográficos de 20 de abril de 2018.

lá você então e limpa a lixeira⁶⁸.

Na fala de Luíza, demarca que aquele espaço é “*dos ciganos*”, com sentimento de pertencimento através do qual exercem uma espécie de preferência para estarem ali, porque chegaram primeiro e começaram a construção daquela rua, do bairro, enfim daquele espaço. Esses laços de estabelecimento têm relações objetivas (as edificações) como subjetivas, a presença de características do grupo naquele local, “*porque é conhecido aqui o bairro dos ciganos*”. Então, exemplificando, quando chega um novo morador tem que se adaptar àquela realidade e ao contexto que a constituiu, o que Luíza esclarece “*mandei botar preço na casa, se está incomodado... você vai para outro lugar*”. Neste espaço de disputa, o modo como tais romanis se colocam é numa lógica de estar estabelecido e coeso com o lugar, mas não como a partir de uma lógica de superioridade, mas, trata-se de uma sensação de domínio sobre o espaço no sentido temporal, induzido pela antiguidade.

Importante também a contribuição do sociólogo Norbert Elias (2000), quando fala que o processo de estabelecimento de um grupo perpassa pelas emoções e laços que são firmados ao longo desse processo, quando firmam suas bases de pertencimento e criam vínculos sociais e afetivos. Estes vínculos são erguidos, também, por meio de interações mais harmoniosas, pois referem que “*temos amigos brasileiros, nos damos muito bem, eles vêm aqui em casa e tudo*” (Luíza), e Jessica também fala “*quando os amigos brasileiros vêm jantar aqui, a gente toma cuidado para falar em português, se não a gente fala a língua cigana e eles não vão entender*.”⁶⁹

Vó: Quando me casei morava na barraca, era bom, mas a vida nas barracas é difícil, muito sacrificante.
A maioria (ciganos) mora em casas, é difícil morarem nas barracas.⁷⁰

Jessica: Até os meus oito anos de idade eu morava numa barraca, **era dificuldade**, mas era gostoso[...]

A gente se combinava, se juntava toda uma turma, esse mês vamos passar em tal cidade, aí ficava um mês, quinze dias, dependendo de como a cidade fosse boa para as vendas. Porque o cigano vende, né. A vida do cigano é trabalhar... Se juntava umas vinte barracas, cada uma com oito a dez pessoas. Hoje, todos têm a sua residência, hoje é só no casamento barraca (na festa), hoje tu não vê mais barraca acampada, e quem mora nas barracas são aqueles de dente de ouro, são diferente de nós, eles se chamam os bugres, que não são igual a nós. Muito difícil Kalderash morando em barraca, só assim uma vez por ano que eles pegam e vão, para um camping, mais para passeio agora... O melhor é morar em casa.
⁷¹

Jessica: O conforto, porque é muito diferente, hoje a gente vê a diferença, antigamente não via, porque às vezes eles tinham as casas e não usavam, deixavam, abandonavam para viver numa barraca. Hoje, a gente já vê, porque já tem a tua cozinha para cozinhar, um fogão e não passa trabalho para fazer fogo colocando as panelas no fogo de chão para poder cozinhar, de ter que lavar a louça em balde, porque não tinha pia, muito difícil uma barraca ter pia. Hoje ter lugar direito para tomar banho, antes tinha que andar em posto para poder tomar banho, tu ter uma cama

⁶⁸ Entrevista Luíza fevereiro de 2019.

⁶⁹ Relato etnográfico de 23 de janeiro de 2019.

⁷⁰ Relato etnográfico de 20 de abril de 2018.

⁷¹ Entrevista realizada em 23 de fevereiro 2019.

confortável para dormir, hoje tem muita diferença, fora que tens a tua privacidade, hoje tem uma privacidade que não tinha nas barracas, a gente vê a diferença disso.⁷²

Assim, a ideia de conforto está relacionada ao acesso à tecnologia, ao saneamento, rede de água, bem como os espaços e disposições dos cômodos que delimitam o ambiente da casa. A tecnologia aparece como ponto importante, pois o acesso a televisão e streaming é de conhecimento e acesso de todos na casa, acesso à internet integrados e interagindo nesse espaço virtual principalmente via Facebook, WhatsApp e youtube; mesmo a vó, mais velha, gosta do acesso que os mais jovens lhe mostram no Facebook, pois é um modo de conversar e manter relações com outros familiares e romanis de outros locais. Os mais jovens como Enzo de sete anos, utiliza o celular para ter acesso a desenhos e canais infantis no Youtube. Jéssica, Gerson e Betina utilizam as redes sociais Facebook, Instagram e WhatsApp. Luiza identifica que, o WhatsApp (mensagens) e a telefonia móvel (celulares) são importantes para atendimento de seus consulentes, pois tem acesso mais amplo no agendamento dos seus horários de atendimento nas cidades que possui consultório, deste modo facilitando o acesso. Para aqueles que conviveram em acampamentos (no caso de Jéssica e Vó) fazem o comparativo e passam a olhar o habitar em barracas de forma diferente e percebem o morar em casa como um espaço mais atrativo e até apropriado, tendo em vista que estão mais próximas às diversas tecnologias, acarretando uma visão de mundo diversa do que era para outras gerações.

Em sua narrativa, Luiza e Jéssica, contam como era o viver nas barracas:

Luiza: Não tem coisa pior do que estar sem água. É difícil porque a onde a gente acampa a gente vai e pede para o vizinho mais próximo que forneça luz e água eles pagam, por exemplo, a tua conta do mês é 100,00 nós vamos ficar 10 dias eu pago a tua conta do mês toda, água e a luz é assim que eles fazem ai vão buscam água de balde, toma banho atrás da barraca ou a própria que te fornece a água e a luz tu paga e ela te empresta o banheiro pra ti tomar banho, para usar é assim.

Pergunta: Mas assim, não tem nenhum município que tenha algum lugar específico que possa ficar espaço com banheiro, água e luz disponibilizados?

Luíza: Difícil. Às vezes a gente acampava muito nesses lugares que faziam exposição, festas que era disponibilizado sempre pela prefeitura que tem, mas não é sempre. A maioria que vão acampar lá para cima nesses últimos meses a maioria foi para conhecer a cidade e acampam e param e aquilo é uma ventania. Ai usam posto de gasolina vão para lugares que tem posto mais perto.⁷³

Jéssica: Quando íamos acampar numa barraca ia um monte de gente, entendeu? Não ia só uma barraca e tinha mais união, e como é nas casas cada um é na sua casa. É uma vez por ano, uma vez por mês. Tem que ter um almoço, uma janta para todo mundo se reunir, porque senão ao contrário é cada um para o seu lado.

Pergunta: E como era na barraca, vocês combinavam de ir para uma

⁷² Entrevista realizada em 23 de janeiro de 2019.

⁷³ Entrevista de 22 de fevereiro de 2020.

região, para uma cidade?

Jéssica: Isso. A gente se combinava de juntar uma turma e esse mês vamos passar em tal cidade. aí iam e ficavam em tal cidade, ficava 1 mês, 15 dias. Depende como a cidade fosse boa para as vendas. Porque o cigano vende né. A vida do cigano é trabalhar

Pergunta: Quantas pessoas mais ou menos?

Jessica: A se juntava umas 20 barracas, em cada barraca umas 10 pessoas, 8 pessoas.

Pergunta: E esse grupo não existe mais, como itinerante no caso de ficar, todos tem residência?

Jéssica: Hoje todos têm a sua residência. Hoje é só no casamento barraca, hoje tu não vê mais barraca assim acampada. E quem mora em barracas, são aqueles de dentes de ouro, né. Que são diferentes de nós, aqueles ali se chamam os bugres, eles não são iguais a nós. Hoje é muito difícil, só assim uma vez por ano que eles pegam e vão ficam num campo. Mais para passeio agora.⁷⁴

O acampamento, o viver nas barracas torna-se para os mais jovens uma memória que é passada na oralidade, do que vivenciada. Argumentam que só ficam em barracas quando vão a alguma festividade em outras cidades, quando estão de férias e vão para um camping, os mais jovens têm a percepção do que é passado pelos mais velhos em suas lembranças de nostalgia da tradição, que ao mesmo tempo acabam por fazer um comparativo do que é vivido hoje e do tempo de antanho.

Luiza: Para eles hoje tu dizer assim: nós já convivemos, nós já tivemos moradia em barracas, **eles não sabem como é**, sabe visualizar aquilo na mente, **mas eles não têm experiência de ter vivido dentro duma, aquela dificuldade de morar, a parte do desconforto** porque isso está dentro da nossa história e não tem como pular isso, porque isso cria uma ilusão para eles de que tudo era como é hoje, não era assim então eu procuro manter essa parte, eles não gostam muito, a realidade é uma só, né? Mas a gente tem que fazer para não se perder.⁷⁵

Gerson: Agora ficar na barraca só em festa ou casamento, mas desde pequeno já ensina como é montar a barraca.⁷⁶

O viver em barracas e o residir em casas aparecem como elementos de comparação, com isso, justificam o sentido de conforto proporcionado pela casa em suas percepções, no entanto buscam na memória os acampamentos para construção de parte da história e da cultura romani, o viver itinerante. Nesse caso, a Vó demonstra nostalgia da vida no acampamento, ao mesmo tempo em que refere estar satisfeita em firmar residência, sempre lembra que ainda tem sua barraca, e que nas oportunidades que chegam com as festas e casamentos leva e monta. A barraca, o acampamento e a vida itinerante estão na história passada de geração em geração, como artifício de composição da cultura e da identidade. Entretanto, veem como mudança e não como

⁷⁴ Entrevista de 23 de janeiro de 2019.

⁷⁵ Entrevista 12 de dezembro de 2018.

⁷⁶ Entrevista dia 23 de janeiro de 2019.

uma anulação ou uma rejeição de sua cultura, demonstrado que a cultura não é algo imutável, sólido e que não comporta transformação.

As questões de interação, conflito e anticiganismos também surgem como elementos que atuam no processo de sedentarização dos grupos, como visto no capítulo I, foram variantes que atuaram na construção do nomadismo roma, da diáspora romani pelo globo, como um processo impositivo que relegou os grupos ao nomadismo. No entanto, sedentarizar possibilidade uma mudança do que Goffman (2017)⁷⁷ conceitua como fachada pessoal, a partir da mudança de cenário. Como pode ser percebido na seguinte narrativa:

Jessica: É difícil tu vê hoje um cigano morar em barraca. É mais fácil identificar o cigano que mora em barraca, porque se passar aqui na frente de casa não vão falar que a gente é cigano, não vão saber, mas se passarem por uma barraca aí já sabem: olha o cigano[...] A gente se sente mais seguro em casa, na barraca não, até para as crianças brincar.⁷⁸

Gerson: Meu pai e minha mãe moraram em barraca há muito tempo, eu não era nascido. Uma vez eles foram ao prefeito de uma cidade e pediram ordem para pegar um campo e armar a barraca, o prefeito deixou. Quando ele montou a barraca, em cima vieram um monte de vizinhos e começaram a reclamar que não gostavam de ciganos. Eles até ficaram porque o prefeito deixou, o terreno era da prefeitura. Os vizinhos tinham medo de ciganos, mas eles ficaram nas barracas, mais umas quatro famílias junto, até porque o prefeito deixou.⁷⁹

Mais uma vez, o marcador segurança surge na narrativa, evidenciando que se sentem mais seguros ao morar em casa por acreditar que viver em acampamento torna o grupo vulnerável, em um entendimento comum entre os grupos em que foi realizado o campo etnográfico: para eles, a barraca nos acampamentos não é um lugar seguro.

Outro ponto, de relevância sobre o nomadismo está relacionado ao acesso à escola, a itinerância pode ser apontada como um meio de segurança desenvolvido ou como instrumento de abrigo às perseguições que ocorreram ao logo da história, como abordado mais significativamente no capítulo II. Quando itinerantes, seu território é transitório, sendo indispensável à garantia de locais de passagem nas cidades que se deslocam, garantia de matrícula escolar respeitando deste modo sua visão de mundo. Porém, nem sempre é assegurado a efetividade dessa garantia balizada na legislação⁸⁰.

As famílias que procuram inserir as crianças nas escolas encontram muitas dificuldades por falta de políticas públicas que considerem sua cultura, em especial o fato de serem itinerantes. 'Em cada cidade que nós ficávamos, por exemplo, se ia ficar 15 dias, a gente botava nossa filha 13 dias na escola'. (MAZURANA et. al., 2016, p. 136).

Na narrativa da interlocutora Jéssica, esses óbices de acesso à educação escolar

⁷⁷Para Goffman (2017), o cenário em que será desempenhada a representação, também é elemento importante, estando estancado quase sempre, em certas circunstâncias mudará para acompanhar o indivíduo no desenvolvimento do seu ato, esta fachada cênica sendo importante para dar segurança para o ator social.

⁷⁸ Entrevista de 12 de dezembro de 2018.

⁷⁹ Entrevista de 23 de janeiro de 2019.

⁸⁰ O artigo 3º, inciso I do anexo do decreto 6040/07, estabelece como um dos seus objetivos específicos o seguinte "garantir aos povos e comunidades tradicionais os seus territórios, e o acesso aos recursos naturais que tradicionalmente utilizam para sua reprodução física, cultural e econômica".

e a itinerância são narrados como dificuldade, identifica-se também que há o desconhecimento das políticas públicas e garantias legais, que quando sedentarizados são superados em partes, pois a questão do preconceito através de representações estereotipadas (que será mais bem abordado na categoria seguinte) permanece.

Jéssica: Era difícil, quando a gente morava em barraca era muito difícil a gente parar em colégios, porque a gente para num lugar e parava noutra e a gente nunca tinha um lugar fixo. E não íamos a colégios, eu fui somente no colégio só quando o meu pai realmente veio morar em casa, porque as vezes ficava 15 ou 29 dias numa barraca e como é que a gente ia ficar num colégio? A gente não parava num lugar certo, aí depois que meu pai decidiu morar numa casa a minha mãe nos colocou no colégio fixo. O que importa para o cigano é saber ler e escrever e fazer contas isso que importa isso que é o importante⁸¹.

Assim, passo a articular algumas considerações sobre relações sociais e o anticiganismo e conflitos, narrativas abordadas pelos interlocutores e, também, observada no ciberespaço. O processo de sociabilidade, mesmo que por interações tensas vão se modificando ao longo do tempo, como ao longo da história havia perseguições ávidas o que faziam que esses grupos permanecessem em constante fluxo e itinerância.

4.3- Relações sociais: anticiganismo e conflitos

As relações sociais são o objeto de estudo da sociologia, na perspectiva simmeliana. Simmel, com sua sociologia formal⁸², em que as formas sociais dotadas de conteúdos que as geram, são resultado das ações recíprocas. Segundo Vandenberghe (2018), trata-se de uma sociologia das formas que estrutura os processos de interação. Neste sentido, a sociedade se constitui a partir do momento que os indivíduos entram em interação, esta ação recíproca se constitui por determinados instintos ou fins, deste modo há uma reciprocidade das influências, os indivíduos se influenciam mutuamente e a todo o momento. (SIMMEL, 1983).

Em Simmel a sociedade forma-se a partir das interações recíprocas entre os indivíduos, que estão dispostos a agirem entre si, ou até uns contra os outros⁸³, seu objeto de análise não é o indivíduo em si e nem a sociedade, mas as relações que se constitui por estes polos (LALLEMENT, 2008). A realidade social deve ser analisada a partir das relações entre os sujeitos, com uma ênfase nos métodos de observação direta e indireta para observar as situações concretas que ocorrem as relações sociais, nesse sentido importante as subcategorias analíticas aqui desdobradas.

Importante, ressaltar que não estabelecemos as relações como unicamente no face a face, pois as mudanças e o avanço tecnológico as interações no ciberespaço – sem uma delimitação territorial – se tornaram realidade e os sujeitos passaram a se

⁸¹ Entrevista de 12 de dezembro de 2018.

⁸² *Uma sociologia relacionista, interacionista e morfogenética*. (VANDENBERGHE, 2018, p.86).

⁸³ Na perspectiva simmeliana *“para constituir uma associação, não basta interagir, é preciso ainda que os indivíduos em interação ‘uns com, para e contra os outros’, forme, de alguma maneira, uma ‘unidade’, uma ‘sociedade’ e estejam conscientes disso.”* (VANDENBERGHE, p. 91. 2018)

relacionar nesse não espaço nas redes sociais e afins, o que se estabelece uma outra possibilidade de relações sociais e de fluxo. Com isso, a interação com outras realidades, práticas sociais e outras visões de mundo, com a globalização, que encurta ou dissolve espaços cria pontes entre o local e o global (HALL, 2003; 2006). O nomadismo antes vivenciado pelo ir e vir entre fronteiras delimitadas dentre Estados, hoje pode ser vivido no espaço virtual que congrega lugares, vincula pessoas e cria laços.

No entanto, ao tratar de interações sociais e suas tensões, com relação às etnias Romani o anticiganismo aparece como um elemento que desencadeia conflitos entre roma e os gadjês, sendo uma variante do racismo (SCHOLZ; 2014). Essas relações tensas podem ser verificadas ao longo da história (conforme por menorizado no capítulo II), mas ainda estão presentes em algumas interações sociais, como observamos nas narrativas dos interlocutores e com a etnografia.

Durante a pesquisa, foram realizadas observações etnográficas no centro da cidade do Rio Grande, mais precisamente nas imediações do Largo Dr. Pio e da Catedral de São Pedro, local conhecido pela diversidade. Nesse espaço ficam as romanis, os indígenas, senegaleses, a moça que vende merengue, o rapaz que vende açaí, o outro que vende salgados e café, as pessoas que vendem artesanato, os comerciantes formais e os transeuntes, um espaço plural. Neste meio diverso estavam algumas mulheres rom provenientes da cidade de Guaíba, geralmente em grupo de quatro a seis ou em duplas, mas nunca sozinhas, as quais ficavam no centro da cidade tentando “*ler a sorte*”, fornecendo receitas caseiras de chás e unguento, ensinando simpatias e banhos aos transeuntes, permanecendo ali entre às 10h e às 16h. Em função de estas relações serem ilustrativas das interações entre esses grupos e a sociedade envolvente, passo a descrevê-las brevemente.

Nota-se que a presença delas não agrada muito os passantes, os quais quando as identificam naquele espaço desviam e são grosseiros rechaçando qualquer contato, até mesmo visual. Alguns passam e deboçam das mesmas: “*o que cigana, queres tirar a minha sorte?*”; outros viram a cara e mulheres seguram as bolsas em seus ombros, como expressão de segurança e medo. Para chamar atenção dos passantes, as ciganas costumam usar expressões que enaltecem algum predicado, fazendo um pedido ou segurando a mão ou o braço. Utilizam-se de formas de linguagem específicas como “*bonita, querida, charmosa, rapaz bonito, moça bonita, vem cá bonitona, tem um cigarro? Onde comprasse esse sapato? Que vestido bonito*”; a dinâmica desses códigos sendo utilizada por todas, e por vezes essas ações suscitam reações das mais diversas, até desencadeando interações conflituosas.

Em certo dia, estava sentada em um banco próximo às roma e Sandra⁸⁴ acabara de sair do meu lado, para ler a sorte de uma mulher, quando três mulheres falaram: “*olhem ali as beduínas, ninguém merece, vamos passar longe delas.*” As expressões faciais de descontentamento e desacordo eram evidentes, também seguraram suas bolsas e as mais novas ladearam a mulher mais velha e engancharam seus braços,

⁸⁴ Os nomes são fictícios, para preservação do grupo.

unindo-se. Nas narrativas das roma, as interações conflituosas se evidenciam como é possível perceber, nas seguintes passagens:

Sandra: ela corre nós e os índios, não deixa nem sentar perto do vidro da loja, que já corre nós e eles. A minha filha disse pra ela (funcionária da loja de calçados localizada no centro da cidade do Rio Grande) que ela não pode fazer isso, nos correr dali, porque isso é *bullying*. Mas, ela começou a rir da minha filha.

Jussara: quer que a gente saia daqui, porque somos ciganas e tem gente que não gosta de nós.

Nora de Sandra: às vezes, quando vamos comprar nas lojas, as vendedoras não nos atendem, porque somos ciganas e fazem cara feia. Não gosta, porque falamos alto e do nosso jeito.⁸⁵

No sul do Rio Grande do sul, os termos “beduíno” e “beduína” têm uma carga pejorativa e negativa, essa relação semântica traz um peso de anticomunismo, racismo. Muito embora, os termos segundo aplicação do dicionário sejam empregados a povos nômades do deserto.

As interações sociais conflituosas ainda acontecem entre romanis e a sociedade envolvente, as narrativas e observações giram em torno de representações da identidade, que também constitui estas identidades roma a partir destas construções estereotipadas, como indica Hall (2016, p.193) “*na estereotipagem, então, estabelecemos uma conexão entre representação, diferença e poder*”. O poder na representação está no sentido de marcar, atribuir e classificar o que ele considera por meio de termos simbólicos ou culturais, assim voltado para o poder de representar alguém de certa maneira.

O grupo romani de Pelotas também descreveu situações e fatos sobre interações conflituosas, que isso acontece, especialmente quando vão fazer compras no centro comercial da cidade, ou negociações de cunho rotineiro, observam que quando são identificados como romanis tem mudança na maneira que são tratados, como pode ser analisado nas narrativas abaixo. O que Hall (2016) estabelece como representação do poder.

Luiza: Olha, eles estão falando de ontem mesmo a questão desse rapaz aí, o dono do salão lá encrencou com ele e chamou ele de cigano e disse que os ciganos eram todos baderneiros, e os guris questionaram “pois é tudo baderneiros até te arrependesse de ter alugado o clube para nós, mas cobrasse 15 mil reais de um aluguel e o nosso dinheiro prestou”. Quase deu uma encrenca ontem lá. Dinheiro de cigano não é questionado, mas a origem é e os costumes e tudo, se torna uma hipocrisia né?!⁸⁶

Luíza: Têm Lojas mesmo quando a gente vai comprar roupas, aqui na Brascon, os guardas andam atrás da gente direto achando que a gente vai roubar alguma coisa sendo que pobre dos animal eles morrem ali por salário o mês inteiro que a gente gasta em meia hora, nós não temos necessidade disso de chegar ali e roubar uma meia e uma blusa para

⁸⁵ Conversa registrada em diário de campo com data de 05 de abril de 2018.

⁸⁶ Entrevista de 23 de fevereiro de 2019.

que?!⁸⁷

Ainda, na narrativa de Gerson, que faz comercialização de compra e venda de veículos (que é parte da economia familiar):

No caso, têm muitas vezes que a gente oferece carro coisa assim, e não compram por nós sermos ciganos, porque tem medo que cigano vai enrolar e lograr, coisa assim. Mas, cliente que já me conhece, não, porque já é acostumado [...]. Entrei na loja para comprar roupa e o segurança ficou me perseguindo, achando que eu iria roubar alguma coisa. Me identificou como cigano só de me olhar, ele já sabe porque viu o jeito de falar e as mulheres de saia. E ai ficava toda loja me perseguindo, ai falando com outro pelo rádio o que eu estava fazendo.⁸⁸

Luíza, que cursou graduação em Psicologia há uns 18 anos atrás lembra algumas interações vivenciadas no ambiente acadêmico. Narrou que quando estava na universidade, em Santa Maria/RS, foi rejeitada, excluída e hostilizada por seus pares, sendo questionada por seus colegas do “*por que*” estar cursando faculdade – no sentido que espaço acadêmico não deve ser preenchido por romanis. Descreve que a afastavam e que durante o período que estava cursando psicologia não conseguiu manter vínculo de amizade com nenhum de seus colegas, que não conseguiu se engajar nos grupos de estudo, ainda frisando que não era chamada para participar e que sempre fez todas as atividades acadêmicas sozinha e, ainda relata como era o acesso ao ambiente escolar quando era criança e nos acampamentos.

Luiza: Na faculdade falavam pra mim: como é que tens dinheiro para pagar a faculdade? Teu pai vende droga? Quem é que paga a faculdade pra ti? Porque tu andas de carrão e tem uma casona; porque vocês ciganos roubam; Não sei o que estais fazendo aqui, porque teu lugar é na rua lendo mão; Cigano é rico mesmo, porque estais estudando em faculdade particular; Vai vender tapete!⁸⁹

Luiza: Dificuldade de ir à escola era muito mais, porque a maioria para acampar fora das cidades era maioria campanha essas coisas assim, não tinha sabe que a maioria dos mais velhos são analfabetos, muitos aprenderam a ler e a escrever na velhice, minha tia mesmo não sabe ler nem escrever, meu pai sabe, ele sabe, mais por causa da convivência com os outros.⁹⁰

Em outra narrativa, na de Jéssica, também se identifica a escola como um ambiente hostil e que acaba replicando representações identitárias estereotipadas, o que serviu de combustível para seu êxodo escolar.

Jéssica: eu sai com 11 anos da escola. Me chamavam de ciganinha. Isso ai faz ajudar as crianças a querer sair, tu entendeu? O preconceito é muito, porque se tu for para o colégio, tu vai para aprender, tu não aguenta piadinhas, né? Se for para escutar piadinhas tu fica em casa. Muitas vezes a gente tinha medo de ir para o colégio porque às vezes a gente tinha medo de ser agredida. Porque às vezes era uns gurizote grandões a gente era menor. E daí começavam a debochar a dar risada, era gente que não

⁸⁷ Entrevista de 12 de dezembro de 2018.

⁸⁸ Entrevista realizada em 23 de janeiro de 2019.

⁸⁹ Entrevista realizada em 12 de dezembro de 2018.

⁹⁰ Entrevista de 23 de fevereiro de 2019.

tinha o que fazer. Era eu, minha irmã e minha prima, da mesma idade é 1 ano de diferença cada uma. Elas também saíram da escola. E hoje já são casadas, já são mulheres grandes.⁹¹

Para Rose Winter, o preconceito ainda está muito presente na relação entre romas e gadjês, para ela “o cigano tem que se esconder, se guardar”⁹². Ainda argumenta experiência vivenciada, que segundo ela, por causa do preconceito sua família teve que encerrar as atividades de um estúdio fotográfico que gerenciavam por cerca de cinquenta anos, após a sociedade local descobrir que o estúdio pertencia a romanis, não eram chamados nem para fotografar batizados, casamentos e cerimônias da Igreja do bairro, o que sempre eram requisitados. Relatou outras situações de conflito experienciadas por outros grupos romanis no RS – tendo em vista seu engajamento nas questões de ativismo romani – que em algumas cidades do Rio Grande do Sul já ocorreu incitação popular pelo poder público para retirada dos grupos romanis alocados em acampamentos em cidades gaúchas, o que relata ter ocorrido na cidade de Torres, numa remoção coercitiva de um acampamento que “à noite máquinas (retroescavadeiras, entre outras) da prefeitura passaram por cima das barracas”, o que ocasionou um conflito muito violento e até utilização de força policial. Em outro exemplo, descreve o caso do grupo Calon e o prefeito de Caxias do Sul⁹³, que não cedeu um espaço municipal para que o grupo acampasse por quarenta dias, mesmo com requerimento e prazo da estadia. Na ocasião, o prefeito recusou-se a recebê-los na cidade, mesmo com a interferência do Ministério Público Federal no patrocínio das garantias e direitos humanos e fundamentais dos povos

⁹¹ Entrevista de 23 de janeiro de 2019.

⁹² Conversa registrada no caderno de campo, de 08 de abril de 2018.

⁹³ Em novembro de 2017, um grupo cigano da etnia Calon, requisitou junto ao Município de Caxias do Sul um espaço, a cessão temporária de um terreno para alojar o acampamento de 20 famílias, para se instalarem por 40(quarenta) dias na cidade, porém não foi concedido, momento que argumentou que o grupo deveria requerer a cedência de espaço junto a Secretaria do Patrimônio da união.

Verifica-se que se estabeleceu uma interação conflituosa entre as partes, com a recusa de ceder um terreno, o grupo cigano pleiteou no Ministério Público Federal a intermediação, no intuito de intervir nessa relação, sendo esse órgão competente em conformidade com o estabelecido na Carta Magna de 1988 em seu artigo 129, incisos II e III, atuando na garantia dos direitos constitucionais.

Na recomendação 49/2017/PRM – Caxias do Sul, encaminhado pelo Ministério Público Federal ratificou-se o pedido de cedência do espaço para abrigar o grupo cigano, no qual firmou posicionamento acerca das garantias constitucionais relativas aos povos e comunidades tradicionais, salientou o artigo 216 da CF/88 que dispõe sobre a proteção do patrimônio cultural, incluindo o imaterial atinente à identidade, modo de vida e visão de mundo dos diversos grupos que compõem o ambiente social. (cf. Parecer do Ministério Público Federal, Disponível em <http://www.mpf.mp.br/rs/sala-de-imprensa/noticias-rs/mpf-rs-pede-que-prefeito-de-caxias-do-sul-reconsidere-decisao-a-respeito-da-instalacao-de-acampamento-cigano>).

Um importante argumento do MPF, foi que o acampamento cigano é inviolável, garantia fundamental designada na Constituição Federal, haja vista o amparo previsto no artigo 5º, inciso XI. Também, é direito fundamental a livre locomoção em todo território nacional, conforme artigo 5º, inciso XV da CF/88, assim sendo ilegal e inconstitucional seu cerceamento.

O Ministério Público encaminhou ofício a câmara de vereadores de Caxias do Sul, no dia 14 de novembro de 2017, foi pauta na sessão da referida casa legislativa municipal a rejeição do Município em receber e ceder um espaço para que o grupo cigano se instalasse na cidade, o diretor de etnias da União das Associações de Bairros (UAB), relatou na sessão que os ciganos foram tratados de modo desrespeitosos, sendo direcionados a procurar a tutela jurídica. Após, a sessão nada foi feito, o executivo municipal foi irredutível.

Em 16 de novembro de 2017, o Ministério Público Federal encaminhou ofício ao prefeito de Caxias do Sul, Daniel Guerra, indicando o procedimento preparatório instaurado (Procedimento preparatório nº 1.29.002.000407/2007-08), pedindo a reconsideração de sua negativa e que consignasse um espaço municipal para alocar o acampamento cigano. Porém, o prefeito ficou inerte e seguiu convicto de sua decisão inicial. (LORENZETT; Franciele Masochi. UAB busca permanência de ciganos em Caxias. Acessado em: 18 de junho de 2018. Disponível em: <http://www.camaracaxias.rs.gov.br/noticias/index/14883> <http://www.mpf.mp.br/rs/sala-de-imprensa/noticias-s/mpf-rs-pede-que-prefeito-de-caxias-do-sul-reconsidere-decisao-a-respeito-da-instalacao-de-acampamento-cigano>).

e comunidades tradicionais ⁹⁴.

O espaço virtual que Rose utiliza na sua página Caravana Esmeralda Cigana, além da promoção cultural por meio da dança e da música, vale-se como ponto de denúncia de ocorrências que atende como integrante de grupos e associações de apoio aos romanis no Rio Grande do Sul e no Brasil, seja em relação a conflitos, anticiganismo, cultura e identidade roma. Utilizando-se do que antes, era uma conduta tipifica como contravenção penal, que se origina no código penal como forma de espelho da sociedade da época e das perseguições históricas, sobrepostas no sistema legal criminal, ao mesmo tempo que já faz o alerta da revogação da norma e aponta os entroncamentos com as ações policiais.

Os ciganos e as ciganas são muito molestados no seu cotidiano pelas autoridades policiais. Conhecedoras do espírito humano como poucas, as ciganas leem mãos, e falam o que sentem, e o que as pessoas esperam que se lhes diga. Essa sua arte, por um ranço autoritário, era proibida, punida como CONTRAVENÇÃO PENAL. Era - repito- ERA - o Art. 27 da Lei de Contravenções Penais, que DIZIA: Explorar a credulidade pública mediante sortilégios, predição do futuro, explicação de sonho, ou práticas congêneres: Pena – prisão simples, de um a seis meses, e multa, de quinhentos mil réis a cinco contos de réis. ESTA DISPOSIÇÃO DA LEI NÃO EXISTE MAIS! Foi revogada pela Lei nº 9.521, de 27.11.1997. Portanto, HÁ QUASE 20 ANOS que deixou de ser uma conduta proibida! As autoridades policiais, entretanto, ficam tentando enquadrar a conduta de leitura de mãos ora como sendo ESTELIONATO, ora EXTORSÃO.O ENQUADRAMENTO É ABUSIVO, e significa ABUSO DE AUTORIDADE, ou CONSTRANGIMENTO ILEGAL, crimes graves. Portanto, se, fazendo sua leitura de mão, uma cigana for molestada por uma autoridade policial, PROCURE O MINISTÉRIO PÚBLICO - federal ou estadual -, e comunique o ocorrido. Texto do Dr. Luciano Mariz Maia⁹⁵

A página Ciganagens, da rede social Instagram, que contém postagem de textos, pensamentos, posicionamentos de sujeitos romani no ciberespaço. Em postagem do dia 08 de novembro de 2020, publicou um texto apresentado pela Sara Macedo e Dan, em que articularam a relação das representações e estereotipagem romani ao longo da história, entrecruzado com as questões do nomadismo e do racismo em desfavor das etnias roma (anticiganismo), assim fazendo essa interlocução.

Quando olhamos para nosso passado encontramos nossas mortes, escravizações, torturas, e exílio por séculos em qualquer parte do mundo. Estivemos sempre em fuga ou isolamento dos gadjes e seu sistema gadjo. Somos associados ao nomadismo como uma paixão, mas hoje vamos explicar o "Obscurantismo Europeu" que caiu sobre nossos ancestrais. O racismo e anticiganismo não começou neste século em Portugal, muito menos é um evento isolado que se fabricou de forma natural. Não existiu naturalidade com a peça de teatro apresentada na corte de D. João III nomeada de "Farsa das Ciganas", por Gil Vicente. Foi atribuído a etnia que chegara a península no século XV todos os males da terra, tornando nosso povo proscrito e maldito. A partir desse momento, todas as políticas possíveis de erradicação etnocida foram voltadas as comunidades. Açoitamento, degredo, proibição da língua (chib), do traje e da tradição, e em alguns casos, da pena de morte. O nome associado até hoje em Portugal para os povo Roma é "severa vigilância", dizendo que somos um povo amaldiçoado. Nos relegaram associação com o curanderismo e magia, considerados divergentes do credo cristão. Até hoje, o dicionário

⁹⁴ Relatos do caderno de campo de abril de 2018 e dezembro de 2019.

⁹⁵ Texto extraído da publicação da página Caravana Esmeralda Cigana, do dia 28 de fevereiro de 2021. Em anexo, segue a publicação na íntegra.

português diz que cigano é nomeação de ladroagem, farsa e desvio moral. Em 1574 Portugal começa os processos de exílios de ciganes Calóns para as colônias. Na Espanha em 1663 Felipe IV nos proíbe de nos reunirmos, de usarmos nossos idiomas, roupas e danças. Sem falar nas catequizações e nos mártires que diversos ciganes sofreram na Espanha(...).Em 1943 temos um dos momentos mais caóticos no mundo com a segunda guerra mundial, e assim o holocausto cigano; *Porajmos!* Com o plano intitulado pelos nazistas como "A questão final cigana". Temos uma postagem na página que explica um pouco mais. Em meio a tamanho racismo, genocídios, perseguições, escravizações, queimadas de nossas casas e comunidades por séculos. Como manter ou construir sua própria história, isto é, possível? Será mesmo que nós não contamos nossa história, ou a nos tiram desde sempre?⁹⁶

A publicação acima trata da relação da chegada dos povos romani na Península Ibérica, principalmente em Portugal, a partir das perseguições sofridas, racismo e tentativa de apagamentos ao longo da história, com proibição de utilização da língua, das danças e música, que eram consubstanciados em peças teatrais e na literatura portuguesa, o que a palavra cigano/a carregou de vexatório e amoral durante séculos, o que não foi diferente no Brasil, que acabou reproduzindo a representação estereotipada. No texto associam o nomadismo as constantes fugas, por conta das perseguições, mortes e escravização pelas etnias Roma, nesse ponto o nomadismo aparece de forma impositiva, pois não conseguiam fixar e ser nômade encontrava-se como subterfugio para sobrevivência. Como forma híbrida de gênero utilizam a palavra "*ciganes*", isso é utilizado em quase todas as publicações da página.

Destarte, passamos para a análise dos dados a partir da construção das seguintes categorias analíticas e suas subcategorias. A primeira que será abordada é identidade e ressignificação.

4.4 – Categoria de análise: Identidade e Ressignificação

A identidade, como apontada por Stuart Hall (2006), não é estável, fixa e completa. As identidades estão em constante metamorfose, em transformação. Seja, pela ampliação da sociabilidade, ou pelo sentido de proteção de suas identidades étnicas, no caso de grupos tradicionais.

Quando, tratamos de grupos Romanis, não podemos olvidar que, muito embora estejamos tratando de grupos com suas tradições, rituais e crenças por meio de seus próprios códigos e representações, mas igualmente são influenciados e influenciadores quando se trata de construção das identidades. Neste sentido, o intercâmbio cultural e identitário não caminha em uma via única, mas há os entrecruzamentos nestes processos de transformação e formação da identidade.

Nesta seara, a identidade e ressignificação não caminham por trajetos opostos, mas se entrecruzam, haja vista a maleabilidade das identidades, e a modernidade, segundo Hall (2006) e Gilroy (2007) acaba traçando as identidades. Ainda, ressignificar, não é deixar de vivenciar tradições étnico-culturais, não é abdicar seus traços e ritos

⁹⁶ Texto extraído da publicação da Página Ciganagens, com data de 8 de novembro de 2020, O obscurantismo europeu e os povos romani's. Texto de Sara Macedo e DAN Arte: DAN.

culturais, ressignificar é transformar e não abandonar. No entanto, com maior envolvimento com sujeitos não romanis e acesso ao ciberespaço, ocorre a ampliação de seus sistemas de representação. Luíza, a partir de sua visão como romani e Psicóloga, narra o seguinte:

Luíza: Muda um pouco a identidade cigana (momento que ela para e pondera) [...] muda bastante. Porque, em questão de personalidade o teu modo de viver influi muito, o modo de tu conviveres influi muito, o modo de pensar. Vamos botar: se fosse só o nosso jeito seria um e a forma de executar atos, o jeito até de conversar muda muito, muda tudo praticamente. Mas, aí vai da maneira que tu dosa que tu educas a forma da criação dentro da tua casa. Porque eu procuro dosar para que aquilo não mude muito, claro não vou bloquear de maneira nenhuma, até porque não tem como, tem envolvimento com os colegas de escola eles têm amiguinhos, eles têm amigos e saem, não tem como tu evitar isso, impossível, aí seria isolar eles do mundo né, não teria como. Mas muda bastante porque eu me lembro da minha criação e olho a deles hoje; tudo é diferente: na forma de vestir, a forma de se socializar é diferente. O envolvimento com pessoas de fora também é regrado, mas eles têm amizades, eles não saem para posar na casa de amigos, as meninas principalmente e não saem sozinhos, isso jamais a gente não deixa.⁹⁷

Também deve ser considerado o fator discursivo na construção das identidades, como elas são construídas a partir do contato com outras realidades, como aponta a interlocutora na narrativa acima, em que ela indica as transformações que percebe a partir do momento que começa a comunicação com outros sujeitos há a influência na construção das identidades, sendo que não tem como impor barreiras ou óbices a dialética identitária ocorre na intersubjetividade. A identidade cultural de um povo é passada a partir de desencadeados atos inconscientes e de saberes que vão sendo transmitidos, mas com a pós-modernidade as identidades dos sujeitos não são formas fechadas, se reinventando e tomando novos significados a partir da interação com novos sistemas culturais (HALL, 2006).

Nesse sentido, na narrativa abaixo é possível evidenciar a ressignificação da identidade Romani, a partir dos novos contextos que vivenciam. Nos intercâmbios se adaptam e se reconhecem nessas novas experiências. Como Luíza, mesmo com sua formação em psicologia decidiu continuar com a leitura de cartas e mãos que aprendeu quando criança, no entanto utiliza o que ela chama de consultório de atendimentos de seus clientes, que a procuram para fazer trabalhos espirituais, mas não só isso, Luíza frequenta um centro de umbanda, onde fornece consultas espirituais e se relaciona com outras pessoas não romanis que compartilham do mesmo credo religioso. Nesse local, suas práticas divinatórias são utilizadas na composição do sistema de passes, cirurgias espirituais e manifestações mediúnicas. Ela, por seus conhecimentos acadêmicos, culturais e agora de cunho religioso constituiu a sua subjetividade e dá um novo significado a identidade, demonstrando os diversos atravessamentos que a compõem. O centro de umbanda se torna um lugar que possibilita para Luíza a troca de ideias e realidades, que antes com o nomadismo não era possível, se socializa e comunica com

⁹⁷ Entrevista realizada em 12 de dezembro de 2018.

inúmeras pessoas de diferentes vertentes que se encontram e compartilham um espaço comum que todos se identificam.

Luiza: Eu consigo identificar e é muito útil não necessariamente todo mundo que tem um problema de depressão é espiritual muitos acham que sim, mas não é aí tu conversa com a pessoa e tu entende que tem certas situações por trás que pode ser resolvido de outra forma não sendo trabalhada através de um centro espírita e a outros que sim, infelizmente está ligado. Então não deixo de estar praticando a mesma coisa ainda e hoje se eu quisesse. No centro espírita é assim, por exemplo: tu vens no meu consultório e consulta comigo, muitas vezes cartas, ou búzios ou também não, vem só para conversar, muitos vem para conversar. Tu vê que aquela pessoa tem um problema espiritual, tu vai indicar a ela ir ao centro e se tratar daquilo ali seja ele um atendimento fraterno ou seja ele através de um passe. E no centro faz tudo. Até cirurgia espiritual retirada de doenças, tudo. Tu nunca ouviu dizer das cirurgias que fazem no Rio (Rio de Janeiro)? A gente faz aqui também. Ali tem médicos, tem pessoas que trabalham na receita federal, tudo gente graúda não é gente que vai ali para tirar proveito de alguma coisa. Um grupo de pessoas muito ocupadas, por isso que ele funciona só uma vez por semana. Ali ninguém paga nada, nós é que pagamos do nosso bolso, o galpão que a gente aluga, a gente paga água luz, manutenção, papel higiênico, sabonete, tudo é a gente que paga, limpeza.

Pergunta: E ali no centro sabem que és cigana?

Luiza: Claro. Nunca tive problema, graças a Deus, muito pelo contrário sempre fui muito bem recebida e para nós todo espírito tem uma questão de caráter e de moralidade muito grande, e isso se adquire com o tempo, não interessa quem tu és, que cor tu és ali praticar caridade com amor, não importa quem tu és de forma nenhuma. Sabes que ali nós somos colegas há muitos anos 27 anos que a gente está ali e nesse tempo trocou apenas duas pessoas que se mudaram de estado. Porque tem muito centro espírita, que está ligado a umbanda branca, o que chega de gente ali que realmente está sendo trabalhada que muitos não acreditam, mas existe a magia negra, ela pega e ela destrói... liquida uma pessoa. Então, a umbanda está ligada, porque chega uma pessoa lá está sendo trabalhada que a retirada não tem possibilidade de ser feita por nós então a gente indica para alguém de confiança (de nações afro-brasileiras) [...] nosso foco é saúde e bem estar e simplesmente tirar o que a gente identifica como problema espiritual. Uma carga que nos deram (ciganas), porque sempre vai cruzar alguém no caminho de alguém, dívida de quem não tem que passar por isso, mas hoje na população infelizmente 95% (faz o mal), 5% é que escapa só, tu não tem noção do que as pessoas fazem por motivos idiotas por motivos bobos e bestas, a gente não conta quem fez, jamais a gente sabe tem datas tem nomes.⁹⁸

Na narrativa acima, laços sólidos de convivência são identificados, quando fala que frequenta há 27 anos o centro de umbanda, que mantém diálogo e relações estreitas com seus colegas de credo por todo esse período, também tem contato com seus clientes através das práticas divinatórias, mesmo que algumas de suas interações no meio acadêmico tenham sido conflituosas, já havia interlocução nesse espaço e após no ambiente de trabalho, o que ampliou as conexões e seus círculos de sociabilidade. São nesses contatos de sociabilidade, que as transformações começam a ocorrer, pois no cenário de transição para o sedentarismo as lógicas de aproximação e distanciamento vão se rompendo, o que antes não acontecia, agora torna-se possível e factível. São nessas trocas, no contato, enfim, na sociabilidade com outros sujeitos é que oportunizam

⁹⁸ Entrevista de 23 de fevereiro de 2019.

os novos significados que passam a se identificar.

Ainda, não é somente Luíza que frequenta centros de umbanda, religião de matriz africana, Jéssica também é uma frequentadora, até a Vó relata já ter participado e vai esporadicamente. Já indicaram para seu vizinho, para que fosse procurar o centro de umbanda que frequentam, e relatam que ele foi e passou por uma cirurgia espiritual e hoje está bem, recuperado e superou a doença. Nesse entre lugares, que constrói identidades e reinventa culturas, costumes e tradições, a subjetividade vai tomando outros elementos que vão se incorporando a outros de seus matizes culturais, nesse procedimento de influenciador a influenciado, é nessa multiculturalidade e entrecruzamentos que os sujeitos se ressignificam e não apenas no processo de alteridade do jogo do eu e do outro.

Assim, importante a subcategoria subjetividade: ser romani/roma, que trata da formação da subjetividade romani. A Construção da subjetividade, que está no campo de ação e representação dos sujeitos, estando ligado a contextos políticos, sociais e culturais. Como o sujeito se sente e se vê, a partir de suas perspectivas, conhecimentos, sociabilidade e cultura.

No aspecto endógeno do que é ser roma, tanto a família de Pelotas quanto à romani Rose pontua que: *“para ser cigano, tem que nascer cigano”*, para eles não é autodeterminação. Que ser roma vai além de ser nômade, a itinerância sendo um estilo de vida que fez parte da construção de suas identidades, mas estar sedentarizado não quer dizer que deixaram de ser roma muito embora para Luíza *“a itinerância faz parte da identidade cigana, nas casas perde-se um pouco.”*

A liberdade também está ligada a formação da subjetividade desses sujeitos, nesse aspecto o nomadismo está no patamar para além de delimitação territorial, assim a construção do ser romani/roma carrega em seu pensamento a vida de seus ascendentes que se estabeleceu a partir dos constantes fluxos e rotas migratórias, nesse sentido o nômade no pensamento floresce e se irradia na memória, como um subsídio da subjetividade. Do mesmo modo, que Deleuze (1997) e Karpowicz (2018) indicam como movimento, o fluxo, internalizado na sua subjetividade, com ligação com a terra e com a liberdade, mas dentro de limitações e regras previamente estabelecidas entre o grupo. Estando presente, quando a Vó esclarece que ainda tem sua barraca, que ela é grande e bonita, que a qualquer momento pode pegar e sair e *“acampar nas barracas”*, que isso faz parte dela, de sua criação e da fluidez que sente em si, mesmo que hoje esteja morando em casa, mas a sua moradia tem os traços que lembram uma barraca.

Luíza: A nossa liberdade tem uma limitação muito grande é muito recatada, capaz que eles vão se conhecer numa festa e vão se gostar e vão sair ficando, jamais, jamais isso vai interceder as famílias a respeito que o guri gostou da menina e para saber se ela gostou dele, se tem alguma troca de olhares algum indicio de que se querem é muito discreto, sempre manda uma pessoa mais velha dizer que está querendo conhecer ou coisa parecida, nunca vais ver um cigano e uma cigana namorando e beijando, nem quando são noivos estão sempre acompanhados de alguém já para evitar uma caca, elas são virgens de tudo quando casam.

Liberdade de não ter raízes de não ter compromisso com um específico lugar? Sim. É muito diferente daquela liberdade de senso próprio, aqui tu te sentes preso por um costume, não pensa tu que não tem uns que tem vontade de extrapolar ou de namorar ou de fazer, claro que tem a juventude evolui com o passar dos anos eles querem, mas assim é muito puxado a gente toma muito cuidado para não acontecer.⁹⁹

Gerson: os mais velhos ensinam armar a barraca. Porque barraca cigana é diferente; pois é, e aí como é que passa essa tradição desde pequenos já ensinam essa tradição de armar a barraca do nosso jeito, a tradição da barraca como é que se limpa e monta. Vamos supor, meu filho é pequeno daqui um mês né vai ter um casamento em fevereiro em Santa Maria, aí eu já vou levar ele. Ele vai até estranhar porque é uma coisa que ele nunca ficou, mas ai ele já vai ter na memória dele que ele já teve em barraca, e quando ele for um pouquinho mais grande vai ter outra festa, outro casamento vou ter que levar minha barraca de novo e ai assim eles já vão.¹⁰⁰

No relato acima, Lúza narra que a liberdade está presente na identidade Romani, a liberdade no sentido de ser livre e transitar ultrapassando fronteiras, mas que a liberdade de autodeterminação diante do grupo há regras que os fazem sentir presos aos costumes, porém descreve a mudança quando analisa a juventude atual, apontando as transformações dos anseios dos mais jovens quando se deparam com tradições culturais mais arraigadas. Quando ela fala: *“a juventude evolui com o passar dos anos”*, em uma realidade diferente da dela, que são jovens (seu filho e filha adolescentes) já vivendo nos espaços urbanos, sedentarizados, mantendo desde a infância contato com outras culturas, hábitos e comportamentos. Com isso alterando a percepção de si e da maneira de se posicionar diante do grupo e da sociedade vicinal, pois introjetam valores e representações a partir dos seus círculos de sociabilidade, que são diferentes dos costumes e tradições étnicas do grupo. Igualmente, esses sujeitos entrecruzam suas identidades transformando seus sentidos, ou seja, a fragmentação está ocorrendo. Tendo em vista que não são somente romani, mas jovens, com seus costumes, estudantes, integrantes do espaço urbano, com amigos/as gadjês, membros daquele bairro, consumidor/a, com acesso e integrante do meio virtual (redes sociais mais diversas são de acesso rápido) e em comunicação com as mais diversas redes e tribos (MAFESSOLI,2012). Assim uma série de intersecções que constitui sua subjetividade o que acarreta a ressignificação das identidades, desconstruindo a ideia de um sujeito único, fechado e essencial.

No entanto, o ser Romani está presente no ler a sorte e cartas em espaços públicos e transitar de uma cidade a outra, mesmo que fiquem em casas, das mulheres roma de Rio Grande, nas suas saias longas e cabelos compridos amarrados ou trançados, nas vendas de utensílios domésticos que seus maridos fazem de porta em porta. Também está nas negociações de carros, motos, animais (ovelhas e gado) e utensílios para casa (tapete, panela e outros) que os homens do grupo de Pelotas trabalham, e, está também na consulta espiritual em consultórios montados pelas romanis de Pelotas, que não utilizam mais os espaços públicos, mas ainda continuam praticando a quiromancia, a cartomancia e as simpatias. Está, nas roupas coloridas e cheia de pedras, babados e

⁹⁹ Entrevista de 23 de fevereiro de 2019.

¹⁰⁰ Entrevista de 23 de janeiro de 2019.

moedas, no cabelo longo e solto da romani Rose Winter, ao mesmo tempo que é ativista das causas romanis no Brasil, sendo uma mulher roma buscando o seu lugar de fala e contando a sua história e de seu povo, os outros vieses diante do enfrentamento histórico anticigano, mostrando que a história não é una e pode ter vários caminhos e não apenas um percurso (SPIVAK,2010).

Rose: Uma parte da família não se identifica como cigano/cigana (alguns tios e primos), não gostam nem que vincule o nome da família como de descendência Sinti, omitem a origem. Não gostam de usar as roupas, saias e essas coisa, que é da etnia. Não gostam em público de manter contato comigo, quando estou vestida com as minhas roupas.¹⁰¹

Cigana Rose costuma usar: o cabelo longo e solto, saias rodadas coloridas e com brilho (tecido cetim), blusas coloridas, algumas com babados, muitas pulseiras, colares, anéis, cinturão de moedas e flores no cabelo são acessórios e roupas que remetem a representação da identidade mais idealizada que a sociedade envolvente projeta a mulher cigana.¹⁰²

Luíza: Quem é cigano jamais nega. Jamais! Como tu vai negar o que és?! Não tem como, tu nega a origem dos teus pais, da onde tu veio, não né. Por que tu vais te envergonhar do que és?! Não tem por quê. Muitos quiseram estar na nossa pele ser cigano e viver a vida que a gente leva, muitos queriam. Na verdade, um pouco é da picuinha, aí como é que eles têm? A porque cigano é ladrão, porque tudo rico, agora porque tu tem dinheiro tu tem que ser ladrão?! Experimenta ir trabalhar do jeito que a gente trabalha estariam bem de vida. Para eles (não-ciganos) é vergonha sair daqui e bater na casa de alguém para vender alguma coisa, tu ser autônomo, tu correr atrás do que tu quer, vergonhoso¹⁰³

Essas questões, também podem ser observadas a partir da entrevista realizada com a romani Alice Storm na página Ciganagens, em que demonstra essas intersecções na narrativa da jovem romani, que têm 20 anos de idade, da etnia calón. Ela é romani, estudante (curso universidade), professora de canto e dança, esclarece que não deixou de vivenciar suas tradições culturais que compõem também sua identidade, mas observou que há um leque de possibilidades de vivenciá-las, a partir de novos contextos e trajetórias. Como pode ser observado a seguir:

¹⁰¹ Entrevista de 14 de dezembro de 2018.

¹⁰² Anotação do caderno de campo.

¹⁰³ Entrevista de 23 de fevereiro de 2019.



Figura 6 - Ciganagens entrevista Alice Storm¹⁰⁴

O idioma Romani, surge como um ponto de construção das subjetividades, além de uma tradição, surge como um elemento que se relaciona com o ser Romani. Assim, o exercício da língua em lugares públicos, pode até causar alguns conflitos, mas os identifica como romani/roma, como destacam as seguintes narrativas:

Sabem porque eu não escondo, não tento me camuflar atrás de uma imagem que não é a minha, falo a minha língua. Eu sou o que eu sou e me aceite quem quiser. A nível de educação, não perco para ninguém, não tenho porque, porque eu sou Cigana? Eu tenho diploma, eu sou diplomada com qualquer pessoa pode ser; não é uma questão de escolher a espiritualidade ou tu nasce com ela ou não. Eu sou psicóloga formada, trabalhei em escolas, trabalhei em Hospitais, trabalhei na APAE, isso tudo lá em Mato Grosso, em Santa Maria. Tenho histórico bárbaro de serviço desse tipo, não era o que eu queria, não é o que eu gosto de fazer, então eu estou no que eu gosto de fazer.¹⁰⁵

Luíza: Guria, não sei te explicar, eu sei que a gente entra, eles (nas lojas) estão na cola e parece que sentem que é cigano, não sei porquê. Claro, não deixo de conversar com alguém que está comigo a minha linguagem porque um guarda ou um segurança está ali. Só o fato de estar falando outra língua já chama a atenção, independente de qual seja ela, já chama a atenção. Eles veem eu acho pelo jeito da gente ser e se comportar ou de falar eles entendem que são ciganos, porque os donos das lojas a maioria as vezes tudo é turco eles sabem diferenciar. Existe esse racismo, esse preconceito em tudo que é lugar até nos lugares mais evoluídos, que tu não imaginas.¹⁰⁶

A fragmentação da identidade os indivíduos passam a partilhar de novas visões de mundo e estilos de vida, desta forma, passam a se reconhecer a partir destes fluxos culturais, que se fertilizam a partir das mais diversas fontes. Como pode ser observado,

¹⁰⁴ Página Ciganagens (Instagram), narrativa de Alice Storm, datada de 31 de agosto de 2020. Mantive a publicação, para manter o formato da entrevista e o modo que articulam o texto e as figuras

¹⁰⁵ Entrevista de 12 de dezembro de 2018.

¹⁰⁶ Entrevista de 23 de fevereiro de 2019.

no relato abaixo, em que se revela uma absorção da cultura e identidade romani dentro de uma visão religiosa.

Rose: Uma vez fui procurada por uma mulher, que queria que eu dissesse que ela era cigana por ter casado espiritualmente com o Cigano Manolo. A mulher me disse que tinha casado com o cigano, e ele falou pra ela que a partir do ritual do casamento ela já era cigana porque casou com Cigano. Fiquei perplexa, disse para mulher que isso não confere eu dizer que ela é cigana. A mulher até dinheiro me ofereceu para comprar “o título de cigana”, disse que me pagaria só para eu tirar uma foto com ela para registrar o momento pra postar no *Facebook*, porque assim todos saberiam a confirmação que ela era cigana por ter casado com Manolo. Disse para ela que não queria dinheiro nenhum, que para ser cigana ela teria que ter nascido. Essa mulher nas redes sociais tem fotos com vestidos ciganos, com roupas cheias de moedas, lá ela diz que é cigana por ter casado com esse tal Manolo. Tem até foto do casamento, aparece só ela vestida de cigana no casamento, porque o Manolo é espírito, tem até uma foto dela como se estivesse beijando, mas não tem nada.¹⁰⁷

A identidade é variável, se alterando no transcurso das interações sociais, pois os sujeitos percebessem com novas significações e visões de mundo e é a partir deste instante que a reconstruem. Este momento deve-se também à globalização¹⁰⁸, que passa a alterar práticas sociais específicas, porque mesmo em lugar delimitado e fixo no tempo-espaço¹⁰⁹ é deslocado, tudo está mais próximo e acessível: o “*conforto*” que é encontrado nas narrativas como um dos elementos motivadores que levam a sedentarizarem-se está também inserido neste contexto.

Também, os processos de intercâmbios culturais, pois quando estavam em constantes fluxos à cultura era mais fechada, por sua vez a identidade cultural tornava-se menos flexível e mais arraigada a seus sistemas de representação; no entanto com a transição da cultural tradicionalmente nômade para o sedentarismo, a cultura e a identidade espraíam-se absorvendo novos símbolos e significados, como observa-se na entrevista postada na página Ciganagens, que a construção das subjetividades agora, também passa pela cultura, porém vivenciam novas oportunidades de intercâmbio, seja no ambiente da educação formal (escolas, universidades) o que Alice pontua como forma de acréscimo a sua identidade cultural, agregou conhecimento de sua cultura, aumentando sua rede de possibilidades: mulher, romani, estudante, professora de canto e faz ilustrações, uma ampliação do “eu”, pelas novas possibilidades a partir da comunicação com outros meios de sociabilidade. Mas, também, nesses novos contextos de sociabilidade, a identidade entra em modo de negociação.

Assim, surge a subcategoria: Identidade em negociação. As identidades estão em constantes negociações, seja para que permaneça alguma de suas circunscrições culturais, seja para que mantenha interação social com outros grupos e sujeitos, pois as identidades culturais não evaporaram, porém se reconstrói e toma novos significados.

Com isso, é relevante analisar as possíveis interações constituídas entre os

¹⁰⁷ Entrevista realizada dia 14 de dezembro de 2018.

¹⁰⁸ “A globalização se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado” (HALL, 2006, p. 67).

¹⁰⁹ GIDDENS, 1991.

grupos Roma e os outros indivíduos não romanis a partir do processo de fixação. Observando-se, neste caso, às condutas dos sujeitos que serão atualizadas em processos relacionais acionados no contato com a sociedade adjacente, na qual se agenciam as possibilidades de fixação territorial.

A partir dessas relações, é plausível não apenas avaliar a maneira pela qual a identidade pode ser transformada, não somente em termos de aspectos identitários pejorativos que podem surgir no contato com grupos locais, mas ainda em processos de identificação endógenos, nos quais os próprios grupos romanis (a partir de interações específicas) reorganizam suas lógicas de pertencimento e as linhas de sua matriz cultural.

A identidade em negociação pode ser percebida na reportagem do Jornal O Globo (disponível na análise da categoria cultura) de 1983, em que as romanis que faziam a leitura de mãos na Praça Quinze no Rio de Janeiro/RJ, algumas usavam calça até chegar ao local e trabalhavam em outros locais, mas quando adentravam aquele lugar público colocavam suas vestimentas que as identificavam como “ciganas” e remetia aos seus costumes mais tradicionais, por outra banda negociavam sua identidade para se estabelecer em outros espaços e assim ter acesso.

Tanto o grupo de Pelotas, quanto o de Rio Grande, em relatos etnográficos pontuaram que faziam vendas de utensílios domésticos na rua. No entanto, como forma de negociação, por vezes falam que não são romanis e sim nordestinos, sobretudo da Paraíba, haja vista que, nessa região do estado geralmente vêm pessoas de outros estados, principalmente do nordeste brasileiro, que fazem essas vendas também, com tapetes, redes, colchas e diversos produtos. A explicação que recebi de ambos os grupos é que, por vezes quando o comprador identifica ou acaba por saber que são romanis que estão vendendo desistem da compra, pois fica desconfiado e põe em xeque a honestidade e lisura da negociação comercial, achando que vão ser logrados de alguma forma.

Luiza: começou tudo nas vendas dos tachos, dos cobres, e tu ser um negociante é um costume, não tinham outras alternativas tiveram que aderir esse tipo de coisa; porque quem ia dar um emprego para cigano? Para, para pensar, não tinham estudo, não sabiam ler, escrever, o que sabiam fazer? Ou era aquilo ou era aquilo, as mulheres, eram mulheres coitadas que só viviam para a família, mulheres do lar mesmo, como tu vê até hoje é raro ver uma mulher trabalhar fora, muito difícil. Iam se empregar no que criatura e iam viver do que?! Umas pencas de filhos para sustentar, os homens tinham que sair a trabalhar não tinha como.¹¹⁰

Em sua narrativa, Luiza esclarece que vendas e negócios fazem parte da identidade romani, que se estabeleceu a partir da impossibilidade de chegar a um emprego formal, e como necessidade de sobrevivência. Claro, que a vida itinerante tornava mais favorável essa forma de renda familiar, historicamente pontuada como mascates e exímios comerciantes de cavalos. O que se pese, manter sua identidade reservada para manter uma interação com outros sujeitos, não se trata de uma negação

¹¹⁰ Entrevista de dezembro de 2018.

do seu eu, mas uma negociação identitária, mudança de seu comportamento, para estabelecer a sociabilidade nos novos contextos quando em interação social. O grupo seminômade, até mesmo acaba por estabelecer uma relação de prestação de serviços, pois propõe para os vendedores nordestinos que estão na cidade do Rio Grande e desempregados, um acordo de continuar suas vendas de porta em porta comercializando seus produtos.

Outro dado, que reflete a negociação da identidade com seus fluxos e atravessamentos – e como isso influencia as identidades quando analisadas nos contextos que ressurgem ou passam a acontecer – é o folder abaixo, distribuído na cidade de Pelotas, que chama a atenção para problemas da vida moderna (como falta de emprego, drogadição, elementos íntimos e da vida privada). Luíza é romani, mas no panfleto indica que é Professora Espiritual, o panfleto poderia ser distribuído por quaisquer sujeitos praticantes das religiões de matrizes africanas e nesse sentido utilizando-se do misticismo e das crenças, fala em bruxaria e amarrações. As necessidades do lugar em que está inserida também está presente, o que pode chamar atenção de sujeitos locais das mais diversas crenças e religiosidade, quando descreve: FAÇO SIMPATIA PARA BRONQUITE E ASMA, trata-se de uma demanda da localidade, pois o Rio Grande do Sul pela rigidez do seu inverno tem um índice muito alto de pessoas que têm essas doenças, sendo uma prática bastante difundida entre os gaúchos/as a realização de simpatias que ajudam na recuperação e tratamento dos pacientes (conhecimento de senso comum); e isso é utilizado nessa negociação.

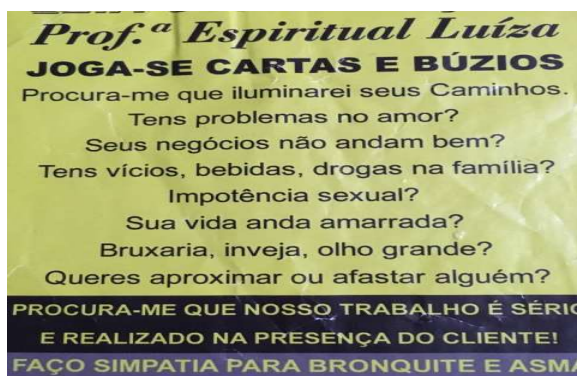


Figura 7 - Professora Espiritual

Quando a romani Rose, pontua que sua família chegou ao Brasil como colonos alemães, também é uma forma de negociação identitária, para que conseguisse se estabelecer no novo lugar, de preservação, haja vista as questões que envolvem o anticiganismo, ainda frisou que por quase 50 anos a família mantinha uma empresa de fotografia e por todos esses anos a comunidade local não sabia e não identificavam que pertenciam aos romanis, em negociação de suas identidades para se manterem naquele espaço, mantiveram-se como descendentes de alemães como a maior parte daquela comunidade, tendo em vista que a cidade de São Leopoldo foi fundada por alemães que vieram para o Brasil.

Em relato etnográfico, Rose também relatou que têm muitas romanis – pessoas que ela conhece e de seu convívio – que se sedentarizaram para conseguir trabalhar em lojas, nos comércios locais, acabam por esconder sua identidade roma, deixam de usar a saia e suas vestimentas, com medo de não serem aceitas no mundo do trabalho, medo do preconceito.¹¹¹

Podemos identificar as questões da identidade diaspórica e multicultural – que encontramos na teoria de Gilroy e Hall – que segue na linha e no sentido transcultural e não enraizado da cultura, e por sua vez as identidades tornam-se mais fluidas; assim negociadas a cada contexto.

Assim, passamos a análise da subcategoria: identidade na alteridade, em voga os processos de reconhecimento a partir do olhar sob o outro. Quando os romanis falam “*vocês brasileiros*”, observa-se que as diferenciações que fazem de seus aspectos culturais funcionam como mecanismo de fortalecimento e defesa de sua identidade a partir do distanciamento, visando promover a coesão do grupo e manutenção da identidade coletiva. Assim, é comum se referirem que a identidade roma é passada na história de suas tradições, costumes e em continuar falando seu dialeto próprio, tais sistemas de representações e contrastes os distanciando dos não romanis, servindo como forma de definição e reafirmação identitária. A língua Romani, por exemplo, é um código cultural arraigado à tradição roma, mesmo com suas variações – a depender da etnia (Calon, Rom ou Sinti) – é uma forma de resistência à total integração com a sociedade envolvente, além de um forte vínculo de identificação. Porém, considerando o caráter discursivo das identidades, que há uma relação entre a língua e a identidade que estaria no rastro e na *Différance*, que embasa essa interação a partir da desconstrução do signo (FERREIRA, 2014).

Luíza argumenta que, hoje, já há alguns romanis que não mantêm a obrigatoriedade de continuar passando a língua para as gerações mais novas, o que para ela “*pode se perder com o tempo*”, e que por isso, também, em sua família, “*o ciganinho e a ciganinha*” aprendem o Romani como forma de saber quem são, neste sentido uma afirmação para constância das identidades.

Esta observação no grupo seminômade também é muito forte: “*o nosso jeito cigano de falar*”, neste aspecto ponderam que as pessoas também as identificam pela forma que falam, pelo modo que se vestem e pela prática de leitura de mãos que fazem nas ruas, e, deste modo se identificam como “*isso são coisas de ciganos*”, de manter as vendas de mercadorias de porta em porta, são aspectos culturais que para eles o identificam como romanis e constroem sua identidade. Estes elementos culturais que servem como afirmação da identidade romani, usada desta forma pelos grupos, torna-se um meio de resistência para o contexto que passam a viver, haja vista que estão abertos a diversas interações com a sociedade envolvente e acabam por introjetar-se de valores, visões de mundo e estilos de vida que fazem parte deste novo ambiente social no qual estão inseridos, deparam-se, assim, com novos sistemas de significação, e neste sentido,

¹¹¹ Anotação de 13 de dezembro de 2018.

segundo Hall (2006, p.13): “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia.”.

Com as incursões ao campo etnográfico no grupo de Pelotas, sempre foram muito gentis, solícitos e gostam de agradar “o visitante” oferecendo água, suco, café, doces, ou o melhor chá que já tomei: “*chá cigano de frutas*”; sempre frisando que o modo que os romanis recebem é muito diferente, que quando recebem alguém em suas casas é necessário oferecer algo para a visita, tendo em vista a aceitação e que ingressasse em seu meio particular. Quanto ao chá, a vó gostava de oferecer e fazer, como modo de mostrar algo de seus costumes, para que pudesse perceber que o chá que as romanis fazem é diferente do chá que os gadjês ingerem. E, que sensação acolhedora, como a Vó fala “*esse chá é uma delícia, não tem igual*”¹¹². Ela esclarece que é produzido com chá da Índia (que ela busca no Uruguai), com canela, cravo, nós moscada, açúcar e rodelas de limão, mas salienta: “*a fruta pode ser maçã, banana, morango, mas o limão deixa refrescante*”.



Figura 8 - Chá da vó: o sabor da tradição

Toda vez, que chegava no campo empírico a Vó começava a preparar o chá e sempre ensinava o modo de fazer, nos dias bem quentes de verão sempre tinha um suco de abacaxi, que sempre era ofertado. Gostava sempre de agradar, chegava no início da tarde e saía no início da noite, pois tinha que tomar o café da tarde que o Vô sempre comprava o pão, pois era uma forma de aceitação e de demonstrar que era bem-vinda, *porque cigano é diferente de vocês para receber visita, a gente gosta que comam e se sintam bem*.

Moralidade, liberdade e senso de constituição familiar, acabam por ser apontados como característica que utilizam como diferenças que os tornam singulares e os distanciam de não romanis, como a narrativa de Luiza assevera. Mas, também, foi possível observar nas manifestações da Vó durante as incursões no campo. A moral como um senso coletivo, nesse sentido subjazem parte de seus costumes por meio de deveres morais, nesse sentido Luiza frisa a moralidade em formato de regras que

¹¹² Anotação etnográfica.

norteiam as condutas individuais e as coletivas também (SELL, 2015), apontam a vergonha, o medo de decepcionar os mais velhos, desonra e a até a saída do grupo.

Luíza: A questão do caráter que infelizmente me desculpa dizer a realidade da raça de vocês não, não tem escrúpulos, não tem caráter. Pode ter uma boa educação familiar, mas isso muda eles distorcem, o que na nossa isso não acontece. Se tu és uma pessoa que tem uma índole ruim e tem um caráter ruim tu és isolado, não se mistura não vem para nossas casas, não frequenta as famílias só comprova que tu és prejudicial, a tua presença prejudica terceiros. E tu vai ser isolado. O que na gente de vocês não acontece isso, os próprios pais tapam os erros e furos dos filhos acontecem coisas grotescas no meio da gente de vocês e desculpa a maneira de dizer, as famílias aceitam e acham que está muito bom. O filho matou um na esquina e o pai e a mãe vão cuidar para ele não ir preso. Tá certo isso? Por mais que é pai, é mãe ou é irmão, ou seja, lá o que for, errou vai pagar.

Pergunta: E como é que os ciganos fazem?

Luíza: Tem as nossas condenações que a gente também vou te dizer a real, a gente está cagando para a polícia, porque as leis de vocês infelizmente são tortas, são muito tortas. Não é o que está escrito lá no papel, mas sim em quem impõe aquilo em prática porque tem muito errada é obvio que tem. Tu olha na questão dos menores mesmo, o menor mata, rouba, estupra, faz tudo que tem para fazer; ele vai para onde? Ele vai para essas casas de passagem que é uma imundície, uma porcaria e ele sai pior do entrou, tá?! Um adulto rouba faz tudo, mata e faz o quer, tudo que é atrocidade e ele vai para um presídio, com o nosso dinheiro, a família dele é sustentada com o nosso dinheiro, para o que? Para ele sair mais gordo e mais forte porque quanto ele sair, vai sair melhor para roubar mais ou para matar mais, onde é que resolve?! Me dá um caso, que resolveu, que prisão consertou uma pessoa, não tem. Então, querida no nosso caso é assim roubou tu vai perder as mãos, perde, facão quente na brasa, toco, perdeu os dedos tu és condenado como ladrão, fez uma vez não faz mais.

Pergunta: Mas, isso é acontece?

Luíza: Não acontece. Não acontece, por que não acontece? Porque sabe o que vai acontecer, entendeu? Não acontece, simples assim, é só tu pôr em prática um ato e as pessoas vão saber que aquilo ali vai acontecer e ele vai ser taxado. Isso, porque existe uma moralidade entre eles, eles têm uma moral, um pesar sobre eles, se fizer uma coisa errada.¹¹³

Além das questões morais, a forma de trabalho e a visão do mundo do trabalho também é elemento usado para manter o afastamento do modo gadjê do “jeito cigano”. O trabalhar cedo, como autônomo e com vendas, já se instaura desde a passagem da infância para a adolescência, como ensinamento intrínseco de sua identidade, seja na comercialização ou na leitura de cartas.

Luíza: Começam tudo mais cedo que vocês, casam-se mais cedo, tem filhos mais cedo começa a trabalhar mais cedo; para nós é ao contrário, passa trabalho agora para chegar lá, nos 30 e poucos 40 está tranquila e é da forma que a gente vive, a gente é assim, e nós temos compromisso com a família se casou não separou, não tem essa história. Escolhe bem para depois, não ter aquela encrenca de largar, não é sapato não tem essa história de separação não deu certo, não tem, são muito regrados; porque tu soma criatura quantos ciganos pobre tu já viu por aí? Não tem né? Por que será? Não tem roubo ali no meio, não tem fraude não tem falcatrua, aí volta para trás e são os ciganos que são os ladrões, acho, que não, né?!¹¹⁴

¹¹³ Entrevista de 18 de dezembro de 2018

¹¹⁴ Entrevista realizada em 18 de dezembro de 2018.

De maneira expressiva e como meio de diferenciação, usam da linguagem “você *brasileiros*”, sobretudo quando ressaltam que “*a comida brasileira, de vocês, a nossa é diferente tem mais tempero*”. Revelam que há diferença na relação conjugal, porquanto há o dote que é pago pelo noivo à família da noiva, que o modo de vivenciar a liberdade tem outra motivação e maneira de lidar, indicam a moralidade como meio de manter em segurança os sujeitos e não “*levar vergonha a família*” São subterfúgios simbólicos que visam manter um fortalecimento interno da identidade do grupo, reforçando elementos culturais e de diferenciação, transparecendo que mesmo inseridos em novos contextos e em interação com a sociedade envolvente ainda mantém suas tradições, e suas interpretações do “eu”.

A relação do processo de alteridade, de construção da identidade a partir do outro. Há também, como forma de contraste étnico, o grupo tenta demonstrar sua identidade grupal através desse artifício de distinção.

Luíza: Nós somos ciganos mesmo. Ciganos Kalderash, porque os Calon não falam a nossa linguagem, não tem os mesmos hábitos ainda convivem nas Barracas, é uma imitação dos Ciganos digamos assim, eles misturam muito a raça Cigana e a Brasileira, eles casam com homens brasileiros, misturam as mulheres de outras raças, nós não, é específico, ai casa Cigano com Cigano e vice versa.

Vó: Os ciganos que vivem nas barracas são os bugrês, elas têm as panelas bem limpinhas, que chega a brilhar; mas são diferentes de nós.¹¹⁵

Assim, após abordagem dos dados referentes às categorias analíticas que envolvem identidade e ressignificação, passamos as categorias e subcategorias que versam sobre cultura, tradição e memória.

4. 5 – Categoria de análise: Cultura e transformação

As culturas tradicionais não se apagam ou deixam de existir com a modernidade, as culturas se transformam, se reinventam (GIDDENS, 1991), afetando sua rotina e práticas sociais dos sujeitos. Mas, o autor atenta que, muito embora, as culturas tradicionais alteram-se na modernidade a tradição não é estática, que a cada geração é reinventada a partir da herança cultural anterior.

Para Geertz (2008), cultura é *ethos* e visão de mundo. Essa categoria de análise surge com finalidade de analisar as transformações da cultura a partir do momento que estes grupos (romanis) passam a se sedentarizar e tem um maior contato com sujeitos que não partilham das mesmas práticas culturais, enfim com a sociedade adjacente. Durante a pesquisa etnográfica verificou-se que as romanis têm dois ou três nomes, o nome que elas são tratadas em casa, o nome do mundo dos Gadjês e um outro nome Romani (que nunca falaram, durante a etnografia). Como Sandra, a romanis mais velha do grupo de Rio Grande, que relatou isso. Luíza e Jéssica, as romanis Kalderash de Pelotas como são conhecidas no mundo, também relatam isso. Na pesquisa de Peripolli (2013), esta observação também é reconhecida pela pesquisadora, que, além disso,

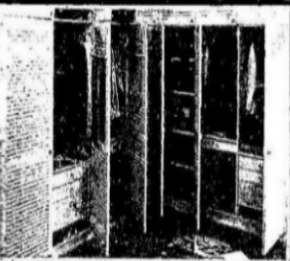
¹¹⁵ Entrevista de 12 de dezembro de 2018.

realizou seu campo empírico em Pelotas. Na reportagem abaixo de 1983, também pode se verificar que as roma já demonstram que têm dois nomes como forma de tratamento, como Olga, a mais velha, que também é chamada de Jurema. Parece que ser um traço cultural, de fortalecimento identitário, de proteção e segurança. Entre os homens roma, não obtive dados que verifiquem a mesma prática.

ENTRE A TRADIÇÃO E A VIDA MODERNA, AS 'FEITICEIRAS' DA PRAÇA QUINZE

Nem só de ler as mãos vivem as ciganas de hoje

Nos armários Vogue do Magazem Bangu, cabem todas estas vantagens:



Armários embutidos Vogue é no Magazem Bangu.

- Certificado de garantia de 6 meses;
- Entrega em 48 horas;
- Financiamento em 18 meses sem entrada;
- A vista, com 25% de desconto;
- Grátis uma linda cortina.

Orgamento e projeto em sua casa, grátis e sem compromisso.

SISTEMA VOGUE

Ligue TeleVogue: 339.5822 e 331.0712.

RESIDENCIAL VOGUE

MB magazem **BANGU**

Av. Cônego de Vasconcelos, 65.

Nos dias de folga, a praça de manhã, o chopinho e o bate-papo com os amigos brasileiros. Durante a semana, modernismos à parte, é hora de vestir a sua coridada, amarrar o lenço na cabeça e sair por aí oferecendo-se para ler a sorte dos que passam.

Adaptadas aos novos tempos, elas são as ciganas da Praça Quinze, um grupo de 20 mulheres que hoje ajuda fora de uma das tradições de seu povo — a leitura da sorte — um meio de sobrevivência, mas ao mesmo tempo praticam o umbandismo, trabalham nos centros espíritas. Algumas casaram-se com brasileiros, como chamam os não-ciganos. A vida moderna, os acampamentos, que em outros tempos foram motivo de tantas perseguições, pertencem ao passado. Com um pé na tradição e outro fora, elas são as ciganas de hoje, no Rio.

FEITICEIRAS

Tidos como feiticeiras durante séculos, os ciganos sempre foram pessoas temidas, daí terem sido perseguidos em quase todos os países por que passavam passavam. A fama de ladrões de cavalo nunca foi esquecida.

— O pessoal tem medo da gente, diz que cigano é ladrão. Mas no fim das contas, nós é que somos roubados. A gente é que tem medo deles — diz Olga Petrovich, 33 anos, uma das ciganas da praça.

Por causa dos assaltos, Olga se desfez das poucas jóias que tinha e agora só usa bijuteria. Em casa, tranca bem as portas e janelas. Sair na rua à noite já não se pode mais. Morar em acampamentos, então, diz ela, nem pensar. Já Vera Lúcia Max, filha de cigano, 29 anos, diz que vida de cigano, hoje em dia, é difícil. Com os assaltos, ex-

plina, não há mais condições de sair por aí, armando barracas, vivendo em acampamentos.

— A gente não tem mais contagem.

AUTODEFESA

Perseguidos por tanto tempo, os ciganos são desconfiados. Seus costumes se basearam na autoddefesa, na autpreservação.

Reje, a luta das ciganas da Praça Quinze é contra as ciganas falsificadas.

— Há muitas por aí que não são ciganas. Vêm pra cá fazer bagunça. Mas a gente põe para fora, expulsa da praça — diz Catarina.

As ciganas falam entre si por dialeto todo vez que surge um problema. Assim, é fácil identificar as falsificadas.

A família cigana sempre foi o núcleo central de tudo. O casamento de uma cigana com uma pessoa que não fosse de seu povo representava, e ainda representa, para algumas famílias, a punição mais severa.

Jurema, "a cigana velha", como preferem ser chamada, é Anita, de 60 anos, sentada num banco da praça, já com dificuldades de andar e com uma bengala na mão, ela recorda os tempos antigos e diz que hoje as ciganas se casam com brasileiros para não deixarem "terminar a raça".

Anita lembra o tempo em que morava em acampamento. Conta que começou a ser perseguida aos 18 anos, quando se apaixonou e fugiu com um brasileiro. Quatro anos depois, juntou-se com um filho de cigano, e a deixou 30 anos depois com um filho de cigano, "por causa de uma brasileira". Com o brasileiro, diz ela, tinha conforto, morava "que nem rainha".

— Agora não sou mais cigana. Não leio mãos, só peço auxílio. Já estou velha. Fui abandonada pela cigana — diz ela.

Segundo Anita, os verdadeiros ciganos são muito poucos e estão no interior, vivendo ainda em acampamentos. Hoje em dia, diz ela, não existem mais ciganas legítimas, "são todas falsificadas, estão todos 'vilizados'". Os chefes dos bandos de ciganos também desapareceram: cada um é chefe de sua família.

— Não existe amor mesmo, existe só uma simulação. Mas, por tradição, a cigana não trai seu homem. A verdadeira não trai de jeito nenhum.

Olga, que se diz filha de ciganos lusitanos, afirma que apesar dos modernismos, não gosta de usar roupa curta. Em casa, na rua, onde estiver, só usa "roupa verdadeira".

TEMPOS MODERNOS

— Vida de cigano minha filha não vai ter. Ela vai ser diferente. Casar com quem quiser, andar que quiser, trabalhar de shortinho ou minissai. Quero que ela trabalhe, estude para ser alguma coisa — diz Vera Lúcia, também casada com cigano, um mecânico hidráulico. Ela lamenta nunca ter tido permissão para usar shortinho. Usa bermudão, saias, "mas tudo de para baixo do joelho". A virgindade e o casamento, informa, ainda são tratados com rigor entre os ciganos.

A mulher cigana, conta Vera, tem que mostrar virgindade ao se casar. O casamento é uma festa de dois dias.

Se tudo der certo, prossegue a cigana, os noivos comunicam aos participantes da festa que a cigana "é moça mesmo".

— Mas se Deus me livre e guarde o homem descobrir que a cigana não é virgem, aí é a maior guerra, aquela confusão.

Entre as ciganas da Praça Quinze, falar em usar shortinhos ou casar-se virgem é sempre motivo de polêmica. Catarina Michelini, a Nina, de 29 anos, não quer saber de saias coloridas e lenços na cabeça quando não está trabalhando. Usa de tudo: minissai, tanginha, biquini. Gosta mesmo é de tomar coquetel, bater um papo com os colegas. Seu primeiro casamento foi com um cigano, por vontade dos pais, mas



A "consulta", num lugar sossegado, para o cliente não se sentir tolhido

agora é casada com um bancário, com quem tem dois filhos.

Entretanto, Magali, paradoxalmente a mais nova do grupo, com 18 anos, não concorda com a quebra total das tradições. Diz que sua filha vai ter que passar pelo que ela passou, entrar no ritmo dos ciganos, casar virgem.

— Se ela sair da lei, acaba com a raça dela.

BEM-SUCEDIDO

Como numa sociedade capitalista, os ciganos se dividem hoje em diversas classes: os bem sucedidos, adaptados à vida moderna; os tradicionais, ainda nômades, vivendo em acampamentos; e os ciganos pobres, que perambulam pelas ruas lendo a sorte dos outros. Antônio Carlos Magalhães, de 22 anos, é um cigano bem sucedido. Filho de ciganos portugueses, leva uma vida moderna e só mantém a tradição quando está entre ciganos.

Como um moderno casaco de couro, blusa social e calça de lã, ele trabalha na filial de uma firma de tapeçaria, cama e mesa de portugueses. A loja principal, que fica em Belo Horizonte, pertence a sua família. Ele diz que, ao passar pela Praça Quinze, sente pena das ciganas que tentam sobreviver lendo a sorte dos outros:

— Nossa família já tem pátria, Portugal. Há uns que negam isso, são os ciganos puros. As leis dos ciganos continuam, só que de adaptadas à vida. A sociedade. Os ladrões de cavalos já não existem mais. Talvez essas ciganas tivessem melhor se não se apegassem tanto aos antigos costumes.

Que já existiram ladrões de uma das ciganas. Mag, como diz Antônio, não se pode comparar um por todos, seja com qualquer raça. A má fama de cigano ladrão de cavalo, diz ele, é bem menor do que a de brasileiro na Europa.

NO PONTO DE VISTA

LINHA ECONOMICA

ÓCULOS NO SEU GRAU PARA LEITURA. APENAS 890.

LENTE DE PRIMEIRA, PARA ELE E PARA ELA.

*** EXAME DE VISTA GRÁTIS E NA HORA.**

Óculos no seu grau para longe, para perto, para ele e para ela. Vários modelos à sua escolha. **APENAS 1.690.**

Sofisticado conjunto de armações, em Zilo ou Metal, para toda a família, com lentes no seu grau. *** 6.690.**

CREDIÁRIO PRÓPRIO

5 VEZES SEM JUROS

12 VEZES SEM ENTRADA

Lentes de Contato, Bifocais e Varilux.

NO PONTO DE VISTA

SHOPPING DE ÓCULOS

Qualidade - Técnica - Preço Baixo

Caxias R. José de Alencastro, 288 Campo Grande R. Vitor Dantas, 35 Fátima R. Conde de Bonfim, 353 Centro R. Senador Dantas, 14

Copa Av. Copacabana, 1098 Madureira R. Maria Freitas, 77 Nova Iguaçu Av. Amador Falcão, 371 Niterói R. São Pedro, 72 (Em frente ao Jardim S. Jobel)

Insistência, para vencer a desconfiança

Praça Quinze, Centro, Catarina, 29 anos, desce do ônibus e amarra a longa saia colorida por cima da calça jeans. A praça é o último refúgio com o baton vermelho.

São 10h, a cigana prepara-se para mais um dia de trabalho.

— Hei, patiu! Quer ler a sorte?

Uma mulher vira-se, desconfiada. Para, hesita por uns segundos, talvez pensando nas lendas seculares que apontam os ciganos como trapaceiros. Desiste e segue caminhando apressada, como se não tivesse entendido o chamado. Mas a cigana insiste: pica o olho, estampa um sorriso, e tenta aproximá-la novamente. Fazendo sinais com as mãos:

— Venha cá, morena. Vou lhe contar sua vida.

Tomada pela curiosidade, a mulher, ainda meio sem jeito, acaba concordando. Quando vê, já está de braço estendido e mão aberta, sentada num casio junto às escadas do histórico prédio do Paço Imperial, onde se mora de 20 ciganas da praça costumam levar suas clientes. A cigana começa a ler a sorte e a mulher, atenta, acompanha balançando a cabeça.

— Tu linha é grande, vai durar muitos anos de vida, graças a Deus — diz a cigana. — Estrela brilhosa, sorte boa, mas no amor vai ter um grande desgosto. Não te preocupa, mais tarde encontra o homem certo. Uma sociedade de negócios, você tem? Também vai dar certo, mas te cuida com os muitos amigos falsos que vão aparecer.

Ao fim da consulta, a dúbia: será que ela fala a mesma coisa para todo mundo? A mulher se desloca, vai embora. A cigana levanta as saias e coloca rapidamente os Cr\$ 200 recebidos dentro de uma pequena bolsa improvisada, costurada entre os panos de chita da sala.

— É o modo dos assaltantes — explica a cigana.

DIVERGENCIAS

Originariamente monoteístas, os ciganos sofreram influências ao longo dos anos.

Magali Ristch, de 18 anos, uma das ciganas da Praça Quinze, diz que viver só de leitura da sorte, hoje em dia, "não dá em nada". Morena, cabelos compridos, casada com cigano e grávida de quatro meses, Magali, hoje, faz de tudo: lê a sorte, joga búzios, lê cartas e é espírito convicida. Ela exibe orgulhosamente a carteirinha de integrante da Confederação Nacional dos Cultos Privativos dos Orixás de Umbanda e Kimbanda.

Catarina Michelini, de 29 anos, aproveita dois dias da semana — quarta e quinta-feira — para servir café num escritório do Centro. Nos outros dias, é uma das ciganas da praça, a Nina, como preferem ser chamadas. Casada com brasileiro, mora em Nova Iguaçu. Todo dia paga um ônibus até a Central, onde aproveita o banheiro para vestir a sua estampada de

cigana por cima da calça jeans.

— Sou médium. Estamos aí para resolver qualquer problema: amor, atrapaalho, carinho ou inveja. Se alguém da família estiver atrapalhando, conto tudo, descrevo a pessoa e você vai saber quem é — garante ela.

CURIOSIDADE

Na Praça Quinze, as ciganas ocupam o espaço junto ao Paço Imperial. Quando elas chamam alguém para ler a sorte, as reações são quase sempre de desconfiança: uns olham assustados, outros passam fazendo cara feia e alguns levam na brincadeira antes de se deixarem atrair pela curiosidade.

— Olha, minha filha, sempre vi ciganas na minha vida e não acho boa coisa. No interior, quando podiam roubar galinha dos outros, roubavam. Então elas lêem as mãos através de quê? Não acredito. Isso pra mim é exploração — comenta, indignado, Malafaia Fraga, um comerciante de 36 anos. Já para o mecânico da Petrobrás Wilson da Costa, 46 anos, as ciganas que lêem a sorte deveriam ser "enquadradas" por levarem os outros "no papo".

Há também o que as ciganas classificam do "engracadinho" — os homens que aproveitam a consulta para convidá-las para jantar ou viver "uma noite de sonho dourado" num hotel qualquer.

O preconceito contra os ciganos vem desde a época em que se tem notícia do

surgimento de seu povo, na Índia, em 1500 A. C. Fugido de invasores arianos, emigraram para vários países, como a Pérsia (Irã), Alemanha, França, Península Ibérica. Houve época em que se podiam transitar pela Europa com salvo-conduto. A Inquisição os perseguiu porque não eram religiosos e praticavam o ocultismo. Durante a Segunda Guerra Mundial, 500 mil ciganos foram mortos nos campos de extermínio.

— Os brasileiros têm muito preconceito contra ciganos. Aqui na praça, ficam com receio ou têm vergonha de ler a mão no meio do povo. Mas não obrigo — diz Catarina.

CLIENTELA

Tereza Cristina Lima, de 19 anos, passava um dia pela praça com uma amiga quando foi chamada pelas ciganas. Ficou curiosa, mas desaconselhada pela amiga, desistiu, sentiu vergonha de se aproximar. Na semana passada, voltou à praça, tomou coragem e foi saber de sua sorte.

— Procuraria as ciganas de novo. Elas ajudam a gente, mas é preciso ter fé. Coisa do futuro é comigo mesmo — diz ela.

Genair dos Santos Gomes, dona de casa, 37 anos, católica convicta, acha que as ciganas estão perdendo tempo:

— Só Deus pode saber do nosso futuro, mais ninguém.

O que parece dar dinheiro mesmo são os trabalhos nos centros espíritas. A clientela é certa e o preço médio por trabalho, segundo as ciganas, é de Cr\$ 7 mil, incluindo a compra das velas, champanha ou do material necessário para oferendas aos santos. Ler a mão dos outros, falar do futuro, adivinhar a vida, dizem as ciganas, não é uma técnica, é um "dom". Das pessoas que fazem consultas na praça, a maioria é fax por problemas sentimentais, briguinhas com namorado, com o marido, dores de cotovelo ou uma culpa qualquer.

A clientela é variada, gente de todo tipo: advogados, o pessoal do Firum, bancários e funcionários da Bolsa de Valores. José Martins, 42 anos, é "um frequentador assíduo, como faz questão de dizer. Funcionário da Marinha e também frequentador dos centros espíritas, Martins diz que procurou as ciganas pela primeira vez há mais de dez anos, por traumas de amor. Mul atigado, falando rápido, ele esteve na praça na semana passada para pedir ajuda à sua cigana predileta, a Olga.

— Olga, faz um favor para mim. Está telefona. Liga para a Lucia, liga. Ela não quer mais comigo. Converse com ela, promete?

Martins vai embora, Olga olha o telefone escrito no papel, dá um e comenta:

— Ah, Martins, em quantas confusões já se meteu... Problemas de amor, demais da conta.

DEBORAH BERLUNCK

Com base nesta modificação do ambiente, da transição entre nomadismo e sedentarismo, quando o grupo se sedentariza e passa habitar em residência as práticas e códigos simbólicos também se expressarão a partir de uma nova percepção da realidade, que os sujeitos fazem de si dentro do contexto que estão introduzidos. Trata-se de uma alteração nos costumes, tendo em vista que, por exemplo, antes, a quiromancia e jogo de cartas eram adstritos aos lugares públicos como praças e ruas, como indica a reportagem acima, muito embora já na década de 1980 observa-se algumas mudanças, como a incorporação de trabalhos religiosos vinculados a religiões de matrizes africanas, as roma mantêm empregos concomitantemente com a cartomancia e quiromancia, residem em casas, usam calças como “*Catarina, que amarra a longa saia colorida, por cima da calça jeans*”.

Agora, as práticas de leitura de cartas e mãos são também realizadas em consultórios e espaços particulares previamente locados. Já com o novo estilo de vida que estes sujeitos passam a vivenciar e se identificar, viabiliza-se a modificação endógena de suas tradições culturais e seus modos de expressão.

O grupo seminômade pesquisado na cidade do Rio Grande também identifica as mudanças que vêm ocorrendo ao longo do tempo na cultura romani. Referem que os mais jovens já não querem mais os costumes da forma que eram antes, as meninas estão mais resistentes a prática da leitura de mãos nas ruas e querem estudar, os homens ainda trabalham vendendo tapetes, colchas e utensílios domésticos e acabam “*posando em outras cidades*”, enquanto as roma ficam nas casas que alugam, porém, os mais jovens já pensam em outras profissões e atividades comerciais.

Sandra: tenho medo que a cultura acabe, porque os ciganos mais novos não querem mais as mesmas coisas. As meninas mesmo são pedidas em casamento e ficam noivas, mas não precisa casar imediatamente podem levar dois ou três anos para sair o casamento, às vezes já se casam com mais de dezoito anos.¹¹⁷

Quanto à família de Pelotas, o relato das práticas de obtenção de renda está circunscrito às negociações comerciais, sendo os homens que participam ativamente das práticas comerciais, como a compra e venda de veículos, de bovinos e ovinos, além da comercialização de produtos de cama, mesa e banho, que costuma ser feita de porta em porta (mas não é a atividade principal, é como se fosse uma renda extra da família). Na comercialização destes produtos, as mulheres podem acompanhar o marido, mas a venda e negociação são feitas pelos homens.

Gerson: A mulher não pode trabalhar fora de casa. É que é uma tradição, a gente não aceita. No caso, os homens é que trabalham para sustentar a família, a mulher não. [...] Até que quando eu vou trabalhar, às vezes ela (Jessica, sua esposa) até me ajuda a vender, trabalha junto.¹¹⁸

Jessica: Se eu arrumar um emprego para ajudar ele, ele não aceita, é uma tradição. São os homens que trabalham dentro de casa, as mulheres

¹¹⁷ Relato etnográfico de 16 de agosto de 2018.

¹¹⁸ Entrevista realizada em 23 de janeiro de 2019.

cuidam das crianças, arrumam a casa, cozinham uma comida. À venda, a até ajudo a vender, junto com ele (Gerson, seu marido), mas trabalhar fora, trabalhar em uma loja isso não.¹¹⁹

Explicam que, na cultura romani, a mulher não trabalha fora do espaço doméstico, suas atividades sendo dentro do ambiente familiar, cuidando da organização da casa e da prole, não sendo comum a mulher estudar, geralmente, estudam até os quinze anos. Muito embora Luíza tenha estudado e ingressado no mercado de trabalho em emprego formal, isso foi algo conversado com o marido e a família, os quais permitiram que seguisse porque entenderam que poderia ser algo “*bom e vantajoso*”, conforme relata:

Luíza: se for benefício para o teu crescimento, que não esteja prejudicando ninguém e denegrindo a imagem da família, porque presam muito a imagem da família, a vergonha pra eles é o pior, é que nem tu matar.¹²⁰

Vó: o homem tem que terminar os estudos, a mulher não precisa, tem que casar.¹²¹

Jessica: o homem estuda até o segundo grau, porque precisa tirar a carteira de motorista, a mulher não precisa.¹²²

Nas narrativas acima, a mulher tem o papel de cuidar e primar pela casa e deve manter uma conduta ilibada quando solteira, aguarda o casamento que geralmente acontece aos dezesseis anos, hoje já não há o compromisso de casamento acertado entre as famílias, sem o aceite dos noivos, pois estes podem escolher com quem se casar desde que o pretendente seja roma. Caso ocorra o contrário, aquela que contrariar a regra deve se retirar do grupo e não será mais reconhecida como roma, não vivendo mais as tradições e costumes, nem seus filhos serão reconhecidos como roma.

Luiza: Então a gente presa muito aquilo, a mulher tem que andar muito na linha, não pode ser mulher atoa, de sair e se vulgarizar, a gente tem um cuidado muito grande com isso, porque as meninas que se vulgarizam não casam, elas ficam de lado e as famílias não vão porque aquilo tem um por trás, porque a família quando vem pedir em casamento vêm saber o histórico da família e não só da menina, por exemplo, o dia que o meu filho for casar eu vou analisar a família para analisar o comportamento da pessoa.¹²³

Percebesse que, o homem é aquele que deve prover o sustento, sobre sua responsabilidade recaindo o sustento da família. Aprendem desde pequenos a como trabalhar e negociar. Como se casam cedo já devem estar preparados para constituir família e todos os compromissos que daí decorre.

Luiza: porque eles começam assim para eles não tem choro nem vela começa a trabalhar cedo, os meus vão para Rua trabalhar se não vendem os carros dele vendem dos outros. O meu filho é casado e tem 20 anos ele já tem o patrimônio dele construído, já tem família e já tem tudo, ou seja, ele não tem que esquentar a cabeça com o mais para frente, é só manter. Eles começam tudo mais cedo, casam mais cedo, ele têm filhos mais cedo começam a trabalhar mais cedo, tudo é mais cedo, porque para

¹¹⁹ Entrevista realizada em 23 de janeiro de 2019.

¹²⁰ Entrevista realizada em 12 de dezembro de 2018.

¹²¹ Entrevista realizada em 12 de dezembro de 2018.

¹²² Entrevista realizada em 23 de janeiro de 2019.

¹²³ Entrevista realizada em 12 de dezembro de 2018.

nós é o contrário: trabalho agora para chegar lá nos 30 e poucos anos 40 já está tranquilo. É a forma que a gente vive os nossos têm compromisso com família, casou não separou não tem essa história, escolhe bem para depois não ter aquela encrenca de largar, porque não é sapato, não tem essa história de separação, o não deu certo não têm, são muito regrados.
124

De modo geral, a organização da casa da família de Pelotas é feita por Jessica, a mais nova casada da família, ela arruma e organiza o ambiente e as refeições são preparadas por ela. Por sua vez, Betina, a adolescente do grupo, já ajuda aprendendo o trabalho doméstico. A Vó já não faz muito do trabalho caseiro, pois são as mais novas que devem se responsabilizar por essa parte, conforme informações da família. Mas, às vezes, a Vó reclama que as comidas que preparam já não são mais a “comida cigana”, com bastante tempero e pimenta, porque “os mais jovens só querem comida de brasileiro”.

Quando falam em viver em barracas, como anteriormente mencionado, preferem o conforto proporcionado pela casa, mas deixa claro que os acampamentos fazem parte da história e da cultura romani, o viver itinerante. Entretanto, veem como transformação e não como um rompimento cultural. Nesse caso, a Vó demonstra nostalgia da vida no acampamento, ao mesmo tempo em que refere estar satisfeita em firmar residência, sempre lembra que ainda tem sua barraca, e que nas oportunidades que chegam com as festas e casamentos leva e monta, fala com muita alegria: “*minha barraca é muito bonita, de lona, armação de ferro, tem mais de 6 metros de frente, muito grande, cabe todo mundo*”. A barraca, a vida itinerante está na história passada de geração em geração, como elemento de constituição da cultura e da identidade.

Gerson: Agora fica na barraca só em festa ou casamento, mas desde pequeno já ensina como é montar a barraca.¹²⁵

Luíza: Que para eles (os mais jovens) hoje tu tem que dizer assim: nós já tivemos a moradia em barraca. Eles não sabem como é não sabe visualizar aquilo na mente, mas não tem a experiência de ter vivido dentro de uma barraca, aquela dificuldade, a parte do desconforto porque isso está dentro da nossa história e não tem como pular isso. E cria uma ilusão para eles de que tudo é como é hoje, não era assim, então eu procuro manter essa parte (de ficar em barracas, em casamentos e festas). Eles não gostam muito a realidade é uma só, mas a gente tem que fazer para não se perder.¹²⁶

No contexto da cultura e identidade roma, a língua Romani é muito importante: seu código cultural mais marcante. Desde pequenos, os indivíduos são ensinados em sua língua mãe, como observei na relação entre Jessica e seu bebê de seis meses, tudo que ela falava e se expressava com ele era em Romani. Ela me explicou que era para ele entender desde cedo que aquela era a língua dele e que a forma mais fácil de aprender era assim, sendo que só depois vai aprendendo o português. O português serve

¹²⁴ Entrevista realizada em 21 de fevereiro de 2019.

¹²⁵ Entrevista realizada dia 23 de janeiro de 2019.

¹²⁶ Entrevista realizada em 12 de dezembro de 2018.

para comunicação com os “brasileiros”, porque entre eles costumam falar em Romani (muito alto e gesticulando bastante), o que presenciei em várias conversas.

Pela perspectiva de Geertz (2008) as narrativas e observações acima exprimem a visão de mundo, a interpretação que fazem da sua realidade, com base em suas vivências em novos contextos sociais e nas interações entre si e com a sociedade envolvente. Deste modo, vão interpretando e transformando seus significados constituindo e reconstruindo sua cultura, considerando os intercâmbios culturais que se desenvolvem pelas novas sociabilidades.

Estes novos intercâmbios culturais e novas sociabilidades podem ser exemplificados, de forma bem clara, no panfleto que é distribuído pela cidade com intuito de buscar consulentes. Nele está que além de jogo de cartas e trabalhos espirituais também se oferece o jogo de búzios, utilizando-se aqui de mecanismos muito próximos de culturas alheias e não roma, caso das tradições afro-brasileiras. Quando a Vó me entregou o panfleto, logo me chamou atenção às questões da cultura romani na religiosidade, e neste sentido, dois mundos que dividem o ambiente local acabam por sofrer influências recíprocas, tanto Luíza quanto Jessica confessam praticar o jogo de búzios, muito embora afirmem que não tenham nenhuma iniciação em religiões de matrizes africanas. Segundo elas, não há necessidade porque é um dom de Deus e pode ser exercido. Para elas, o jogo de búzios serve para limpar e equilibrar as energias do ambiente antes de iniciar o jogo de cartas, mas também acreditam que “*têm coisas que aparecem só nos búzios*”.



Figura 10 - Joga-se Cartas e Búzios

A alteração do *ethos* da cultura também é latente em suas narrativas e percepções coletadas em campo etnográfico. Hoje, todos têm celulares e estão conectados à internet; estão em constante interação e acabam absorvendo estilos culturais diferentes, como as músicas que acabam escutando e relatam que nas festas romani (casamentos, aniversários, noivados), a maioria do que se escuta são músicas brasileiras e uruguaias, estando presentes os DJ's e orquestras para se apresentarem nas festividades. A comida é outro ponto que relatam que sofreu alterações, pois hoje os mais jovens preferem frituras, comidas tipicamente brasileiras como feijão preto, arroz e bife, não dispensando-se os *fast foods*. Nesse caso, a Vó reclama que nem nas festas as comidas tradicionais romani não são servidas, pois atualmente as pessoas preferem contratar *Buffets* que ficam responsáveis por toda a organização da festa.

Em janeiro de 2019 fui a campo em Pelotas, estavam umas 20 pessoas na casa do grupo Kalderash. No fim de semana anterior, na cidade havia sido o aniversário de 15 anos de Francine e vários ciganos/as vieram de vários lugares, sendo que alguns passaram o fim de semana na casa dos anciões. Todos falavam em Romani, o contato não foi possível já que

estavam de saída e retornando para suas casas, todos já residiam em casas. A vó contou da festa, mas reclamou que muito embora a festividade dure dois dias, já não é mais como antigamente, as comidas são brasileiras e a comida cigana nem é mais servida, que o churrasco é o mais próximo que identifica como da culinária cigana. Que antes, as ciganas faziam as comidas e serviam, mas que o aniversário tudo foi produzido, organizado e servido por brasileiros, que a comida é muito diferente; que contratam uma empresa para fazer tudo. Agora, *“o estilo das festas é igual a de vocês, que não são ciganos, a comida principalmente muda muito, e sabe muita coisa mudou dos nossos costumes e isso é uma das coisas”*. Para ela, a comida vinha na mesa e dessa forma vem pouco, antes era muita comida que faziam e agora é do jeito brasileiro com o jantar e depois salgadinho.¹²⁷

Nesse mesmo dia, Jéssica falou da festa e explicou que não usou lenço, assim como a maior parte das ciganas que estavam lá, que estava tudo lindo. A festa começou às 11h em um salão, enquanto outro salão estava sendo preparado para a continuação da festa à noite. A festividade iniciou-se no almoço com churrasco, chopp, refrigerantes e água; que passaram à tarde comendo e aproveitando. À noite, a festa foi realizada no club Dunas em Pelotas, e tinha como tema a Bela e a Fera, que houve troca de vestidos. Jéssica, Bebete e Enzo relatam que os doces brasileiros estavam muito bons, que tinha até brigadeiro. Que tinha muita comida, porque cigano é assim, não pode faltar comida. Jéssica e Bebete, frisam que a festa era bem brasileira, mas a maior parte dos convidados eram ciganos/as; que debutante fez até a troca de sapatos. No vídeo, que foi postado no Facebook, elas mostram que na hora da valsa, a debutante dança com todos e a cada um que a tira para dançar os demais fazem barulhos e gritam palavras em Romani. Enquanto. Jéssica procura pelos vídeos postados na rede social, Bebete reconhece uma moça entre os convidados e me explica, que Sabrina tem 13 anos, quase a sua idade, que foi prometida por seus pais em casamento quando tinha 10 anos, mas que ainda não era noiva; Jéssica ressalta, que a menina ainda pode desistir do acordo nupcial, mas que seu pai deverá pagar o noivado ao pai do noivo. Contam que, a festa durou a noite toda com DJ que veio do Uruguai, e que além dele as músicas eram todas de brasileiros mesmo.¹²⁸

Demonstram um grande afeto aos idosos por manterem a cultura viva e as crianças por ser o futuro, para que haja continuação de suas tradições. O filho mais novo, o caçula, é que ficará cuidando da casa e dos anciões, quando o filho casa vai morar com sua esposa na casa da família, assim que o próximo filho se casar aquele (primeiro) pode adquirir uma casa e formar um novo núcleo familiar e assim sucessivamente, até que o último filho case e permaneça. Este ciclo é somente para os homens, pois as mulheres roma quando se casam vão residir com a família do marido e as visitas são esporádicas, perdendo-se um pouco vínculo com sua família biológica.

Luiza: Para o cigano, criança e idoso é prioridade sim, porque tudo que a gente tem vem dele, de uma herança. Te entregam em mãos tudo, é aquela coisa da confiança, é um amor tão grande que tem dentro da família, eles (os anciões), a gente vive para os filhos, cultivam isso. Como é que vai largar, maltratar e judiar? Não pode.¹²⁹

Quanto às vestes, a Vó ainda mantém trajes mais tradicionais como: vestidos rodados, saias longas em corte godê, floridas ou coloridas, seu cabelo está sempre amarrado, e diz que quando eram jovens as roma usavam tranças. Já as roma mais jovens usam vestidos e saias longas evasê ou de corte reto, podendo usar no

¹²⁷ Relato etnográfico, conversa de janeiro de 2019, com a anciã do grupo.

¹²⁸ Relato etnográfico.

¹²⁹ Entrevista realizada dia 21 de fevereiro de 2019.

comprimento dos joelhos, as calças também são permitidas, só devendo-se evitar roupas coladas e muito decotadas. Os lenços, antes exigidos para as mulheres casadas, agora são opcionais, geralmente usados como acessório em festas.

Gerson: Antigamente a cigana só podia usar saia, hoje pode usar calça, antigamente era só saia e tinha que usar o lenço no cabelo.¹³⁰

Jessica: Têm coisas que vão mudar daqui pra frente, têm coisas que já mudaram no estilo de roupa.¹³¹

Luíza conta que antigamente – conforme me mostrou em uma foto – os homens roma só usavam terno e chapéus e só retiravam o blazer quando estavam trabalhando, mas agora usam “*roupa comum, brasileira mesmo*”. E os cabelos das mulheres sempre estavam presos, trançados e usavam lenços, os vestidos eram mais fechados, não mostravam os braços (manga longa ou 7/8), com babados, blusas coloridas e com babados, saias rodadas e estampas coloridas e florais. Os acessórios como pulseiras, argolas, braceletes, anéis e correntes ainda são bastante frequentes no cotidiano, mas agora usados de forma minimalista, mais nas festas, ainda falam que usam ouro e pedras e que seus vestidos são bordados e de renda.

As roma seminômades que estavam em Rio Grande mantêm um estilo de vestir muito semelhante ao das mulheres da família de Pelotas, usando saias retas ou evasê, coloridas, usam vestidos retos, os acessórios são limitados a um pequeno brinco ou uma singela pulseira, os cabelos estão sempre amarrados geralmente em coque.

No final de fevereiro de 2019, em incursão etnográfica no grupo de Pelotas a Luíza e a Vó trouxeram algumas fotos que estavam guardadas, fotos bem antigas algumas de meados do século passado, outras que pertenciam ao pai de Luíza, que as encontrou quando o ajudou na última mudança de residência de seu pai. Neste dia, quando mostravam as fotos acabavam por mencionar as diferenças das tradições e da cultura, entre o tempo atual e quando os retratos foram tirados. Nas fotos, as mulheres estavam de lenços que cobriam a extensão do cabelo, algumas jovens roma de cabelos compridos, trançados e caído na lateral. Em uma das fotos aparece a Vó, muito jovem, de tranças e naquele momento contou: que naquela época não poderia usar o cabelo curto e solto, mas que até hoje mantém a tradição de usar o cabelo comprido e preso, mas não usa mais o lenço por não ser mais necessário, suas saias não são mais rodadas como antes e não tem mais os babados de quando era mais jovem, mas frisa que ainda usa somente saias longas, tentando manter o rodado. Relatou, que hoje as mulheres já estão usando calças, o cabelo curto (como a sua nora Luiza, que há tempos não o deixa longo como antes) e o lenço tornou-se um adorno dispensável, usado mais em festas.

Iniciaram, falando que antes as mulheres deveriam manter os cabelos longos, presos, trançados e deveriam usar lenços. As casadas principalmente, o lençol era adorno/ acessório indispensável a ser utilizados após a cerimônia conjugal, porém, agora (*nos tempos de hoje*) só usam caso queiram e geralmente é em festas (cerimônias de

¹³⁰ Entrevista realizada dia 23 de janeiro de 2019.

¹³¹ Entrevista realizada dia 23 de janeiro de 2019.

casamento e aniversários). Neste sentido, o lenço tornava-se um acessório, mais para além, uma marca que definia se a mulher era casada ou solteira, um traço de gênero.

O relato da mudança em utilizar o lenço, como transformação cultural também já havia sido apontado por Jéssica, que para ela essa é uma transformação, demonstra satisfação que não tenha que usar o lenço, ainda relata como forma de uma maior autonomia e liberdade da mulher.

Jéssica: É uma mudança, porque antigamente pode ver o estilo da vó, como é uma pessoa de mais idade ela é daquela tradição mais antiga. Antigamente andava de lenço, ou andava com aquelas saias rodada, hoje já não tem mais isso.

Antigamente tu ia numa festa, tu não podia usar o teu cabelo do jeito que tu queria. tu tinha **que usar aquele lenço que significa que és casada. Hoje já não, tu já anda com o cabelo solto se tu quiser cortar ele bem curtinho tu corta, isso daí não tem mais nada a ver.**¹³²

Em outro dia, Jéssica relembra a conversa que tivemos sobre a utilização de lenços pelas roma, neste momento pontua que não gosta e não usa lenços, mas está sempre de saias longas e com o cabelo preso (penteado rabo de cavalo).

Jéssica: E esse aqui é o famoso lenço que te falei que usam (mostrou no celular, no seu Facebook, uma foto de um casamento Cigano realizado no Uruguai, eles foram convidados para a cerimônia). Eu sou uma que não gosto e não uso.

Outro ponto, que estabelecem como mudança nos costumes é o casamento, assim como na reportagem do jornal em 1983, que algumas se casaram com brasileiros, e naquele tempo acreditavam que haveria mudanças culturais, que o casamento com não roma seria algo comum, o uso de calças e roupas mais curtas tomaria o lugar das saias longas, na escolha das vestimentas femininas. O grupo de Pelotas também indica que houve transformações, muito embora ressaltam que as mulheres roma não podem se casar com não roma, pois, caso ocorra deixam de fazer parte do grupo e não pode vivenciar mais as tradições. No entanto, os homens podem se casar com mulheres não roma, pois essas passarão a vivenciar a cultura romani e seguirão os costumes.

Pergunta: Se a cigana se casar com um brasileiro, como ela fica com o grupo?

Luíza: Ela sai e vai embora com ele, e isso é considerado a mesma coisa que ela estar morta. Ela não tem mais o convívio, não tem como ter um convívio eles enxergam o homem de vocês como um homem degenerado, claro que não é assim a gente sabe que não é assim, nem todos tem a mesma cabeça, mas eles consideram como um homem degenerado as atrocidades que eles vão vir falar pela maneira que eles tratam as mulheres que se deitam; qualquer criança fazem qualquer coisa então a malandragem do homem que fica com uma hoje e outra amanhã ai eles param e pensam assim, vai vir um para o meio da família da gente e vai se enjoar dela e vai querer outra e vai sair comendo a ciganada toda. E a questão do comportamento e da educação que aquela pessoa recebe não é aceite realmente não é, porque ele não vai respeitar. Tu vai numa festa cigana e eu estou casada contigo, tu que no caso seria o meu marido, não vai tirar uma outra mulher casada, nem uma mulher solteira para dançar tu vai dançar comigo, tu não vai olhar para outra mulher por uma questão de respeito ao marido dela e a tua esposa. isso é uma coisa muito exigido

¹³² Entrevista de 18 de dezembro de 2018.

e eles se cobram mesmo; até as vezes sem querer o homem dá uma olhada para uma pessoa para cumprimentar sem querer ela vai lá e pede desculpa para o marido dela, olha me desculpa eu me passei sem querer. Quando que um homem normal de vocês vai fazer isso? eu frequentei baile muitos anos com o meu marido, Degraus, a gente ia muito para dançar para se divertir e a gente via aquilo ali é uma atrocidade, porque uma beija aqui, daqui a pouco ela sai daquela boca e ta em outra é uma putaria horrorosa ali dentro. Tem gente que vai acompanhado e vai comportadinho, mas tem uns que Deus o livre e guarde. Tu parar, para pensar que o senso de liberdade de vocês é muito maior que o nosso.¹³³

Em média, os casamentos duram três dias e a questão da “pureza” feminina que se comprova pela virgindade da noiva, ainda é algo que tentam estabelecer e impor a mulher, porquanto aos homens não há essa cobrança. Os casamentos já não são mais arranjados entre os pais, mas o pagamento do dote ainda permanece e os casamentos são mais tardios, antes as meninas com 12 e 13 anos já se casavam, agora de modo geral é após os 16 anos. Como narra Luiza, o casamento constitui um momento de responsabilidade, desde jovens devem trabalhar e sustentar a família.

Eles se casam cedo, muito cedo, com 15 anos eles respondem por tudo, porque se tu pode dirigir, se tu pode praticar sexo, fazer filho, tu pode responder por tudo. Eles ganham tudo de bandeja, tudo, casa, carro, tudo de bandeja, mas eles têm que trabalhar para manter, os nossos com 12, 13 anos estão trabalhando, vão para escola, ajudam os pais, trabalham. Ele tinha 15 (aponta para o filho mais velho) e já tinha as coisas dele tudo, os carros dele, já tinha. Ele tem 20 anos, ele tem mulher, ele tem filho, e sustenta a família dele e tem um patrimônio que uma pessoa de vocês com 50 não vai ter, porque o meu filho sai para vender carro, fim de semana a garagem não está aberta, então ele vai vender muamba, colcha, cobertor, ele não para, um fim de semana para trabalhar e um para aproveitar com a família; é vergonha você correr atrás?! Vergonha é roubar e não poder carregar, vergonha é tu ser apontado como ladrão, tu dever e não ter para pagar; isso eles não pensam né?! Não tem. Ai vai aproveitar um fim de semana na praia e está devendo pro fulano, mas pra você gastar tem. Se parar, para pensar a questão do caráter do lado de vocês é podre é muito podre a gente morre de vergonha se estiver devendo para uma pessoa e eu vou comer, vou beber e vou sair e as vezes aquela pessoa não tem para colocar comida na mesa, porque eu estou devendo.¹³⁴

Em síntese, a partir deste conjunto cultural diverso, a partir do qual as mudanças se processam, é importante saber elementos que constituem a identidade romani e de que forma os sujeitos reconstroem suas subjetividades (o que foi tratado na categoria analítica em seção anterior), a partir desses novos ambientes sociais dos quais se inserem e passam a partilhar com a sociedade envolvente, neste intercâmbio cultural característico da sociedade atual. Estabelecendo, identidade e cultura são institutos que se relacionam, muito embora como uma questão de metodologia de análise estejam em categorias analíticas separadas.

Na intersecção cultural Romani, a tradição e a memória tem grande importância, quando falamos em cultura Romani. A quiromancia, leitura de cartas e tarot, práticas divinatórias são elementos de constituição que permanece na memória e constituição do

¹³³ Entrevista de 12 de dezembro de 2019.

¹³⁴ Entrevista de 12 de dezembro de 2018.

universo étnico romani, assim como a negociação e comercialização de objetos, o que antes era formado por carroças e cavalos, agora passam a ser os veículos que são comercializados, mas mesmo que se transforme não foi interrompido ou deixou de ser realizado. Muito embora que o exercício de algumas dessas práticas deixa de ser realizado nas ruas, lugares públicos. Trata-se de uma tradição (que tem um passado histórico), que pode ser recriada e reinventada na perspectiva de Hobsbawm, ponderando-se pelos relatos dos interlocutores:

Vó: eu caminhava na rua, faz uns 20(vinte) anos isso, fazia leitura da mão. Não vou mais, não saímos parte nenhuma [...].

A gente estuda para isso (leitura de cartas e quiromancia), do estudo a gente faz e tira as cartas e declara tudo, aprende dos velhos, antigamente eles (ciganas) andavam muito na rua, mas agora não andam mais, porque moram tudo em casa, hoje, tudo dependente dos maridos, vende um carro e já vai ao mercado comprar as coisas, é brabo. [...].

Elas não caminham... Quase ninguém. Têm muitas (ciganas) aí, que estão lá no calçadão, eles moram nas casas, mas eles vão ao calçadão, muito. Lá em Rio Grande tu vê elas?...são gente boa.¹³⁵

Jéssica: a gente já não faz mais a leitura (mãos e cartas) nas ruas, a gente faz em casa quando alguém tem vontade de vir ler a sorte, a gente lê, às vezes aparece e a gente faz, porque isso é uma coisa que Deus nos deu, a gente não pode parar de fazer isso, porque é um bem. Faz parte da cultura cigana.¹³⁶

Gerson: O homem não faz leitura de mão e carta, só a mulher, no caso é passado de geração em geração, mas não são todas que tem o dom. Vamos supor: a cigana mais velha da família, ela passa para alguémda família que vai continuar fazendo.¹³⁷

Quanto ao grupo de Pelotas, a quiromancia, leitura de cartas e simpatias ainda são realizadas pelas roma, mas não nas ruas e centro da cidade, mas em casas e consultórios em outras cidades, como Piratini, Herval, Rio Grande e São José do Norte, como faz Luíza. Deixam claro que são exclusivamente as mulheres que compartilham dessas práticas, pois os ensinamentos são passados entre as elas de forma geracional, de avó para mãe e filha. Trata-se de um código cultural, com significados simbólicos que embora tenham se transformado ao longo do tempo – sendo expresso em novos espaços – ainda são mantidos, fazendo parte tanto da constituição da cultura quanto da identidade da mulher romani. Como pode ser observado, no seguinte trecho:

Outra tradição milenar atrelada a existência das mulheres Roma é a leitura da sorte nas mãos, passada de Romi para filhas, e assim por diante. Existe todo um cuidado e respeito associado a essa prática ainda considerada sagrada em diversas comunidades ciganas. Nunca se terá feita uma leitura de sorte desempenhada por uma prima, feita da mesma maneira por uma gadjin.¹³⁸

Muito embora tentem manter suas práticas culturais e costumes, com o passar do

¹³⁵ Entrevista 12 de dezembro de 2018

¹³⁶ Entrevista 23 de janeiro 2019.

¹³⁷ Entrevista 23 de janeiro de 2019

¹³⁸ Texto extraído da postagem realizada pela página Ciganagens (Instagram), do dia 17 de janeiro de 2021.

tempo as tradições continuam e outras se reinventam, e a partir de novas interações sociais há formação de novos referenciais, reconhecimento e representações sociais, que por sua vez terão ligação com a construção e ressignificação das identidades.

Luíza: Os costumes vão acabar mudando mais, porque com certeza vai acompanhando de acordo que o tempo passa e não tem como evitar tu não consegue retroceder o tempo, isso não existe. Eles (ciganos mais jovens) vão continuar estudando e a gente não impede deles evoluíram e crescer como pessoa, não tem como. Diferentes de nós (mais velhos), porque eles já não vão viver só no meio dos ciganos, para estudar na escola vai ter dois ou três ciganos ali que vão estudar junto ou talvez não, o resto dos estudantes não são ciganos.¹³⁹

Vale frisar, que quando tratamos de memória em relação à construção da identidade (CANDAU, 2012), não se está essencializando determinado grupo, sendo importante observar que a identidade é negociada a todo o momento, assim há diferentes possibilidades de identificações, que estão sempre em construção, alteração e atravessamento. Nesta esteira, ratificando a importância da memória, das lembranças que constroem e reconstroem laços, na constituição das identidades.

Como pode ser observado, na seguinte matéria jornalística da década de 1980 (conforme figura 18) veiculado no Jornal O Globo, a chamada da notícia já começa entrecruzando entre tradição e modernidade, em breve síntese começa identificando – já em 1983 – a mudança nas tradições do viver itinerante e nas barracas a sedentarização, no morar em casas. Ainda, com a quiromancia na praça Quinze no Rio de Janeiro/RJ, porém já demonstrando que ocorreram transformações em sua visão de mundo e, assim nos ritos tradicionais.

As questões de falta de segurança e o temor de sofrerem algum tipo de violência nos acampamentos, segue como um dos fatores de não viver na tradição das barracas, assim como o grupo de Pelotas e de Rio Grande também indicaram anteriormente. Ainda, com o intercâmbio cultural e a produção das identidades em constantes fluxos, há a celeuma entre as roma que fazem parte de uma etnia e assim se autodesignam, considerando o fator nascimento, e aquelas que se introjetam de valores e passam a se identificar como mulheres roma e vivenciam certos costumes e tradições, o que as ciganas da Praça Quinze chamam de “*falsificadas*” (reportagem do jornal O Globo, figura 18).

O que elas utilizam como instrumento de diferenciação é a língua, a tradição da língua Romani, que aprendem desde muito pequenos, como presenciado na observação etnográfica, quando Jéssica conversa com seu filho de seis meses (na época) apenas em Romani, em sua língua mãe e primeira, como relatam. Para Derrida (1967) a língua mãe não é algo natural, mesmo que tenha uma significação na origem da fala, no monolinguismo o sujeito se vê, se percebe arraigado a uma língua maternal.

Em observação etnográfica, indicam que devem saber falar o Romani e depois o “*português de vocês*”, para que a tradição tenha continuidade. O que além da história

¹³⁹ Entrevista fevereiro de 2019

passada na oralidade, retoma memórias mesmo que o sujeito não as tenha vivenciado, uma tentativa de manutenção das tradições.

Jéssica - A nossa língua não tem estudo, né. É nossa tradição e da cultura cigana, tu entendeu? A gente não tem escrita. É assim, aprende a nossa língua primeiro e depois a brasileira, a portuguesa. A gente ensina a nossa primeiro, eles já entendem por que eu falo com eles cigano e ele entende porque eu chamo ele (referência ao filho de 6 meses) e começo a conversar, ele dá risada, já entendem.

A gente conversa na nossa língua. E acontece muitas coisas e as vezes a gente faz um almoço e convida os amigos brasileiros, porque a gente tem muitos amigos brasileiros. E começa aquela fala em cigano porque a gente já tem esse costume de falar em cigano e aquela pessoa fica, assim sabe, perdida que não sabe. Isso é um costume da nossa tradição, já nosso de conversar tu podes ver que vocês estão aqui, mas eu estou falando com eles aqui em cigano, mas isso já é o costume de nós conversar. É porque é a língua principal que a gente aprende é cigano. Porque no caso, nós só falamos a nossa língua, a gente só fala em português quando fala com outras pessoas brasileiras.

Na rua, tem gente que é mais curiosa porque fica perdido né; que língua eles estão falando? As pessoas ficam meio assim, sem saber, muita gente tem curiosidade de saber e de querer aprender.

Pergunta: Mas, é só cigano ou cigana para aprender?

Jéssica: É. Supor, pai para nós é água, para vocês é pai mesmo.¹⁴⁰

Luíza: O Dialeto eles continuam falando a mesma linguagem, a gente puxa muito entre nós a gente fala bastante a nossa língua, ai também não se perder, porque: muitos não falam a nossa língua, falam Português, até com os pais, eles não sabem até por uma questão dos pais não estimularem aquilo; então não falam e eles tem que ter uma obrigação falar 3 línguas são fluentes que é o português o nosso dialeto que é o Romanes e o Espanhol que, que para nós é fundamental, então todos são Trilingues, então eles tem que falar aquilo fluente, porque a gente troca muito a linguagem, a gente viaja muito para o Uruguai para veranejar e para passear, tem parentes. E o caminho da vinda para o Brasil foi por lá, né? Quando vieram da Europa foram migrando Argentina, Uruguai depois pararam no Rio Grande do Sul são poucas famílias que tem por aqui, a maioria é lá para cima.¹⁴¹

A língua Romani para os grupos surge como um traço de tradição cultural, que se sustenta na memória e na história, haja vista que não tem registro escrito, somente oral, o que necessita dos sujeitos, suas recordações e aprendizados de representatividade cultural para que seja mantida. No entanto, a tradição nômade está presente na língua quando o grupo de Pelotas relata a necessidade de falar mais de uma língua, que ser pelo menos trilingues é preciso para manter suas negociações, interações locais e em outros países.

As negociações comerciais, como ponto forte da economia e manutenção das famílias é um costume, tradição que é passada entre os homens, o que antigamente eram comercialização de cavalos e carroças, hoje se transformou em vendas de automóveis e motocicletas. Conforme SCHOLZ (2014, p.78), “as profissões ciganas típicas, como...amolador e comerciante de cavalos etc., não se tornaram obsoletas, mas ressurgiram, sob novas formas, como vendedor de automóveis, feirantes...”. As vendas

¹⁴⁰ Entrevista de 23 de janeiro de 2019.

¹⁴¹ Entrevista de 12 de dezembro de 2018.

de porta em porta, de utensílios domésticos ainda persiste, sendo que as mulheres também podem acompanhar seus maridos nesse tipo de venda e negócios, eram a realidade das situações que vivenciavam, também eram exímios ferreiros e artesãos como se verifica ao longo da história, além das questões do anticiganismo que acompanha as etnias e estimulava as inúmeras perseguições históricas. Como relata Luíza:

As vendas também são tradição nossa, começou tudo nas vendas dos tachos, dos cobres, e tu ser um negociante é um costume, não tinham alternativas tiveram que aderir esse tipo de coisa porque quem ia dar um emprego, para um cigano? Para, para pensar, não tinham estudo, não sabiam ler, escrever que que sabiam fazer? Ou era aquilo ou era aquilo as mulheres, eram mulheres coitadas que só viviam para a família, mulheres do lar mesmo como tu vê até hoje é raro ver uma mulher trabalhar fora muito difícil. Iam se empregar no que criatura, iam viver do que?! Umas pencas de filhos para sustentar os homens tinham que sair a trabalhar não tinha como.¹⁴²

A página no Instagram Ciganagens, por meio de seus participantes (sujeitos roma) escrevem textos no ciberespaço, por meio de postagens a todos e todas que tem acesso a essa rede social. No dia 08 de abril de 2021, como meio de celebração do dia Internacional Romani, manifesta de forma escrita a importância da memória e da identidade para a população roma. Ressaltando a importância da língua Romani e seus diversos dialetos, como tentativa de permanência e continuidade da tradição, assim tecem comentários para que a sua língua não seja difundida entre os não roma, apontando como forma de preservação de sua memória, identidade e tradição. Ao mesmo tempo, que advertem as diferenças das tradições entre as etnias romani, para que não seja generalizada, mas sim, respeitada cada particularidade, pois há um pluralismo de costumes que não podem ser vistos como um fator essencial das tradições, mas sim como transformações endógenas culturais que ocorrem com o maior contato com os outros contextos e sujeitos. Assim, corroborando como o objeto de pesquisa que está ocorrendo uma resignificação da cultura romani a partir do contato e comunicação com a sociedade adjacente, porém a publicação abaixo transcrita demonstra a tentativa de repisar suas qualidades étnicas como preservação de suas identidades e cultura, pontuando por meio da memória de seus significados tradicionais (a exemplo da língua).

Com isso, no dia de hoje gostaríamos de celebrar nossas identidades e memórias e a importância de uma pessoa não cigana não poder aprender uma generalização de nossas múltiplas línguas, é porque entre nós mesmos existe uma luta para não perdermos. Em suma nossas tradições são múltiplas, não existe uma forma geral de nada. Tudo munda de etnia para etnia, família ou comunidade. Havendo interferências regionais, territoriais, sócio econômica, miscigenações raciais que mudam todo o contexto de um determinado grupo ou pessoa cigana. Etnia demanda pertencimento, vivência, ancestralidade e retomadas coletivas. Etnia dispõe de valores tradicionais e lutas sempre coletivas, pois o que atinge uma etnia, atinge toda uma comunidade. Isso precisa ficar dito. Nesse 8 de abril, nas bodas de ouro do I Congresso Romani, lembramos que nossa dinâmica de primos também é internacionalista, pois ainda somos povos em diáspora. Reconhecer nossa diversidade é fortalecer

¹⁴² Entrevista de 12 de dezembro de 2018.

nosso povos, nossas caminhadas e nossa tradições. Opré Roma!¹⁴³

O que antes, não havia uma escritura, hoje com o advento da internet e das redes sociais, diversos grupos interagem e geram os mais diferentes conteúdos que passam a fazer parte do ciberespaço, nesse não lugar que pode ser ocupado por quaisquer sujeitos e representações. No caso, do Ciganagens o conteúdo posto em rede perpassa por uma relação de tradição, cultura e transformações, mas, igualmente, tenta trazer uma abordagem histórica em interação com a memória das etnias romani no tempo. Como, no caso do dia 27 de janeiro de 2021¹⁴⁴ (com 116 curtidas e nenhum comentário), em que fazem uma reflexão histórica buscando através da memória, o que foi vivido pelos Romani na segunda guerra mundial, essa data representa a liberação do maior campo de concentração usado pelos nazistas (localizado na Polónia). Nesse caso, usando da memória para que não caia no esquecimento o que foi o quase extermínio da população romani na Europa, operando na memória para que não seja olvidado esse fato histórico violento, carregado de anticiganismo, perseguições, tentativa de aniquilamento cultural e embasado na racialização¹⁴⁵ e eugenia. Ao mesmo tempo em que ressaltam a importância da memória para coletivos subalternizados, demonstrando outro caminho histórico diferente daquele contado pelos *gadjês* assim como Spivak (2010) acrescenta que a história não é única e tem várias dimensões e versões. Para eles, a memória é um ponto de ruptura, para que a história seja ressignificada e aqueles que estão as margens possam falar da sua forma e variações, como observa-se no seguinte trecho:

Guardar memória é importante para sujeitos coletivos subalternizados e racializados, pois a história considerada oficial e gadje, não dedicará linhas sobre nós. E sabemos muito bem como a invisibilidade é perigosa, ela cria uma marginalidade difícil de ser ressignificada. Guardar memória é essencial para desanuviar processos mistificados, pois o 27 de janeiro da liberação em Auschwitz, pelos soldados soviéticos, não houve povos Roma para serem libertos. Não sobrou nenhum.¹⁴⁶

Retornando, a questão da tradição do idioma, também vai sendo passada de uma geração para outra, respeitando os diferentes dialetos. Não tendo grafia, o aprendizado é de forma oral, nas conversas e na socialização das crianças ainda bebês, que começam a reconhecer a linguagem como a primeira língua, mesmo que estejam inseridos em outras realidades, em casa falam o Romani (com suas variações étnicas). O idioma também foi um ponto de segurança ao longo da história, para sobrevivência, segurança de sua integridade física e um modo de fechamento dos grupos como forma de preservação cultural o que os *gadjês* não tem acesso, até porque não tem escrituração.

No entanto, em abril de 2021 foi divulgado o curso de romani e o dicionário Romani – Português, vinculado a PUC – São Paulo, que seria ministrado por Nicolas Ramunsh, que se autodetermina romani da Etnia Sintí. Porém, as mais diversas associações romani se juntaram e sujeitos romanis para manifestarem repúdio e descontentamento com a

¹⁴³ Trecho transcrito da publicação feita pela página ciganagens no Instagram, no dia 08 de abril de 2021.

¹⁴⁵ No sentido de que o sujeito branco se entende como superior, para subalternizar, oprimir e até aniquilar outros sujeitos não branco. Nessa rota colonial.

¹⁴⁶ Trecho do texto publicado pela página Ciganagens no Instagram, com data de 27 de janeiro de 2021.

publicação de sua língua, frisando que para eles isso é vender sua tradição e cultura abrindo para os gadjês sua tradição que outrora foi um meio de segurança e ainda faz parte da construção de sua cultura e identidades, que: “*está oferecendo um curso online, no qual promete ‘ensinar’ e expor os nossos maiores patrimônios culturais: as nossas línguas e dialetos Ciganos, com tradução em português tendo fins notadamente comerciais*”.¹⁴⁷ Foi difundido pela página Ciganagens e pela Página Esmeralda Cigana, o manifesto, nesse sentido o ciberespaço foi utilizado como forma de articulação coletiva, na tentativa de resguardar a tradição e fechamento da cultura, segue o texto extraído da postagem:

Vamos dar um BASTA na deturpação da cultura e tradição do Povo Cigano! Fizemos um Manifesto com repúdio a cursos de Romanês (idioma Universal do Povo cigano) e Chibi (idioma Kalon), por se tratar do nosso patrimônio imaterial, além de só ser permitido o ensino de pai para filho CIGANOS. Denunciamos também a invencionice do 'batizado cigano', no qual alguns 'não ciganos' se fazem passar por ciganos e oferecem 'batizado e diploma' para 'virar' cigano. Isso não existe! Protocolamos via Ofício à Ministra Damares do Ministério da Mulher, da Família e de Direitos Humanos, Senado Federal (Presidência, Comissão de DH e Sen Telmário Mota) Câmara dos Deputados (Comissão de DH) e Ministério Público Federal (6a Câmara - Dr Luciano Mariz Maia). DENUNCIEM! Não sejam enganados! Ajude-nos divulgando para o maior número de pessoas! Contamos com vocês. Texto de Mirian Stanescon.¹⁴⁸

Esse curso e dicionário demonstram as alterações culturais que ocorrem quando os sujeitos Romani entram em contato com outras subjetividades e expressões culturais, antes a língua não tinha escrituração. Porém, nesse encontro de costumes, hábitos e condutas vai alterando códigos culturais mais antigos os ressignificando, haja vista que não há uma identidade ou cultura pura (BHABHA, 1998). A realização do curso e sua divulgação na internet foi o que mobilizou os grupos, pois manifestaram sua preocupação de como a cultura e a tradição da língua iria espalhar-se e o acesso aos não romanis, pois Nicolau Ramush que ofertou o curso, já lançou em 2014 o livro Guia Prático Romani Português, que apresenta uma base histórica sobre genealogia e desenvolvimento do idioma Romani, além de apresentar a conjugação verbal.

Da postagem feita pela Página Ciganagens (Instagram) tiveram 239 curtidas e 15 comentários, pode se observar que destes comentários seis são de sujeitos que se autodeterminam romanis, um pesquisador e o restante são de pessoas que seguem a página, todos os comentários são de apoio ao repúdio. Um comentário de pessoa (@hey_incendio_) que se identifica como não romani, que tem vontade de aprender o Romani, porém não compactua com o curso por achar que somente romanis devem saber a língua e entende que é uma forma de proteção.

Da postagem feita na página Caravana Esmeralda Cigana, que é administrada por uma das interlocutoras (Rose Winter), teve apenas uma curtida e nenhum comentário.

¹⁴⁷ Texto extraído da postagem do grupo Ciganagens no Instagram, com data de 08 de abril de 2021, a postagem na íntegra segue nos anexos.

¹⁴⁸ Publicação da Página Caravana Esmeralda Cigana, com data de 06 de abril de 2021. Segue anexo, a publicação na íntegra. Mantive na transcrição as palavras com as letras em caixa alta, conforme está na publicação.

No entanto, que se trata de uma “repostagem”¹⁴⁹ que está vinculada à página da romani Mirian Stanescon¹⁵⁰, que é advogada e assinou o documento de manifesto, nessa página virtual o acesso foi maior contando com 136 curtidas e 39 comentários, que giram em torno de apoio ao manifesto e de repúdio ao curso, somente quatro comentários foram realizados por sujeitos que se autodeterminam Romani. No manifesto, demonstra que o idioma é passado de forma geracional servindo de segurança étnica e memória de sobrevivência, ao anticiganismo e, também, de sua ancestralidade. No documento, foram signatários 39 entre comunidades romanis, instituições, associações e federações, no Rio Grande do Sul foram dois signatários: a Associação Ciganos Itinerantes do RS de São Leopoldo, a presidente é a Rose Winter e a Federação Cigana do Rio Grande do Sul de Passo Fundo, o presidente é Roberto Nicolau.

Esses grupos, como forma de articulação buscam uma expressão junto a outros grupos romanis, para que se mantenham algumas tradições e manifestações culturais mais fechadas e restritas as etnias Romani. Nesse sentido, as transformações da cultura estão acontecendo, com isso também, mais sujeitos vão simpatizando e introjetando seus elementos culturais, tendo em vista a fluidez e o jogo das identidades. O que acontece com o dicionário Romani e o curso é o espraiamento de sua língua e dialetos, o que antes não havia codificação, com o contato que sujeitos Romani passam a ter na sociedade envolvente, seja no ambiente educacional, de trabalho e entre outros, aproximam-se de representações culturais de outros grupos e são influenciados. O “ensinar o Romani” surge como uma transformação cultural expressiva, por sujeitos sedentarizados, pois haverá uma maior abertura e acesso de outros sujeitos na tradição da língua, que hoje se apresenta como o traço cultural mais arraigado do antes, que estão na memória, na história, na oralidade através do que é passado no seio familiar. Desta forma, a língua é o elemento que se mantém com menos transformações, no sentido de aprendizado, pois mesmo para aqueles sedentarizados aprender o Romani é feito em casa/barracas/acampamento, como sua língua mãe e primeira desde o nascituro. O ensinar a língua para os não romanis apresenta-se como o rompimento do último fio cultural que os diferencia e os mantém coesos como unidade de grupo. Em suma, a história e as tradições são passadas dos mais velhos aos mais jovens, nesse lastro de memória que é identificado na observação etnográfica e nas entrevistas narrativas.

A partir, dessa relação das dinâmicas culturais importante o espaço virtual, para compreender uma nova realidade possível para esses sujeitos, então a partir daqui passamos a explorar mais detidamente os dados coletados no ciberespaço, em relação às articulações culturais dos grupos Romanis nas páginas que foi realizado o campo netnográfico. O ciberespaço é o não lugar, não há território, as interações são virtuais, o acesso é globalizado, algo que é local e regional pode ganhar repercussão em diversas partes do globo, assim como as relações sociais os sujeitos de diferentes partes do mundo interagem no espaço virtual, nas mais diversas trocas culturais que se tenha

¹⁴⁹ Publicar ou compartilhar em suas redes sociais postagem ou texto que foi postado e publicado por outra pessoa em suas redes sociais.

¹⁵⁰ A cigana que serviu de inspiração na telenovela brasileira Explode Coração, da década de 1990. Foi tratado desse assunto, no capítulo 1 dessa dissertação.

acesso, uma dinâmica transnacional, que transcende fronteiras e limites geográficos.

A página Ciganagens no Instagram e a Página Esmeralda Cigana no Facebook dedicam boa parte de suas postagens voltadas as questões que envolvem cultura e tradição das etnias romani, com alguns textos voltados para história, memória e anticiganismo. O período de realização da observação etnográfica confluiu com o período de pandemia do COVID-19, nesse sentido as duas páginas publicaram sobre o assunto questões de acesso a benefícios e políticas sociais, como o auxílio emergencial e o impacto do Coronavírus nas comunidades romanis, o que afetou a comercialização de seus produtos e meio de sobrevivência, as comunidades que ainda vivem o nomadismo, tendo em vista as questões de distanciamento social. Essas foram problematizações e assuntos trazidos para o espaço virtual, como forma de articulação e denúncia da situação que alguns grupos atravessaram e atravessam, que foi agravado pelo período pandêmico.

Por outro lado, as postagens e textos que versam sobre a cultura roma são os mais divulgados entre as duas páginas. Ao mesmo tempo, que tratam de estabelecer critérios de fechamento da cultura, como forma de prevenção da exposição de suas tradições e costumes, para que os não romanis não tenham acesso aos seus códigos, representações e significados, uma tentativa de conter o espraiamento.

No entanto, o ciberespaço é um ambiente de fluxo, multiplicidade das relações, ressignificações de identidades e formação de tribos (MAFESSOLI, 2017) e comunidades. A fluidez identitária e cultural surge como um fenômeno pós-moderno e a comunicação em redes de tecnologia também, não caminham em posições antagônicas, as tecnologias, o acesso a mídias digitais televisivas que se desenvolvem na internet servem de arcabouço e munição para a fragmentação da identidade (HALL, 2006)) e o hibridismo cultural (BHABHA, 1998).

Entenda, ao mesmo tempo em que a página Caravana Esmeralda Cigana faz uma postagem na rede social, no sentido de denúncia que “*cigano não é religião*”¹⁵¹ (trecho abaixo transcrito) e a cultura romani não deve ser absorvida por religiões de matrizes africanas – pois a leitura de cartas e tarot é uma tradição milenar roma – as romanis da reportagem da praça Quinze no Rio de Janeiro e as de Pelotas admitem frequentar centros de religiões de matrizes africanas, de ter dom mediúnico e jogar búzios, esses elementos pontuais de religiosidade afro-brasileiras, ou seja, o intercâmbio da cultura e da identidade também está em confluência em ambos os polos.

Não adianta explicar quando as pessoas não querem entender... tão pouco argumentar quando elas já tem a opinião formada...preconceitos e pré-conceitos! Mais uma vez, não existe iniciação cigana simplesmente porque cigano não é religião...somos perseguidos e rotulados por pessoas que nem sabem o estão dizendo, conhecem tanto de religião e ao mesmo tempo não sabem nada! Que pena!!!! Conheçam-nos antes de julgar-nos! Que Deus e Santa Sara Kali abra os olhos e os corações destas pessoas. Optchá. Beijos iluminados¹⁵²

¹⁵¹ Está frase consta na postagem realizada por Rose Winter, que encontra-se no anexo.

¹⁵² Texto extraído da publicação na Página Caravana Esmeralda Cigana no Facebook, com data de 1 de maio de 2020. Segue anexo, a postagem na íntegra.

As postagens abaixo, como referência a “Cartilha Ciganagens” é uma série de textos informativos que busca uma reflexão do que entendem como apropriação cultural, estabelecendo critérios de como conseguir perceber as nuances de seu acontecimento. A primeira série de texto em lâmina disponibilizadas na página data de 25 de outubro de 2020, com 252 curtidas e 28 comentários (entre romanis e não romanis), uma escrita bem direta e pontual, com uma ilustração de dança e música Romani na primeira lâmina de apresentação, a parte escrita foi produzida pelos organizadores da página Sara Macedo, Roy Rogeres e Dan. Nesse aspecto, de articulação para manutenção da cultura e identidade étnica, ao mesmo tempo em que tentam combater arquétipos e estereótipos quando se idealiza o sujeito romani. As postagens servem como forma de diferenciação e fortalecimento cultural, no sentido de identificarem o espraiamento da cultura, e com os textos há uma articulação e uma convocação para que os grupos roma que tenham acesso a essa rede social fiquem atentos e mantenham sua cultura dentro de suas cercanias étnicas e tradicionais e não abra aos gadjês. Como pode ser observado no seguinte trecho:

Os povos Romá não tem visibilidade ampla para combater isso. Nosso entendimento, é possível perceber o uso comercial das culturas ciganas, sobretudo, relacionados à espiritualidade e religião, amplificados com o uso das mídias digitais, e ainda mais ampliado no atual contexto pândemico! Prometem mundos e fundos, se fantasiam completamente de nós, criam ambientes impressionantes, mas por trás das máscaras quem são? Personagens? Espiritios? Quem são essa pessoas? Brancos? Brancas? Quais as reais identidades? Essas questões ficam evidentes para seguidores, clientes, amigos? Como é ganhas oceanos de dinheiro se fantasiando de cigana ecigano e fingindo ser um de nós? Sobre a ciganologia (estudos ciganos) Cristinha da Costa Pereira (2018) afirma que a “ciganologia só adquire sua plenitude como ciência quando os ciganos escrevem sua própria história”. Nós concordamos, e estamos aqui para fazer isso!¹⁵³

O trecho acima, também demonstra a fragmentação da cultura e que cada vez mais sujeitos se introjetam de valores e tentam compartilhar as visões de mundo dos estilos de vida e representações Romani, o que acaba pode fortalecer a estereotipagem cultural. Porém, como pontua Hall (2006; 2016) e Bhabha (1998) a cultura é traduzida e interpretada por diferentes sujeitos que acabam por introjetar valores, posturas e heranças culturais em uma polissemia cultural, tendo em vista a globalização, a diversas redes (em espaços delimitados e virtuais) o que acarreta o imbricamento das identidades e das culturas.

Na segunda parte da “Cartilha Ciganagens” Apropriação cultural Folclore e fantasias romani, com data de 13 de fevereiro de 2021, o que seria no Brasil a época carnavalesca, com 163 curtidas e 25 comentários entre romanis e não romanis, texto escrito pelas organizadoras da página Sara Macedo, Marcilância Alcantâra e pelo administrador Dan. Com uma temática de folclorização da cultura e das tradições, ao mesmo tempo em que pontuam uma exotividade em torno das roupas, principalmente

¹⁵³ Texto extraído da publicação da Página Ciganagens no Instagram, com data de 20 de outubro de 2020.

das mulheres roma. Para desconstruir ideia de folclore, pois entendem que só vai de encontro às ações afirmativas que constituem a cultura e a identidade roma e acaba por reafirmar estereótipos culturais e a sua marginalização, por fim deixam seis tópicos para combater a apropriação cultural através de suas visões como romani, uma relação de poder e imposição observado na relação colonial, que acaba por cair na exotização da cultura e a torna rentável e essencializa identidades, no trecho abaixo extraído da publicação há um passo a passo para que os não romanis entendam uma forma de combater essas condutas, segundo a percepção do grupo:

Como combater: Não se fantasiar de pessoas ciganas; Não criar personagens e caricaturas; Ouvir e refletir o que pessoas das etnias tem a dizer; Somar as lutas antiracistas; Potencializar nossa vozes e visibilidade Não nos associar a mitos/folclore.¹⁵⁴

Quanto aos processos de exotização (SAID, 1990), ainda mais no meio virtual, serve de aporte para os fenômenos de estereotipagem da cultura e das identidades e o efetivando, determinando arquétipos de imagens de grupos e povos – o orientalismo – nesse sentido demarcando as relações de poder e subalternizando esses grupos nessa relação. Essa exotização insere uma representação simbólica estereotipada em determinados grupos e/ou povos. Ao mesmo tempo, que essa estrutura simbólica representada no que é exótico passa a ter um valor mercantil. Como pode ser observado na postagem (texto abaixo) na página Caravana Esmeralda Cigana, que aponta a venda de dança romani pelos gadjês, a chamada do curso é ilustrada com lenços, mulher com saias e moedas, sensual, utilização de imagem de Santa Sarah de Kalli (Santa Padroeira dos Povos Romanis), na imagem vinculada na internet já expede uma série de símbolos e significados que remetem a cultura tradicional roma, no sentido de avalizar o consumo cultural, com iniciação dos sujeitos para que possam vivenciar a identidade e a cultura romani projetada, à venda do curso foi vinculada na internet com postagens para atrair o público em geral.

Vamos lá! Repúdio. As duas "modalidades" da cultura cigana. A realidade milenar de um povo cigano, com culturas, costumes e tradições. E a aculturação de oportunistas que só alimenta os estereótipos que nos Ciganos sofremos por causa de atos interesseiros e maldosos, ao venderem o que não os pertencem o que não os conhecem e pregam fantasias e mentiras que nos prejudicam enquanto ciganos. A realidade do nosso povo é bem outra, não podem frequentar ambientes públicos ou privados que são investigados ou colocados pra fora chamados a atenção por autoridades acionadas pelas próprias sociedade. Eventos como esses aí, maioria do povo cigano não tem nem conhecimento de tal, por vários motivos um deles é acesso a educação. Repudiamos, a aculturação de pessoas que se aproveitam de nossa Cultura, passando para a sociedade mentiras de nosso povo cigano, com batizados ciganos: ISSO NÃO EXISTE!!! Somos um povo que roteia e habita em todo território brasileiro e fora dele também, em todo país existe povo cigano. Cigano não é uma religião é uma etnia que tem costumes, que tem tradição que tem cultura. Estão vendendo que de nós é mais precioso: nossa identidade. Isso é crime é violação! Aí segui um pouco do comércio e da realidade do povo cigano de muitos dos "comerciantes" dessa cultura milenar. Pessoas que pensam que ser cigano é vestir uma saia, dançar coreograficamente,

¹⁵⁴ Trecho extraído da publicação da Página Ciganagens no Instagram, do dia 13 de fevereiro de 2021.

ter a audácia de dar cursos ciganos, certificados ciganos, curso de tarô, cartas ciganas... A cultura cigana as cartas à leitura de mão é um dom que nascem com algumas das mulheres Ciganas e não um curso. E quando não ciganas, e sim simpatizante, eu falei simpatizantes essa prática estar errada de vender uma cultura que não é sua, que só vem aumentando o preconceito contra um povo sofrido pela sociedade racista. O povo cigano respeita, é parceiro e pedem o mesmo para com seu povo sua história, assim como demais etnias e segmentos, o povo cigano que pode ser protagonista de sua história de sua cultura e sua realidade "nua e crua"!¹⁵⁵

Portanto, a partir das articulações no ciberespaço, forma-se um senso de comunidade que antes era percebido quando os grupos utilizavam as barracas, montavam seus acampamentos e mantinham a itinerância, o nomadismo tradicional no espaço virtual. Em que articulam seu lugar de fala e podem apresentar suas visões de mundo e a história com o olhar das realidades vividas pelos sujeitos, corroborando com Spivak (2010) quando trata dos subalternos mostrar os vieses da sua história com sua narrativa afastando a leitura através da interpretação dominante no contexto colonial que traz os apagamentos e invisibilidade de minorias fragilizadas, a história não é uníssona. As identidades, também absorvem ao mesmo tempo influenciam o meio que os sujeitos estão inseridos; também, a cultura é uma metamorfose, um processo de criação e reinvenção uma construção a partir da análise intersubjetiva de interpretação (WAGNER, 2010), o que demonstra a dialética da cultura que ocorre em um processo muito mais rápido no ciberespaço.

¹⁵⁵ Texto extraído da publicação da página Caravana Esmeralda Cigana, do dia 04 de maio de 2020, o texto foi originalmente publicado pela ASCOCIC (Associação Comunitária dos Ciganos de Condado), em 04 de maio de 2018, em anexo a publicação na íntegra.

5 - Considerações finais

A presente dissertação teve como escopo analisar as ressignificações da cultura e da identidade romani, a partir dos processos de transição do nomadismo para o sedentarismo, principalmente de grupos no Rio Grande do Sul, com foco nas cidades de Rio Grande e Pelotas, como forma secundária utilizou de dados netnográficos para dar arrimo as questões identitárias, culturais e suas articulações em novos contextos, como o ciberespaço. Os conceitos de identidade e cultura foram de suma importância para compreensão dessas dinâmicas, em consonância com as noções de nomadismo e sedentarismo articuladas.

Quanto os matizes teóricos, com afincos nos pós-coloniais e estudos culturais, no sentido que as identidades diaspóricas não desaparecem ou tornam-se uma só possibilidade essencial e única, ao contrário, não há uma só possibilidade, e sim inúmeras alternativas. Nesse sentido, verifica-se o caráter dinâmico da produção das identidades e as imbricações das diversas culturas, ainda mais nesse espaço de trânsito de informações e comunicação observáveis no ciberespaço, as barreiras acabam ruindo e os fluxos transcorrem como em um encontro de águas – só que no plano social – o encontro de identidades e culturas na formação das subjetividades em interação. Observando-se os deslocamentos do sujeito na pós-modernidade, as identidades mudam a partir da globalização quando entram em contato com outras estruturas sociais, decompondo a ideia de unicidade e identidade cristalizada (HALL, 2003,2006; GILROY, 2001).

Para compreender, o processo de transição da vida nômade para o sedentarismo, o capítulo II trouxe as perseguições aos grupos romanis no decorrer da história, retomando a hipótese de que as constantes perseguições e o anticiganismo contribuíram para o nomadismo desses coletivos. Então, a partir da revisão bibliográfica e da análise dos dados tanto nas entrevistas, na etnográfica e na netnografia (das próprias postagens produzidas pelos romanis nas páginas analisadas), chegou-se à conclusão que as perseguições, desencadeadas pelo anticiganismo (Racismo em desfavor dos Romani), conflitos e imagens identitárias estereotipadas contribuíram sobremaneira para que os grupos se mantivessem em constantes fluxos e circulação, o que foi uma variante atuante na criação da tradição nômade, com isso confirmando a hipótese. Evidenciou-se, que se tratava de uma situação (nômade) para preservação da segurança física, de sobrevivência e de continuação do trabalho, sendo que a economia dos grupos necessitava do movimento, seja na venda de utensílios, na leitura da sorte em praças e lugares públicos, na venda de animais (como cavalos), arte da música e dança e no trabalho manual como artesões e ferreiros.

Ao abordar os aspectos da memória (HALWBACHS, 1990; CANDAU, 2012), para estabelecer que quando tratamos de grupos Romani pensar identidade e memória de forma separada é quase que um desafio, pois tanto a formação da identidade coletiva dos grupos, bem como a identidade mais individualizada entrelaça-se com a memória.

Muito embora, utilizamos a teoria pós-colonial o que não inviabiliza as questões e teorias da memória, não se está dizendo que a identidade é essencial por suas tradições e costumes, mas essa nuance da identidade também é ativa na constituição das identidades desses sujeitos. Como pontua Bhabha (1998), que a diversidade cultural e o multiculturalismo nascem a partir das heranças culturais anteriores que vão se alterando na dupla inscrição cultural (marcado por seus deslocamentos, evasões, imigrações). Haja vista, que ao tratar de cultura e tradição roma estar-se-ia falando em processos de transmissão oral e, por meio das lembranças que vai se vislumbrando de geração em geração. Neste sentido, a figura dos romanis e mulheres romanis mais velhas é tão respeitada e notável em cada grupo, como detentores e transmissores das memórias coletivas.

Todavia, se verificou que o nomadismo é parte marcante da trajetória Romani, como observado compulsando os aspectos históricos do tema, sendo elemento cultural marcante, mas o que outrora se mantinha pelos constantes fluxos geográficos, hoje está na memória dos sujeitos e é passado na oralidade, na subjetividade. De tal modo, que o nomadismo não determina o que é ser romani, podendo ser uma visão de mundo de determinado grupo. Por outro giro se fixar não é abandonar a cultura, absorvendo outra. Restando claro, que a cultura está sempre se transformando, não podendo ser concebida como algo estático e rígido. Com os processos de sedentarização em determinado espaço não se está falando em quebra com o tradicional mesmo que a prática do nomadismo não seja mais realizada, trata-se de uma alteração e uma nova forma de se relacionar com meio social adjacente.

Com a análise dos dados, por meio dos relatos dos interlocutores e da etnografia, verificou-se que o nomadismo expresso na oralidade tradicional é uma forma de manter certa itinerância para que as gerações mais novas consigam vislumbrar de alguma forma: seja nas histórias que os mais velhos passam aos mais jovens, ou em conservar a barraca (mesmo que guardada) e em acampar nas festas e casamentos, parece que essas são algumas maneiras de manter seus símbolos culturais (GEERTZ, 2008) de manter um estilo de vida que os levou até o contexto em que se inserem hoje.

Importante nesse aspecto, o significado simbólico da barraca exposto e representado na estrutura da casa, o nomadismo é um signo cultural, que se resignificou quando sedentarizados, não deixou de existir, mas o modo que vivenciam foi alterado e está presente na subjetividade na construção dos sujeitos e não mais em um aspecto material de trânsito, resignificando esse signo e demonstrando sua transformação na cosmologia de seus espaços, no sentido de comunidade que mantém no convívio diário. Quando relatam que vão acampar em barracas ficando em camping no período de férias (escolares e trabalho) demonstra aproximação com estilo de vida e situação que quaisquer famílias podem praticar, seja ela romani ou não. O que corrobora o contato e inserção desses coletivos em novos espaços e compartilhamento de rotinas e hábitos comuns.

Entretanto, da transição do nomadismo para o sedentarismo alguns marcadores surgiram ao longo da análise dos dados, como: segurança, dificuldade e conforto

aparecem nas narrativas dos interlocutores. O grupo de Rio Grande pontuou a insegurança e o medo de viver em barracas, como ponto importante para alugar um imóvel e residir durante sua estadia na cidade (em um lugar fixo). Nas narrativas, dos interlocutores do grupo de Pelotas, pontuam: dificuldade, conforto, acesso a tecnologias, saneamento básico e privacidade como elementos importantes no sedentarismo (fixação), ainda acrescentando que o viver nas barracas os torna mais vulneráveis e suscetíveis nas relações de conflito e preconceito, pois as barracas em acampamentos os identificam como romani, as vezes acarretava interações sociais mais tensas.

No grupo Kalderash de Pelotas o processo de sedentarização é marcado pelo tempo em que criaram seus laços de afeto, domínio e estabilizaram um lar com base na antiguidade, por chegar primeiro e começar sua habitação segundo sua visão e costume, porquanto as casas edificadas após sua chegada recriaram na mesma lógica arquitetônica o espaço por eles desenvolvido. Ainda, a rua a que residem é conhecida como “a rua dos beduínos”, porém neste ambiente não se sentem invisibilizados ou diminuídos com a conotação da palavra “beduínos”, pelo contrário, experimentam o equilíbrio de poder¹⁵⁶. O grupo Calon de Rio Grande, mesmo que ainda mantenham certo trânsito entre cidades, a predominância é de fixação mesmo que de forma mais dinâmica.

Com o sedentarismo, observa-se que a cultura espraiasse e fragmenta-se, internalizando-se novos subsídios culturais desenvolvidos na interação com a sociedade envolvente, demonstrando a hibridização dos signos (BHABHA, 1998), como no caso dos símbolos e elementos advindos de religiões afro-brasileiras pelas romanis. Assim como a cultura é fragmentada (GEERTZ, 2008), a identidade também passa a ser transformada a partir das novas sociabilidades e do envolvimento com outros sujeitos, mas ao passo que é alterada também é transformadora e cada vez mais os indivíduos se identificam com diferentes culturas e ocorre o hibridismo que gera novos elementos possibilitando a multiplicidade de identificações.

Quanto às relações sociais, as interações tensas e conflituosas foram observadas, e constatado que o processo de sedentarização não tem o condão de extingui-las, porém os sujeitos sentem-se mais seguros e resguardados, conforme suas próprias narrativas. Os conflitos, por vezes, acabam por fortalecer as identidades grupais, haja vista que substanciam sua cultura, por exemplo, expressão da língua/idioma. Exemplificando, a interlocutora Luiza pontuou que fora do espaço de sua casa enfrenta interações conflituosas, mas utiliza as tensões como forma de fortalecer sua identidade individual e coletiva – já aparece a negociação da identidade nesse aspecto na tradução e transmissão de sentidos (BHABHA, 1998), na diferença e na similaridade – e relatou: “coitados... não vou parar de falar, de conversar com alguém que está comigo, na minha linguagem porque o guarda ou segurança estão ali”. Por óbvio, não há somente relações tensas, há estabelecimento de laços mais brandos que criam amizades e um convívio mais suave com vizinhos, colegas de trabalho e de religiosidade estreitando vínculos com os “não romanis”, seja no ambiente escolar e arredores, o contato se amplia.

¹⁵⁶ Elias, 2000.

Hoje, vivemos um momento em que, as interações sociais passam a acontecer em um ambiente digital, o que antes era face a face, hoje pode acontecer diante de uma tela de computador e celular, estando mais dinâmico e há a diminuição das distâncias o acesso é cada vez mais rápido e a um clique do outro.

No capítulo IV, tratou-se das categorias analíticas a partir dos dados coletados, da organização e sistematização e com arrimo na teoria proposta duas categorias surgiram, sendo elas: a) identidade e ressignificação; b) cultura e transformação. Com as categorias analíticas foi possível analisar que a identidade romani se ressignificou no processo de transição para o sedentarismo e com o contato com outros sujeitos se tornou possível, na alteridade se reconhecem e partilham sentidos e interpretações o que aumentou a comunicação com outras formas de visão de mundo, ocorrendo a hibridização dos signos, na formação dos sujeitos no entre lugares na diferença e na similitude (BHABHA, 1998). Observou-se a alteração das representações e símbolos culturais, com a sedentarização a cultura espraia-se e fragmenta-se, os sujeitos passam a ser influentes nas culturas das realidades locais e do mesmo são influenciados pelos estilos de vida da sociedade vicinal. Ainda, a memória e a história são elementos influentes na construção da identidade e na cultura romani, remontam lembranças e servem como subsídio de conexão entre os sujeitos e reafirmam a identidade coletiva. Com os dados coletados no espaço virtual se verificou que a cultura romani se espraia ainda mais, como sujeitos introjetando os seus elementos culturais, com exotização da cultura e uma tentativa dos sujeitos de fechamento dos aspectos tradicionais como forma de manutenção e preservação cultural.

Então, após todo o exposto se pode afirmar que as transformações e ressignificações da cultura e a identidade romani estão ocorrendo, que a sedentarização vivenciada por alguns grupos esta intrinsecamente envolvida nessa alteração. Mas, de que forma está ocorrendo?

Primeiramente, o anticiganismo desvelado ao longo da história era impositivo para o nomadismo roma, o que acarretava as evasões e os constantes fluxos, comprovando-se no capítulo II no levantamento bibliográfico, mas os interlocutores nas narrativas apontavam as celeumas com não romanis quando viviam em acampamentos, todos frisaram essa questão, nas publicações realizadas pelos sujeitos o anticiganismo aparece como fonte de embasamento para o nomadismo também. Ainda, o sedentarismo é uma comprovação de alteração de signo cultural, ou seja, a tradição nômade transforma-se, o seu significado é modificado tendo em vista que a sua representação passou a ser outra, que podemos verificar: na oralidade de como montar a barraca (os mais velhos buscam na memória e passam aos jovens), de manter a barraca em casa (a qualquer tempo pode ser erguida, em tom de liberdade de trânsito), o espaço aberto em modo de reprodução de ambiente livre (sem paredes que delimitam).

A identidade Romani se constrói no nascituro, se edifica na infância, no aprendizado da língua e se amplia na adolescência com o matrimônio (aqui há o fortalecimento de costumes e continuidade das regras), mas nessas etapas eis que ocorrem o contato com a realidade gadjê, dessa forma fortalece sua identidade na

alteridade, com o outro em diferença e similitude, transformando seus sistemas simbólicos e influenciando outros sujeitos em interação, em fluxo identitários de trocas simbólicas que ocorrem em duas vias. Na realidade que vivenciam hoje, estudam, trabalham, casam mais tardiamente, os casamentos não são mais arranjados entre os pais dos nubentes e podem escolher seus companheiros/as (o dote ainda aparece como tradição matrimonial para o grupo de Pelotas), frequentam a escola e universidade, o que outrora era muito difícil que se mantivessem no sistema educacional, o que Luiza indica como uma mudança porque os mais idosos são geralmente analfabetos (o que pode ser constatado durante a etnografia).

Outras alterações foram identificadas, como a participação em centros de umbanda e em contato com outros sujeitos de mesmo credo, mesclando seus signos com outros como o jogo de búzios que é manifestamente característico de religiões afro-brasileiras. Trocam os espaços públicos onde faziam suas práticas divinatórias por consultórios para atender seus consulentes em lugar delimitado, muito embora por vezes transitam entre cidades para manter os atendimentos. Isso acaba por ser uma diferença entre grupos romani, pois ainda há algumas romanis como as que se estabelecem na cidade do Rio Grande que ainda praticam a quiromancia e a leitura de cartas nas ruas, em ambiente público, o que surpreendeu a Vó (membro do grupo de Pelotas) em saber que haviam romanis na cidade vizinha e que ainda mantinham a leitura de mãos nas ruas.

Na alimentação (a comida) aparece como um ponto de transformação, principalmente entre os mais velhos esse relato é mais difundido, estabelecem que agora os mais jovens não gostam de comida romani e preferem “comida de brasileiro”, que seria o consumo de arroz, feijão, frituras e fast food. O hábito alimentar sofreu alteração, pois outros hábitos alimentares foram incorporados ao cotidiano, Jessica narra que os idosos reclamam das comidas que são feitas tendo em vista que está diferente. Argumentam que até nas festas a comida servida não é romani como antes e que as festas de agora mantêm as ritualísticas próximas das festividades comuns na sociedade adjacente, quando falam das músicas, comidas e bebidas servidas.

A utilização do lenço pelas mulheres é outra tradição em metamorfose, antes as mulheres casadas deveriam usar lenços que representava a transição de solteira para casada, um símbolo representativo, porém hoje não há obrigatoriedade e as romanis usam caso queiram, sendo mais usados nas festas que participam. As saias rodadas e estampadas, já não são usadas pelas jovens mulheres romanis, as mais velhas ainda as usam; as roupas mais curtas são permitidas e difundidas entre as romanis mais jovens, que na escola usam calças e uniforme, o que entre as romanis mais velhas informam que quando iam à escola deveriam manter o uso de saias.

Nessas mudanças identitárias e culturais, o ciberespaço surge para a população Romani, como meio de diálogo entre as etnias na tentativa de preservação de algumas tradições, assim como forma de articulação para se proteger o acesso dos não romanis as suas principais tradições, exemplo da língua/idioma. E, desta forma geracional vão reconstruindo seus fluxos e costumes, sendo uma forma de sustentar a cultura nestes

novos contextos, o que também é uma tradição roma, haja vista que sua história não é escrita, mas contada. Servindo também, como tentativa de manutenção da identidade e construção de sua subjetividade.

Porém, com o dinamismo característico desse meio virtual, as identidades vão se entrecruzando, ao mesmo tempo em que se fragmentam e partilham de aspectos comum, mas uma unidade de identidades não é concebida a partir da sociedade pós-moderna. Ao mesmo passo que as tradições acabam mudando, as identidades étnicas acabam por sofrer os processos de influência, considerando a globalização como elemento importante e as novas sociabilidades que vão se estruturando em outros ambientes, contextos e realidades.

Os sujeitos cada vez mais vão se introjetado aos mais diferentes aspectos culturais e identitários – como o caso da mulher que procurou a interlocutora Rose, para avaliar sua identidade roma, que segundo ela adquiriu em um centro religioso, mas necessitava que fosse avaliada e tomasse representatividade social (entre não romanis e romanis) – e, assim vão criando suas subjetividades, ao mesmo instante que entram em relação social virtual e vão formando suas comunidades digitais, por afinidades. Nesse aspecto tanto a sociedade envolvente, como sujeitos que tem o seu laço de pertencimento étnico estão em comunicação e trocando informações, mantendo o intercâmbio cultural. Como, Wagner (2010) revelou que a cultura é a própria vida humana e suas interpretações são inventadas no sentido do dinamismo e imprevisibilidade da realidade e da constante transformação, até porque o conhecimento está sempre sendo construído e reinventado por força das próprias interações sociais.

Deste modo, as trocas de intersubjetividades quando em relação social refletem-se nas alterações que vêm ocorrendo ao longo do tempo, as quais são sentidas no cotidiano dos grupos e nas construções identitárias, o que pode ser extraído de suas próprias narrativas. Portanto, estas mudanças já começaram e tendem a continuar acontecendo, em um fluxo sucessivo e de mão dupla que se desencadeia nos processos de sociabilidade.

ANDRADE Júnior, Lourival. **Os ciganos e os processos de exclusão**. Revista Brasileira de História [em línea] 2013, 33 (Diciembre-Sin mes). Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26329836005> ISSN 0102-0188.

BATISTA; Medeiros, Mércia, Jéssica de. **Nomadismo e Diáspora: sugestões para se estudar os ciganos**. Revista ANTHROPOLÓGICAS. Ano 19, 26(1):201-230, 2015.

BAUER; GASKELL, Martin W., George (editores). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi.– Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Editora: Jorge Zahar, 2005.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Editora: UFMG – Belo Horizonte, 1998.

BOLSANELLO; Maria Augusta. **Darwinismo social, eugenia e racismo “científico”: sua repercussão na sociedade e na educação brasileiras**. Educar, Curitiba, n.12. Editora da UFPR, 1996. p153-165.

BONONO, Mariana. et.al. **Representações Sociais de Mulher Cigana entre População Não-Cigana Brasileira e Italiana: Ancoragem Psicológica e Social**. Psicologia Social, Organizacional e do Trabalho. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Vol. 33, pp. 1-10. <http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e3354>

BONOMO, M., de Souza, L., Trindade, A. Z., Canal, D. F., Brasil, A. J., Livramento, M. A. et al. (2011). **Mulheres ciganas: medo, relações intergrupais e confrontos identitários**. Universitas Psychologica, 10 (3), 745-758. Acessado em: 07 de dezembro de 2017. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-926720100300009&lng=pt&nrm=iso

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **Gostos de classe e estilos de vida**. In: ORTIZ, Renato (org.) Bourdieu (Coleção Grandes Cientistas Sociais). São Paulo: Ática: 1983.

_____. **Questões de Sociologia**; tradução de Fabio Creder-Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. – (Coleção Sociologia),
CANDAUI, Joël. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Letícia Ferreira – 1ª ed..1reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6ª edição: revista e ampliada, São Paulo: Paz e Terra, 2002;

COSTA, Sérgio. **Dois Atlânticos: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo**. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

COSTA; VASCONCELOS, Elisa, Marcia. **Datas da celebração e luta dos direitos dos Povos Romani (Ciganos)**. AMSK/Brasil: Distrito Federal-DF, 2015.

CUNHA; BATISTA; Jamily Rogrigues da, Mércia Rejane Rangel. **Os ciganos em Souza- PB: Refletindo os modos de ser cigano a partir do atual cenário político brasileiro**. Revista Interface de Saberes. v. 13, n. 1 (2013). ISSN: 1981-

6812.

_____. **Sendo Cigano e estando em Sousa**: discutindo os modos de ser após 30 anos de “parada”. Monografia da Graduação em Ciências Sociais, Bacharelado em Antropologia UFCG – Universidade Federal de Campina Grande, 2013.

DELEUZE; GUATTARI, Gilles, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol.5; tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997.

DERRIDA. Jacques. **“La Diférance”**. Conferencia en la Sociedade de Filosofia, el 27 de enero de 1968. En Traducción de Carmen González Marín (modificada; Horácio Potel), Cátedra, Madrid, 31998. Edición digital de Derrida en castellano.

_____. **A escritura e a diferença**. Série debates. 2ª ed. Editora Perspectiva S.A.; São Paulo, SP, 1995.

ELIAS; SCOTSON, Norbert e John L.. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder de uma pequena comunidade; tradução Vera Ribeiro; tradução do posfácio à edição alemã, Pedro Sússekind; apresentação e representação técnica, Frederico Neiburg. – Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FANTI; Mabielle Pedra. **Cultura e identidade cigana**: uma análise do movimento de sedentarização de grupos ciganos na metade sul do Rio Grande do Sul. Trabalho de Conclusão de Curso Especialização em Sociologia. Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, 2019.

FERRARI, Florência. **Um olhar oblíquo**: contribuições para o imaginário ocidental sobre ciganos. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). São Paulo: USP, 2002.

_____. FERRARI, Florência. **Ciganos nacionais**. *Acta lit.* [online]. 2006, n.32, pp.79-96. ISSN 0717-6848. <http://dx.doi.org/10.4067/S0717-68482006000100007>.

_____. O mundo passa: uma etnografia dos calon e suas relações com os brasileiros. Tese (Doutorado em Antropologia Social) São Paulo: USP, 2010.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. – 1.ed. 13 reimp. – Rio de Janeiro; LTC, 2008.

GEERTZ, C. et.al. **O papel da cultura nas ciências sociais**. Coleção Rosa dos Ventos. Vol.3. Porto Alegre: Editorial Villa Martha, 1980.

GILL, L. A; SILVA, E. B. **Perspectivas para a História Oral**. In: Pedro Robertt; Carla Rech; Pedro Lisbero e Rochele Fachineto. (Org.). Metodologia em Ciências Sociais Hoje: ráticas, Abordagens e Experiências de Investigação. 1ed.Jundiaí, Santa Catarina, Paco Editorial, 2016, v.2, p. 107-126. [capítulo]

GILROY. Paul. **Atlântico Negro**: modernidade e dupla consciência; tradução de Cid Knipel Moreira. – São Paulo: Ed.34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

_____. **Entre Campos**: nações, cultura e o fascínio da raça. Tradução Célia Maria Marinho de Azevedo et.al. – São Paulo: Annablume, 2007.

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. **Nômades e peregrinos**: o passado como

elemento identitário entre os ciganos calons na cidade de Sousa-PB. Periódicos USP, cadernos de campo, São Paulo, n. 19, p. 165-172, 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/cadernosdecampo/article/download/44746/48376>

_____. et. al. **Ciganos : olhares e perspectivas**. Organizadores: Maria Patrícia Lopes Goldfarb, Marcos Toyansk, Luciana de Oliveira (organizadores). - João Pessoa : Editora UFPB, 2019. p.p 5-8.

_____. HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Revistas dos Tribunais, 1990, edições vértice.

HOBBSAWM, Terente; et. al. **A invenção das tradições**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

HALL, Stuart. **A Centralidade da Cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Revista Educação e Realidade, v.2, número 2, 1997.

_____. Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução: Tomaz Tadeu daSilva e Guacira Lopes Louro. -11ª edição – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. Da diáspora. **Identidades e Mediações Culturais**; organização Liv Sovik; Tradução Adelaide La Guarda Resende... [et.al]. – Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

_____. **Ocidente e o resto**: discurso e poder. Projeto História, São Paulo, n. 56, pp.314-361, Mai.- Ago. 2016.

KARPOWICZ, Débora Soares. **A unidade na diversidade**: aspectos sobre a construção da identidade cigana. Revistas eletrônicas PUC/RS. Oficina do historiador. Porto alegre: PUC/RS. V.7, n.1 (2014),pp.138-152. Disponível em: <http://revistas.eletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/view/151769/8/11568>

_____. **Ciganos: História, Identidade e Cultura** [recurso eletrônico] /Débora SoaresKarpowicz -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

JACINTO, Felipe de Oliveira. **“O povo verdadeiro, autêntico”**: vivendo entre os Xavantesde Parabubure, Mato Grosso, Brasil. Revista Iberoamérica Social, dezembro 2018.

HANNERZ, Ulf. **Fluxos, fronteiras, híbridos**: palavras-chave da antropologia transnacional. Mana, vol. 3, nº 1, 1997, pp.7-39.

KI-ZERBO, Joseph. **História Geral da África I**: Metodologia e pré-história da África. –2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

LALLEMENT, M. **Histórias das ideias sociológicas** – Vol I: Das origens a Max Weber. Però-polis: Vozes, 2008.

LIMA, Télia Resende de Sousa. **Ciganos**: breve definição e análise dos movimentos sociais e políticas públicas no Brasil 2014. Revista Humi.-5, Out.14 . ano 2014.

MAZURANA, Dias; LAUREANO, Juliana; EVANGELISTA, Jaqueline e Lourdes Cardozo. **Povose Comunidades Tradicionais do Pampa**. – Porto Alegre: Fundação Luterana de Diaconia, 2016.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o Nomadismo: vagabundagens pós-modernas**; tradução de Marcos de Castro. – Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **O tempo retorna: Formas elementares da pós-modernidade**. Trad. Teresa Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. **Homo Eroticus - As Comunhões Emocionais**; tradução Abner Chiqueieri; revisão técnica Teresa Dias Carneiro. – 1ed- Rio de Janeiro: Forense, 2017.

MELLO Moraes Filho. 1981 [1886/1885]. **Os ciganos no Brasil & Cancioneiro dos ciganos, Belo Horizonte: Itatiaia.**

MENDES, Maria Manuela. **Etnicidade cigana, exclusão social e racismo**. 1997.

MOSCOVICI, Sergei. **OS CIGANOS ENTRE PERSEGUIÇÃO E EMANCIPAÇÃO**. Sociedade e Estado, Brasília, v. 24, n. 3, p. 653-678, set./dez. 2009. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1458.pdf>

MOONEN, Frans. **Ciganos Calon No Município De Sousa/PB (1993 – 2011)**. Disponível em: http://www.amsk.org.br/imagem/pdf/FMO_2013_Ciganos_Calon_Sousa.pdf.

_____. **Anticiganismo: os ciganos no Brasil e na Europa. 3ª edição digital revista e atualizada**. Recife, 2011. Disponível em: [/direitos/sos/ciganos/a_pdf/1_fmanticiganismo2011.pdf](http://direitos/sos/ciganos/a_pdf/1_fmanticiganismo2011.pdf).

_____. **Políticas Ciganas No Brasil E Na Europa. 2ª edição revista e atualizada**. Recife, 2013. Disponível em: http://www.amsk.org.br/imagem/pdf/FMO_2013_PolC3%ADticaCiganasBrasilEuropa.pdf

MOTTA, Eugênia. **Resistência aos números: a favela como realidade (In)quantificável**. Revista Mana 25(1): 072-94, 2019–DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1678-49442019v25n1p072>.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora (impresso no Brasil), 1976.

PEREIRA, Cristina da Costa. **Os ciganos ainda estão na estrada**. – Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

PERIPOLLI, Gláucia Casagrande. **As Raízes das Flores: Uma Etnografia de Mulheres Ciganas em Pelotas, RS**. 2013. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

PERPÉTUO; RÊSES, Lenilda Damasceno e Erlando da Silva. **Ciganicidade e Educação Escolar: Saber Tradicional e Conflito Étnico**. – Brasília: Tagore Editora, 2018.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo. Editora 34, 1999.

PORTELLI, Alessandro. **História oral e memórias**. Entrevista com Alessandro Portelli. **História e Perspectivas, Uberlândia (50): 197-226**, jan./jun. 2014.

REZENDE, Dimitri Fazito. **A identidade cigana e o efeito de “nomeação”**: deslocamento das representações numa teia de discursos mitológico-científico e práticas sociais. Antropologia. São Paulo: Scielo Brasil. Vol. 49, Nº. 2 (2006), pp. 690-729.

_____. **Transnacionalismo e Etnicidade – a construção simbólica da Romanesthàn (Nação Cigana)**. Minas Gerais: FAFICH – UFMG, 2000. Dissertação (Mestre em Sociologia), Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2000.

SCHOLTZ, Roswitha. **Homo Sacer e os ciganos, o anticiganismo – reflexões sobre uma variante essencial e por isso esquecida do racismo moderno**. – Lisboa: Antígona, 2014.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**; tradução Tomás Rosa Bueno – São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SASSEN, Saskia. **Expulsões Brutalidade e complexidade na economia global: Brutalidade e complexidade na economia global**. Editora Paz e Terra, 2016.

SCHIMIDT, Maria Luiza Sandoval; et al. **Halbwachs: memória coletiva e experiência**. Instituto de Psicologia – USP. São Paulo, 4(1/2), P.285-298, 1993.

SHIMURA, Mário Igor. Ser cigano: a identidade étnica em um acampamento Calonitinerante / Mário Igor Shimura. -- Maringá, 2017.

SEEL, Carlos Eduardo. **Sociologia Clássica. Marx, Durkheim e Weber**. 7.e. Petrópolis, RJ: Vozes – 2015.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** 1ªed. Editora: Editora UFMG, 2010.

TEIXEIRA, Rodrigo. **HISTÓRIA DOS CIGANOS NO BRASIL**. Núcleo de Estudo Cigano. Recife, 2008. Disponível em:/sos/ciganos/a_pdf/rct_historia_iganosbrasil2008.pdf

TOYANSK, Marcos. **O associativismo transnacional cigano: identidades, diásporas e territórios**.Tese (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas). São Paulo: USP, 2012.

_____. **Identidades ciganas: origens, grupos e contextos**. In: Ciganos: olhares e perspectivas. Organizadores: Maria Patrícia Lopes Goldfarb, Marcos Toyansk, Luciana de Oliveira (organizadores). - João Pessoa: Editora UFPB, 2019. p.p 15-38.

TRIVIÑOS, Augusto N.S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**. Editora, 1987.

WAGNER, Roy. **O poder da invenção**. In: A invenção da cultura. São Paulo: 2010, Cosac.

VANDENBERGHE, Frédéric. **As sociologias de Georg Simmel**. Tradução de Marcos Roberto Flamínio Peres.- Petrópolis: RJ; Vozes, 2018. – (Coleção Sociologia: Pontos de Referência).

WINKIN, Yves. **A nova comunicação: Da teoria ao trabalho de campo; organização e apresentação de Etienne Samanian**; [tradução Roberto Leal Ferreira]. – Campinas, SP: Papyrus, 1998.

ZALUAR, Alba. **Teoria e prática no trabalho de campo: alguns problemas**. In: CARDOSO, Ruth (org.). A aventura Antropológica: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

ZANINI, Debora. **Etnografia em mídias sociais**. In: Monitoramento e

Pesquisa em Mídias Sociais, Metodologia, aplicações e inovações. Organizadores: Tarcizio Silva e Max Stabile. Instituto Brasileiro de Análise e Pesquisa de Dados – IBAPD. pp 163- 185. 2016.

Anexos

Anexo 1 – Acampamentos ciganos no Brasil (2011)

Tabela 167 - Municípios, total e com acampamento cigano e local destinado para este fim, segundo as Grandes Regiões e as classes de tamanho da população dos municípios - 2011

Grandes Regiões e classes de tamanho da população dos municípios	Municípios		
	Total	Com acampamento cigano	
		Total	Com local destinado a este fim
Brasil	5 566	291	29
Até 5 000	1 303	19	1
De 5 001 a 10 000	1 212	42	6
De 10 001 a 20 000	1 400	51	3
De 20 001 a 50 000	1 043	80	9
De 50 001 a 100 000	324	40	7
De 100 001 a 500 000	245	52	3
Mais de 500 000	38	7	-
Norte	448	3	-
Até 5 000	86	3	-
De 5 001 a 10 000	81	-	-
De 10 001 a 20 000	108	-	-
De 20 001 a 50 000	111	-	-
De 50 001 a 100 000	42	1	-
De 100 001 a 500 000	19	1	-
Mais de 500 000	2	-	-
Nordeste	1 794	89	10
Até 5 000	242	2	-
De 5 001 a 10 000	363	8	1
De 10 001 a 20 000	591	23	1
De 20 001 a 50 000	427	31	3
De 50 001 a 100 000	114	14	5
De 100 001 a 500 000	46	10	-
Mais de 500 000	11	1	-
Sudeste	1 668	102	8
Até 5 000	399	4	-
De 5 001 a 10 000	300	18	2
De 10 001 a 20 000	356	16	1
De 20 001 a 50 000	286	32	1
De 50 001 a 100 000	98	13	1
De 100 001 a 500 000	122	24	1
Mais de 500 000	17	5	-
Sul	1 188	54	6
Até 5 000	433	4	-
De 5 001 a 10 000	273	7	1
De 10 001 a 20 000	234	7	1
De 20 001 a 50 000	147	13	2
De 50 001 a 100 000	53	9	1
De 100 001 a 500 000	44	13	1
Mais de 500 000	4	1	-
Centro-Oeste	466	43	7
Até 5 000	143	8	1
De 5 001 a 10 000	105	9	2
De 10 001 a 20 000	111	5	-
De 20 001 a 50 000	72	14	3
De 50 001 a 100 000	17	3	-
De 100 001 a 500 000	14	4	1
Mais de 500 000	4	-	-

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Pesquisa de Informações Básicas Municipais 2011.

Anexo 2 – Acampamento cigano e local com destino a este fim.

Tabulas de resultados



Tabela 168 - Municípios, total e com acampamento cigano e local destinado para este fim, segundo as Grandes Regiões e as Unidades da Federação - 2011

Grandes Regiões e Unidades da Federação	Municípios		
	Total	Com acampamento cigano	
		Total	Com local destinado a este fim
Brasil	5 566	291	29
Norte	449	3	-
Rorônia	52	-	-
Acre	22	-	-
Amazonas	62	-	-
Roraima	19	-	-
Pará	143	2	-
Amapá	18	-	-
Tocantins	139	1	-
Nordeste	1 794	89	10
Maranhão	217	5	1
Piauí	224	5	1
Ceará	184	8	1
Rio Grande do Norte	107	3	-
Paraíba	223	3	3
Pernambuco	189	5	1
Alagoas	102	2	2
Sergipe	75	5	1
Bahia	417	50	-
Sudeste	1 668	103	6
Minas Gerais	853	58	5
Espírito Santo	78	15	-
Rio de Janeiro	92	10	-
São Paulo	645	19	1
Sul	1 188	64	6
Paraná	399	22	3
Santa Catarina	293	15	1
Rio Grande do Sul	496	17	2
Centro-Oeste	460	43	7
Mato Grosso do Sul	78	5	1
Mato Grosso	141	-	-
Goiás	240	38	6
Distrito Federal	1	-	-

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Pesquisa de Informações Básicas Municipais 2011.

Anexo 3 – Planilha Maylê Sara Kali

UNIDADES DA FEDERAÇÃO E MUNICÍPIOS COM ACAMPAMENTO CIGANO BRASIL, 2009 E 2011

LEGENDA

Municípios COM acampamento nos DOIS levantamentos (2009 e 2011)

Municípios COM acampamento em 2009 e SEM acampamento em 2011

Municípios SEM acampamento em 2009 e COM acampamento em 2011

MUNIC 2009		
Item Geográfico	Frequência	%
Rio Grande do Sul	20	6,9
Água Santa		
Antônio Prado		
Bom Retiro do Sul		
Capão do Leão		
Caxias do Sul		
Chuí		
Farroupinha		
Flores da Cunha		
Itaqui		
Lajeado		
Novo Hamburgo		
Pantano Grande		
Pelotas		
Porto Alegre		
Quaraí		
Santa Cruz do Sul		
Santa Maria		
Santo Ângelo		
São Sepé		
Viadutos		

Fonte: IBGE - Pesquisa de Informações Básicas Municipais
Elaboração: AMSK/Brasil

MUNIC 2011		
Item Geográfico	Frequência	%
Rio Grande do Sul	17	5,8
Bagé		
Benito Gonçalves		
Camaquã		
Cambará do Sul		
Capão da Canoa		
Chuí		
Gravataí		
Ijuí		
Jaguarão		
Maquiné		
Montenegro		
Passo Fundo		
Paverama		
Pelotas		
Porto Mauá		
Taquara		
Viamão		

Fonte: IBGE - Pesquisa de Informações Básicas Municipais
Elaboração: AMSK/Brasil

Anexo 4 – Leitura de mãos, Caravana Esmeralda Cigana

Caravana Esmeralda Cigana Rose Win... [Enviar mensagem](#) [Curtiu](#) [Q](#) [...](#)

ciganos sem fronteiras que curtem a Liberdade e a Cultura do Nosso Povo. Optchá!

1.324 pessoas curtiram isso, incluindo 5 dos seus amigos

1.335 pessoas estão seguindo isso

(51) 9143-0324

[Enviar mensagem](#)

rosecler.winter@gmail.com

[Site de sociedade e cultura](#)

Fotos [Ver tudo](#)



Rose Winter está em Luz Cigana.
28 de fevereiro · São Leopoldo, Rio Grande do Sul · [Q](#)

Os ciganos e as ciganas são muito molestados no seu cotidiano pelas autoridades policiais. Conhecedoras do espírito humano como poucas, as ciganas leem mãos, e falam o que sentem, e o que as pessoas esperam que se lhes diga.

Essa sua arte, por um ranço autoritário, era proibida, punida como CONTRAVENÇÃO PENAL.

Era - repito- ERA - o Art. 27 da Lei de Contravenções Penais, que DIZIA:


Explorar a credulidade pública mediante sortilégios, predição do

#book.com/caravanaesmeralda


facebook [Home](#) [Feed](#) [Videos](#) [Marketplace](#) [Groups](#) [Pages](#)

Caravana Esmeralda Cigana Rose Win... [Enviar mensagem](#) [Curtiu](#) [Q](#) [...](#)

Fotos [Ver tudo](#)



Vídeos [Ver tudo](#)



Os ciganos e as ciganas são muito molestados no seu cotidiano pelas autoridades policiais. Conhecedoras do espírito humano como poucas, as ciganas leem mãos, e falam o que sentem, e o que as pessoas esperam que se lhes diga.

Essa sua arte, por um ranço autoritário, era proibida, punida como CONTRAVENÇÃO PENAL.

Era - repito- ERA - o Art. 27 da Lei de Contravenções Penais, que DIZIA:

Explorar a credulidade pública mediante sortilégios, predição do futuro, explicação de sonho, ou práticas congêneres:
Pena – prisão simples, de um a seis meses, e multa, de quinhentos mil réis a cinco contos de réis.

ESTA DISPOSIÇÃO DA LEI NÃO EXISTE MAIS! Foi revogada pela Lei nº 9.521, de 27.11.1997.

Portanto, HÁ QUASE 20 ANOS que deixou de ser uma conduta proibida!

As autoridades policiais, entretanto, ficam tentando enquadrar a conduta de leitura de mãos ora como sendo ESTELIONATO, ora EXTORSÃO.

O ENQUADRAMENTO É ABUSIVO, e significa ABUSO DE AUTORIDADE, ou CONSTRANGIMENTO ILEGAL, crimes graves.

Portanto, se, fazendo sua leitura de mão, uma cigana for molestada por uma autoridade policial, PROCURE O MINISTÉRIO PÚBLICO - federal ou estadual -, e comunique o ocorrido. Texto do Dr. Luciano Mariz Maia

Anexo 5 – Ciganagens: Memória





**SAMUDARIPEN
27 DE
JANEIRO**

ciganagens • Seguindo

processos mistificados, pois o 27 de janeiro da liberação em Auschwitz, pelos soldados soviéticos, não houve povos Roma para serem libertos. Não sobrou nenhum.

É uma estratégia operacional do mundo gadje não escrever muito sobre esses momentos na história. O apagamento pode ser considerado intencional, afinal assumir genocídio faria realçar esse mundo como algo

Curtido por **gabiroba.marques** e outras 113 pessoas

27 DE JANEIRO

Adicione um comentário... [Publicar](#)



**SAMUDARIPEN
27 DE
JANEIRO**

ciganagens • Seguindo

cultura nazifacista. A Agência Europeia para os Direitos Fundamentais (FRA), apontou o racismo para com a comunidade Roma: o anti-ciganismo, como a forma mais forte de racismo em toda a Europa e no mundo. Mais socialmente aceito. Não questionado. Porajmos é essa socialização em sua face mais cruel.

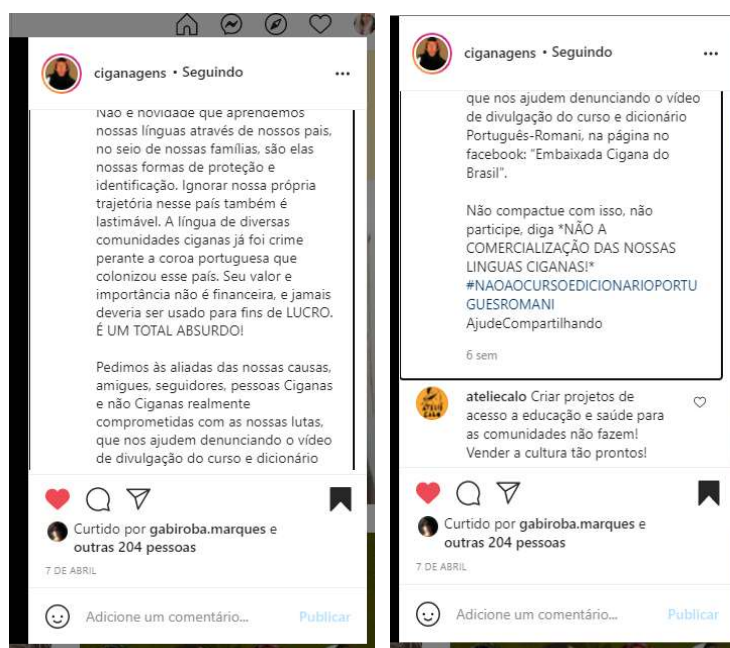
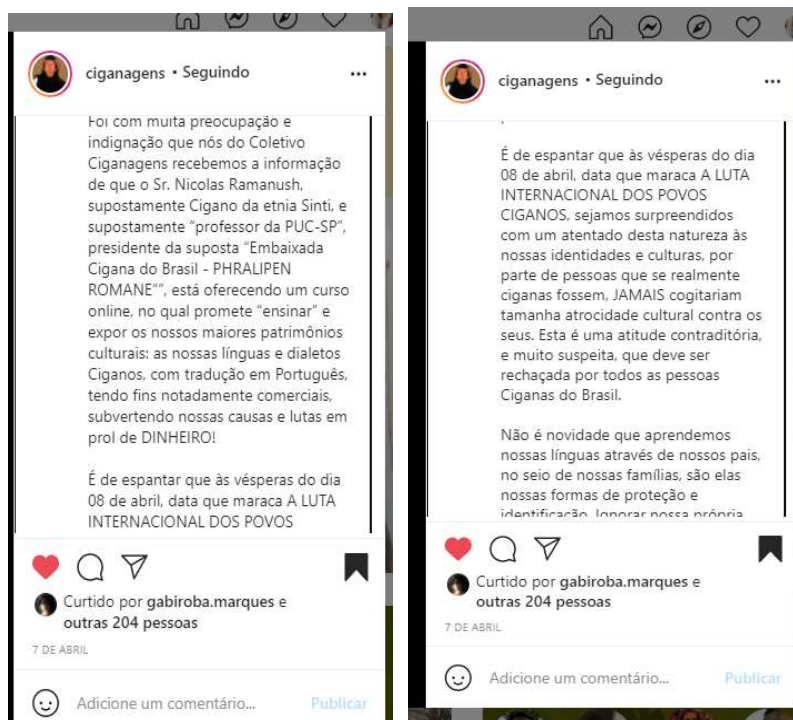
16 sem

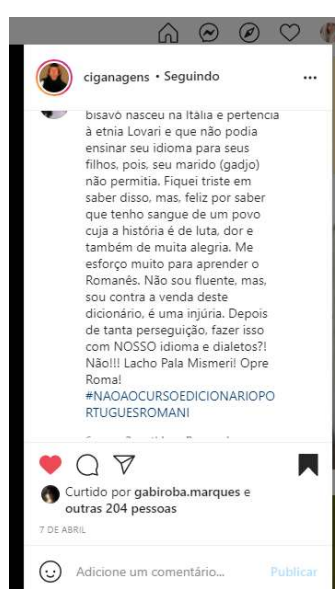
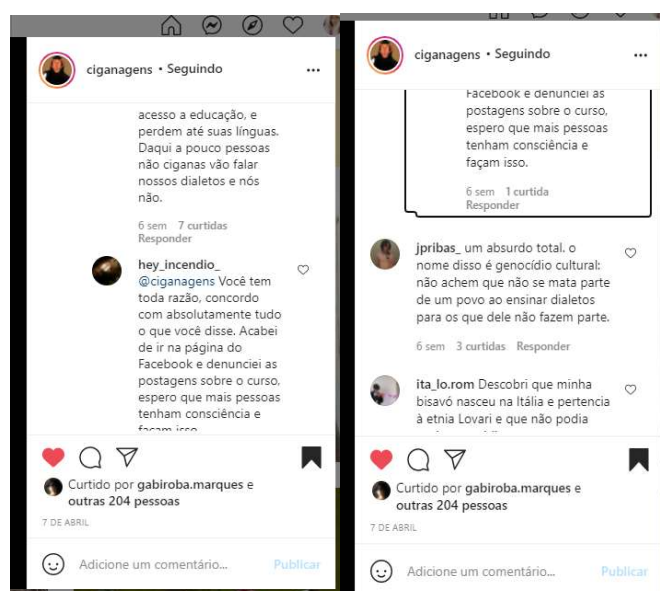
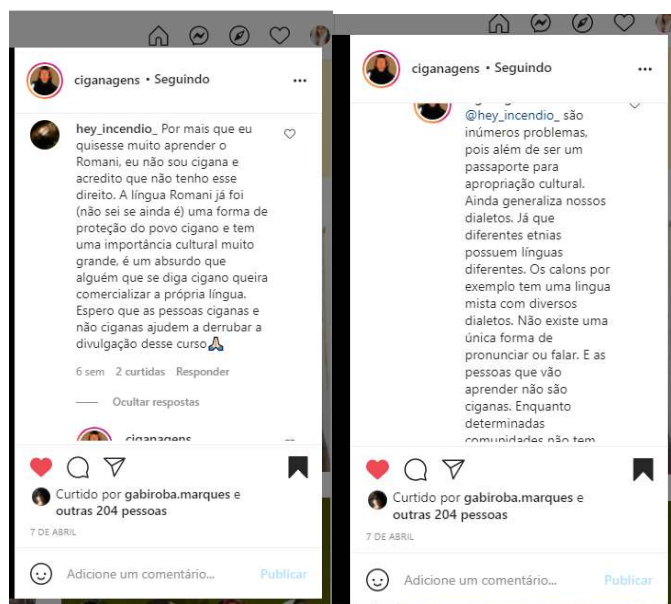
Curtido por **gabiroba.marques** e outras 113 pessoas

27 DE JANEIRO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

Anexo 6 – Dicionário Romani: Ciganagens





Anexo 7 - Dicionário Romani: Página Caravana Esmeralda Cigana

Caravana Esmeralda Cigana Rose Win...

Enviar mensagem
Curtiu
🔍
⋮

1.324 pessoas curtiram isso, incluindo 5 dos seus amigos

1.335 pessoas estão seguindo isso

(51) 9143-0324

Enviar mensagem

rosecler.winter@gmail.com

Site de sociedade e cultura

Caravana Esmeralda Cigana Rose Winter
7 de abril · 🌐
⋮

Chega de palhaçada

Problema de: **Organizações**

Este texto tem o objetivo de denunciar a situação de discriminação e preconceito que os povos cigano e gitano enfrentam no Brasil. É necessário que haja uma mudança de postura por parte da sociedade brasileira para que possamos construir um futuro mais justo e igualitário.

Denunciamos com especial repúdio a atitude de quem se apresenta como cigano ou gitano, mas não possui essa origem, utilizando-se dessa identidade para obter vantagens econômicas, sociais e políticas. Essa prática é considerada uma forma de apropriação indevida e discriminação contra os povos ciganos e gitanos.

Queremos também alertar a todos os cidadãos, especialmente aqueles que trabalham em áreas de contratação pública, para que não sejam enganados por pessoas que se apresentam como ciganas ou gitanas sem realmente serem. Isso pode resultar em prejuízos financeiros e danos à imagem de suas organizações.

Esperamos que este texto seja lido e compartilhado por todos os brasileiros, para que possamos juntos lutar por uma sociedade mais justa e inclusiva.

Este texto não tem o objetivo de ofender ou insultar ninguém, apenas expor a realidade e pedir por uma mudança de postura. Todos os povos ciganos e gitanos são pessoas dignas e merecedoras de respeito e consideração.

Por isso, convidamos a todos os cidadãos brasileiros a se juntarem a nós e lutar por uma sociedade mais justa e inclusiva. Vamos juntos lutar por uma sociedade onde todos tenham o mesmo acesso a oportunidades e onde não haja discriminação e preconceito.

Assinaturas e Logos: **100 Povos Ciganos e Gitanos do Brasil** e **100 Povos Ciganos e Gitanos do Brasil** e outras organizações.

1. Associação dos Povos Ciganos do Brasil - APCB
 2. Associação dos Povos Gitanos do Brasil - APGB
 3. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 4. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 5. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 6. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 7. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 8. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 9. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 10. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 11. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 12. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 13. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 14. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 15. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 16. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 17. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 18. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 19. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 20. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 21. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 22. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 23. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 24. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 25. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 26. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 27. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 28. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 29. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 30. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 31. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 32. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 33. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 34. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 35. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 36. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 37. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 38. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 39. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 40. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 41. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 42. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 43. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 44. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 45. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 46. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 47. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 48. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 49. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 50. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 51. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 52. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 53. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 54. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 55. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 56. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 57. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 58. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 59. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 60. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 61. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 62. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 63. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 64. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 65. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 66. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 67. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 68. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 69. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 70. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 71. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 72. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 73. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 74. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 75. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 76. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 77. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 78. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 79. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 80. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 81. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 82. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 83. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 84. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 85. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 86. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 87. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 88. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 89. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 90. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 91. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 92. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 93. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 94. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 95. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 96. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 97. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 98. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 99. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB
 100. Associação dos Povos Ciganos e Gitanos do Brasil - APGIB

Fotos

Ver tudo

Caravana Esmeralda Cigana Rose Win...

Enviar mensagem
Curtiu
🔍
⋮

Vídeos

Ver tudo

"...A mulher quando baila, provoca paixão..."

43 curtidas

há 7 anos

mirian stanescon
6 de abril · 🌐

Vamos dar um BASTA na deturpação da cultura e tradição do Povo Cigano!

Fizemos um Manifesto com repúdio a cursos de Romanês (idioma Universal do Povo cigano) e Chibi (idioma Kalon), por se tratar do nosso patrimônio imaterial, além de só ser permitido o ensino de pai para filho CIGANOS. Denunciamos também a invenção do 'batizado cigano', no qual alguns 'não ciganos' se fazem passar por ciganos e oferecem 'batizado e diploma' para 'virar' cigano. Isso não existe!

Protocolamos via Ofício à Ministra Damares do Ministério da Mulher, da Família e de Direitos Humanos, Senado Federal (Presidência, Comissão de DH e Sen Telmário Mota) Câmara dos Deputados (Comissão de DH) e Ministério Público Federal (6a Câmara - Dr Luciano Mariz Maia)

DENUNCIEM! Não sejam enganados!

Ajude-nos divulgando para o maior número de pessoas!

Contamos com vocês!

#manifesto #repudio #basta #senado #senadofederal #federal #camara #dh #direitoshumanos #deputados #ciganos #deputadosfederais #povocigano #gypsy #deputadosestaduais #oab #camaradosdeputados #oabrj #oabnacional #ciganosunidos #povounido #denuncia #denuncie #ciganosnobrasil #ciganosverdadeiros #verdadesciganas #raizesciganas #gitanos #gypsy #gypstyle

Transparência da Página

Ver tudo

O Facebook está mostrando informações para ajudar você a entender melhor o propósito de uma Página. Veja as ações das pessoas que administram e publicam conteúdo.

Página criada em 5 de agosto de 2013

MANIFESTO

Prezados Srs.,

@ciganamirianstanescon

Estamos realmente preocupadas com o rumo que a divulgação da tradição do nosso povo está tomando.

Vemos por aí uma grande 'representação de 'não ciganos' se fazendo passar por 'ciganos' e com isso, ensinamentos totalmente equivocados sobre a nossa cultura e verdadeiras tradições e valores.

Destacamos que **nosso idioma é o nosso patrimônio imaterial**. Sempre foi e continuará sendo nossa '**defesa**'. Haja visto tudo que foi vivenciado nos campos de concentração por nossos ancestrais. Foi com a nossa comunicação que muitos dos nossos conseguiram se salvar.

Quem realmente é cigano e entende de tradição, sabe que nosso idioma só pode ser passado de geração para geração e **JAMAIS** pode ser ensinado a quem não pertence ao povo cigano.

Creemos que a **UNIÃO** do Povo Cigano seja essencial para darmos um basta no verdadeiro 'oba-oba' que se transformou a nossa cultura!

Não deixemos mais que nossas tradições e costumes sejam desrespeitados e inventados.

Não existe '*batismo cigano*', existe sangue cigano, apenas aquele que é filho de cigano! Vamos dar um basta nestas invenções!

Aceitemos somente o que os nossos pais e avós nos passaram.

Podemos pertencer a vários clãs: *Kalderash, Moldovaia, Roraranê, Matifanco, Calon, Sibiano, Lovaria*, porém somos **TODOS CIGANOS** e assim devemos nos comportar.

Isto Posto, gostaríamos de ver as verdadeiras lideranças reunidas para que possamos reestabelecer a ordem e a união do nosso Povo, independentemente do clã a que pertençam.

O momento é agora Srs.!

SEM UNIÃO NOS TORNAREMOS A MINORIA DAS MINORIAS e veremos nossa cultura se perder ainda mais.

À disposição,

Mirian Stanescon e Lhuba Stanescon Batuli

Ciganas do Clã Kalderash

Advogadas

Membros Consultoras da Comissão de Direitos Humanos da OAB Nacional

ciganamirianstanescon@gmail.com



Em apoio a esse manifesto segue as seguintes, Associações, Coletivo, Comunidades, Federações e Confederação, organização Cigana da Sociedade Civil no Brasil. @ciganamirianstanescon

1. Associação Nacional das Etnias Ciganas – ANEC – Sobradinho/Brasília/DF
Presidente: Wanderley da Rocha
2. Associação Comunitária Otávio Maia – Sousa/PB
Presidente: Cicero Romão Batista
3. Associação Pedro Benício Maia – Sousa/PB
Presidente: Francisco Lacerda Figueiredo
4. Associação Raimundo de Doca Gadelha – Sousa/PB
Presidente: Francisco Vidal (Nestor Cigano)
5. Associação Nacional das mulheres ciganas – Porto Seguro/BA
Presidente: Edvalda Bispo dos Santos Viana (Dinha)
6. Associação Nacional e Cultura Universo Romale de Taubaté – Taubaté/SP
Presidente: Carlos Benjamim
7. Associação Estadual das Etnias Ciganas de Mato Grosso – AECC – Cuiabá/MT
Presidente: Fernanda Alves Caiado
Aluizio de Azevedo
8. Associação do Centro de Referência Cigana de Santa Catarina – Major Vieira/SC
Presidente: Rogério Silva
9. Associação dos Cantores Ciganos do Brasil – ACCB – Trindade/GO
Presidente: Júlio Cesar Rodrigues
Divino Ferreria (Secretário)
10. Associação Estadual e Cultural de Direitos do Povo Cigano de Minas Gerais - MG
Presidente: Ilamar Pena Soares
11. Associação cedro Centro de Estudos e Discussões Romani - CEDRO/SP
Presidente: Maura Ney Piemonte
12. Associação Ciganos Itinerantes do Rio Grande do Sul – São Leopoldo/RS
Presidente: Rose Winter
13. Associação dos ciganos do estado do Ceará – Tianguá/CE
Presidente: Paloma Maia **@ciganamirianstanescon**
14. Associação de preservação da cultura cigana do Ceará - ASPRECCEC
Distrito de Catuana/ Caucaia/CE
Presidente: José Eudo
15. Associação Comunitária dos Ciganos de Condado - PB – ASCOCIC
Presidente: Maria Jane Soares Targino Cavalcanti
16. Associação dos Ciganos de Pernambuco - ACIPE – Recife/PE
Presidente: Enildo Soares dos Santos Filho
17. Associação Nacional da Ciganas Calins – ANCC - Itapevi/SP
Presidente: Sonia Amaral
18. Associação Estadual dos Ciganos do Espírito Santo – AECCS – Serra/ES
Presidente: Lucilene de Oliveira Souza
19. Centro Calon de Desenvolvimento Integral – CCDI – Sousa/PB
Presidente: Francisco Lacerda Figueiredo
20. Centro de Pesquisa da Cultura Roma (CEPRECO) – Volta Redonda/RJ
Presidente: Alessandra Tubbs
21. Centro de Cultura e Tradições Ciganas Rom do Rio Grande Norte – ACIGAROM (Segmento Rom Mathuano) - Natal/RN
Presidente: Omar Ivanovich
22. Circo Coliseu de Roma (Circense) - Vargina/MG
Presidente: Rodrigo Mikalovic
23. Comunidade Cigana Circense Família Sbanò – SP/SP
Presidente: Adriana Sbanò
24. Coletivo Roda Cigana do Estado de São Paulo - Rede Humanitária
Coordenadora: Lu Ynaia: Lourdes Corrêa (Lu Ynaiah)
25. Comunidade Centro de Tradição Romani – São Paulo/SP
Presidente: Barô Jorge Nicole
26. Comunidade Família Cigana Calon Claudomiro Cigano (Marcos Antônio Pantaleão - Zona da Mate Mineira) – Conselheiro Lafaiete/MG
(Filial da Roda Cigana/SP)
27. Comunidade Cigana Calon do Estado do Paraná – Curitiba, São José dos Pinhais, Campo Largo, Campo do Tenente, Lapa, Reserva, Ponta Grossa, Prudentópolis, Irati, Cascavel, Paçandu, Apucarana, Ortigueira, Guaira e Londrina.


Marcelo Carvalho, Rodrigo Dourado, Sadi Motta, Duim Motta, Leandro Galvão, Ciara Galvão, Inácio Galvão, Sandro Galvão, Nardi Casanova, Mario Galvão, Weverton Passos, Sebastião Passos, Renato Soares e Rose Soares, Rodrigo de Souza, Jean Alves e Roberlei Alves, Gian e Mauro Galvão, Vantuir da Rocha, Gilmar da Rocha, Zenaide da Rocha, Cleone Fabio Fernandes, Regina Rocha, Solange Ferreira Rocha, Andreia Rocha, Antonio e Eva Rocha.

@ciganamirianstanescon


28. Confederação Brasileira Cigana – CBC – Brasília/DF
Presidente: Rogério Nicolau
29. Federação Cigana de Minas Gerais – FEMICI – Belo Horizonte/MG
Presidente: Leonardo Costa Kwiek
30. Federação Cigana de Alagoas – Penedo/AL
Presidente: José Willamis Alves Da Silva
31. Federação Cigana de Santa Catarina - SC
Presidente: João Rafael Amoedo
32. Federação Cigana do Distrito Federal – Brasília/DF
Presidente: Divino Jorge Luís
33. Federação Cigana do Rio Grande do Sul – Passo Fundo/RS
Presidente: Roberto Nicolau
34. Federação Cigana de São Paulo – São José do Rio Preto/SP
Presidente: Carlos Traico Tosco
35. Instituto Cigano do Brasil-ICB – Caucaia/CE
Fórum das Comunidades e Povos Tradicionais do estado do Ceará.
Presidente: Rogério Ribeiro
36. Associação Municipal Cultural de Direitos e Defesa dos Povos Ciganos de Andradas
Presidente: João Batista Nogueira
37. Associação Municipal Cultural de Direitos e Defesa dos Povos Ciganos de Santa Bárbara
Presidente Ari dos Santos
38. Associação Cultural de Direitos e Defesa dos Povos Ciganos de Uberlândia/MG
Presidente: Pedro Costite Júnior
39. Instituto de Cultura, Desenvolvimento Social e Territorial do Povo Cigano
Presidente: Rogério Ribeiro Nascimento

Anexo 8 - Cigano não é religião – Página Caravana Esmeralda Cigana

[Página inicial](#) [Sobre](#) [Fotos](#) [Eventos](#) [V](#)

 **Caravana Esmeralda Cigana Rose Winter** compartilhou uma lembrança.
1 de mai. de 2020 · 🌐

 **Há 8 anos**
Veja suas lembranças >

 **Rose Winter** está com **Adê Carmen Guimarães Lovari e Emerson Cigano** em **São Leopoldo**.
1 de mai. de 2013 · 🌐

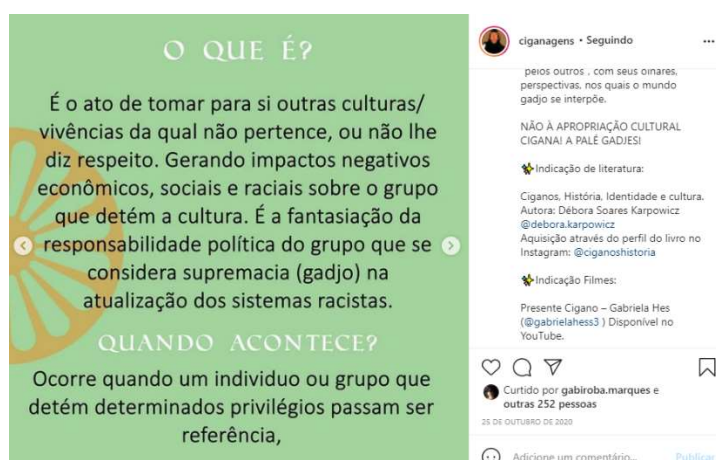
NÃO ADIANTA EXPLICAR QUANDO AS PESSOAS
NÃO QUEREM ENTENDER...
TÃO POUCO ARGUMENTAR QUANDO ELAS JÁ
TEM A OPINIÃO FORMADA...
PRECONCEITOS E PRÉ-CONCEITOS!
MAIS UMA VEZ, NÃO EXISTE INICIAÇÃO CIGANA
SIMPLEMENTE PORQUE CIGANO NÃO É
RELIGIÃO...
SOMOS PERSEGUIDOS E ROTULADOS POR
PESSOAS QUEM NEM AO MENOS SABEM O QUE

[Página inicial](#) [Sobre](#) [Fotos](#) [Eventos](#) [Vide](#)

ESTÃO DIZENDO, CONHECEM-NOS ANTES DE
RELIGIÃO E AO MESMO TEMPO NÃO SABEM
NADA!
QUE PENA!!!!
CONHEÇAM-NOS ANTES DE JULGAR-NOS!
QUE DEUS E SANTA SARA KALI ABRA OS OLHOS
E OS CORAÇÕES DESTAS PESSOAS. OPTCHÁ.
Beijos iluminados



9 - Cartilha Ciganagens – Apropriação Cultural



CARTILHA CIGANAGENS

Isso alimenta os lapsos históricos que existem para os grupos étnicos. Como a falta de visibilidade, de políticas públicas, de poder econômico e referência para outros ciganes. Isso afeta diretamente nossa alta estima, economia e oportunidades. Tal apropriação não é, de modo algum, por admiração e respeito à nossa cultura. Pois não se admira algo que não se conhece, e reforça marcadores racistas. Preferir a fantasia do mistério e exotização é sobre racismo.

ciganagens • Seguindo

royrogeres A PALÉ GADJES!
29 sem 2 curtidas Responder

royrogeres Muito orgulho do nosso trabalho! @illo.dan @cigana_e_dissimulada Amo muito vocês, primes! Sigamos fazendo da indignação mola propulsora da transformação!!
29 sem 3 curtidas Responder

marcalcantara
29 sem 2 curtidas Responder

Curtido por **gabirola.marques** e outras 252 pessoas
25 DE OUTUBRO DE 2020

APROPRIAÇÃO CULTURAL

O povos Romá não tem uma visibilidade ampla para combater isso. No nosso entendimento, é possível perceber o uso comercial das culturas ciganas, sobretudo, relacionados à espiritualidade e religião, amplificados com o uso das mídias digitais, e ainda mais ampliado no atual contexto pandêmico! Prometem mundos e fundos, se fantasiam completamente de nós, criam ambientes impressionantes, mas por trás das máscaras quem são?

ciganagens • Seguindo

deborakarpowicz Que trabalho lindo. Parabéns!!
29 sem 3 curtidas Responder

ciganagens @deborakarpowicz haaaaa meu sonho seu livro chegar em mais pessoas! Gratidão sempre, por tudo, professor! É muito importante pra mim. Contar contigo motiva e fortalece o meu caminhar!
29 sem 3 curtidas Responder

Curtido por **gabirola.marques** e outras 252 pessoas
25 DE OUTUBRO DE 2020

!

CARTILHA CIGANAGENS

Personagens? Espíritos? Quem são essa pessoas? Brancas? Brancas? Quais as reais identidades? Estas questões ficam evidentes para seguidores, clientes, amigos? Como é ganhar oceanos de dinheiro se fantasiando de cigana e cigano e fingindo ser um de nós? Sobre ciganologia (estudos ciganos) Cristina da Costa Pereira (2018) afirma que que “a ciganologia só adquire sua plenitude como ciência quando os ciganos escrevem sua própria história”. Nós concordamos, e estamos aqui para fazer isso!

ciganagens • Seguindo

tassi_lobas Parabéns @ciganagens! Sempre nos proporcionando conteúdos com muita didática e trazendo todes à reflexão! Por um mundo antirracista e que sejam respeitados os lugares de fala... tny sempre meus amigos! Parabéns redatores!
29 sem 2 curtidas Responder

ciganagens @tassi_gitanadance Gracias meu bem!
29 sem 2 curtidas Responder

Curtido por **gabirola.marques** e outras 252 pessoas
25 DE OUTUBRO DE 2020

COMBATENDO A APROPRIAÇÃO:

- Estudar a respeito das histórias dos povos Romá no Brasil e no mundo.
- Nos dar o devido lugar do protagonismo quando se tratar de nossa cultura.
- Valorizar nossos serviços e vozes.
- Não estereotipar nossas vivências.
- Entender que a ancestralidade é um marcador de resistência, diáspora e etnia.

Ciganagens 2020
Sara Macêdo, Roy Rogeres e DAN

ciganagens • Seguindo

michele.de.michele.mesma Muito bom!
29 sem 2 curtidas Responder

carolinaffroes Que trabalho lindo!! Muito forte e importante, repleto de informação e direcionamento. Parabéns por tamanha dedicação!
29 sem 3 curtidas Responder

ciganagens @carolinaffroes gratidão pelo carinho!
29 sem 2 curtidas Responder

Curtido por **gabirola.marques** e outras 252 pessoas
25 DE OUTUBRO DE 2020

10 – A exotização da cultura, página Caravana Esmeralda Cigana

Página inicial Sobre Fotos Eventos Ví

Caravana Esmeralda Cigana Rose Winter
4 de mai. de 2020 · 🌐

ASCOCIC
4 de mai. de 2018 · 🌐

Vamos lá!
Repúdio

As duas "modalidades" da cultura cigana. A realidade milenar de um povo cigano, com culturas, costumes e tradições. E a aculturação de oportunistas que só alimenta os estereótipos que nos Ciganos sofremos por causa de atos interesseiros e maldosos, ao venderem o que não os pertencem o que não os conhecem e pregam fantasias e mentiras que nos prejudicam enquanto ciganos. A realidade do nosso povo é bem outra, não podem frequentar ambientes públicos ou

podem frequentar ambientes públicos ou privados que são investigados ou colocados pra fora, chamados a atenção por autoridades acionadas pelas próprias sociedade. . Eventos como esses aí, maioria do povo cigano não tem nem conhecimento de tal, por vários motivos um deles é acesso a educação. Repudiamos, a aculturação de pessoas que se aproveitam de nossa Cultura, passando para a sociedade mentiras de nosso povo cigano, com batizados ciganos: ISSO NÃO EXISTE!!! Somos um povo que roteia e habita em todo território brasileiro e fora dele também, em todo país existe povo cigano. Cigano não é uma religião é uma etnia que tem costumes, que tem tradição que tem cultura. Estão vendendo que de nós é mas precioso: nossa identidade. Isso é crime é violação! Aí segui um pouco do comércio e da realidade do povo cigano de muitos dos "comerciantes" dessa cultura milenar. Pessoas que pensam que ser cigano é vestir uma saia, dançar coreograficamente. ter á audácia de dar cursos

Enviar mensagem

Página inicial Sobre Fotos Eventos Ví

coreograficamente, ter á audácia de dar cursos ciganos, certificados ciganos, curso de taro9, cartas ciganas... A cultura cigana as cartas á leitura de mão é um dom que nascem com algumas das mulheres Ciganas e não um curso. E quando não ciganas, e sim simpatizante, eu falei simpatizantes essa prática estar errada de vender uma cultura que não é sua, que só vem aumentando o preconceito contra um povo sofrido pela sociedade racista. O povo cigano respeita, é parceiro e pedem o mesmo para com seu povo sua história, assim como demais etnias e segmentos, o povo cigano que pode ser protagonista de sua história de sua cultura e sua realidade "nua e crua"!

Página inicial Sobre Fotos Eventos Ví

crua"!

Festa de Santa Sara
Workshop
Tema: Dança Cigana com **xale** Imperdível 70,00
Introdução a técnica de xale

Alexandra Matias
João Pessoa/ Jp

Clara Aires adicionou 7 novas fotos.
11 de mai de 7:30am · 🌐
Mais uma noite de muito aprendizado.
Unidade do Dinâmica
Dança Cigana
Segundas 19:00 às 21:00

Grupo Lit e Vida
Vania Northwood PE

Enviar mensagem